

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, SOCIOLOGIA E POLÍTICA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA



A PROPOSTA DE UMA REFORMULAÇÃO MORAL EM MESTRE ECKHART

Linha de Pesquisa: Fundamentação e Crítica da Moral

Orientador: Prof. Dr. Manoel Vasconcellos

Antonio Carlos Lúcio

Pelotas, julho de 2013

ANTONIO CARLOS LUCIO

A PROPOSTA DE UMA REFORMULAÇÃO MORAL EM MESTREECKHART

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em filosofia, no programa de pós-graduação em filosofia da Universidade Federal de Pelotas

Orientador: Prof. Dr. Manoel Vasconcellos (UFPel)

2013

Dados Internacionais de Publicação (CIP)

L938p Lucio, Antonio Carlos

A proposta de uma reformulação moral em Mestre Eckhart / Antonio Carlos Lucio; Manoel Vasconcellos, orientador. - Pelotas, 2013.

96 f.

Dissertação (Mestrado em Filosofia), Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal De Pelotas. Pelotas, 2013.

1.Eckhart. 2.Moral. 3.Reformulação. I. Vasconcellos, Manoel , orient. II. Título.

CDD: 189.5

Catálogo na Fonte: Maria Fernanda Monte Borges CRB:10/1011
Universidade Federal de Pelotas

Banca examinadora

Aprovada em: _____

Prof. Dr. Manuel Vasconcellos (UFPel) (orientador)

Prof. Dr. Pedro Gilberto da Silva Leite Junior (UFPel)

Prof. Dr. Osmar Miguel Schaefer (UCPel)

RESUMO: Esta dissertação tem como propósito fundamentar a ideia de que o pensamento místico de Mestre Eckhart aponta para uma reformulação moral. Com tal intuito, nos remetemos, especialmente, a três textos do autor: *O Homem Nobre*, as *Conversações Espirituais* e *Sobre o Desprendimento*. A reformulação moral já pode ser percebida em *O Homem Nobre* e, mais ainda, nas *Conversações Espirituais*. É, contudo, em *Sobre o Desprendimento* que a mudança moral, preconizada por Eckhart, pode ser observada inteiramente. Ao apresentarmos as ideias de Eckhart, o nosso propósito é evidenciar que o autor medieval, ao postular uma reformulação moral, fundamenta suas concepções em bases filosóficas.

PALAVRAS-CHAVE: Eckhart, Moral, Reformulação.

ABSTRACT: This thesis aims to support the idea that Meister Eckhart's mythical thought points to a moral reformulation. For this purpose, three texts of the author are analyzed: "Of the Nobleman", "Talks of Instruction" and "On Detachment". Moral reformulation can already be found in "Of nobleman" and further in "Talks of Instruction". It is, however, in "On Detachment" that the moral change advocated by Eckhart can be fully observed. By presenting Eckhart's ideas, this study aims to highlight this medieval author who, upon postulating a moral reformulation, justifies his conceptions on philosophical grounds.

KEY-WORDS: Eckhart, Moral, Reformulation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8	
 CAPÍTULO I		
 A INFLUÊNCIA DE SANTO AGOSTINHO E DE PLATÃO SOBRE A FILOSOFIA DE MESTRE ECKHART: especificamente nos conceitos de interioridade e exterioridade existentes na obra O Homem Nobre, de Mestre Eckhart.		12
 CAPÍTULO II		
 SOBRE O HOMEM NOBRE: considerações sobre o homem interior e o homem exterior.		20
 CAPÍTULO III		
 AS CONVERSÇÕES ESPIRITUAIS: a ação interior do homem tem reflexo direto na sua ação exterior.....		39
 CAPÍTULO IV		
 SOBRE O DESPRENDIMENTO: a virtude do desprendimento frente às outras virtudes.		71
 CONCLUSÃO		86
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		92

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como propósito estudar a obra de Mestre Eckhart (1260-1327-8), a fim de demonstrar que tal obra contém a proposta de uma reformulação moral do homem. Eckhart é um autor medieval, um dos grandes expoentes do misticismo do final da idade média; num primeiro momento, parece inviável falar-se de moralidade no interior do movimento místico, mas tal movimento engloba a grande maioria das obras de Eckhart, escritas num período em que se colocam em dúvida as realizações morais, intelectuais, nas quais o homem estava inserido, principalmente o homem dos séculos XII à XIV.

A fim de elucidar tal reformulação, o presente trabalho está estruturado em quatro capítulos, quais sejam: o primeiro procurando evidenciar a influência recebida por Eckhart de Platão e Agostinho, autores que julgamos importantes para a construção da obra eckhartiana. Os demais capítulos têm como objetivo evidenciar aspectos relevantes de algumas obras de Eckhart, tendo em vista a necessidade de uma reformulação moral. Porque estas realizações, as morais e intelectuais, por se basearem em concepções cristãs não absorviam, no seu todo, as perguntas e as aflições da sociedade em geral. Tanto que, essa estrutura fundamentada com base cristã foi duramente criticada, por exemplo, no período após o medieval, ou seja, no período moderno.

Inicialmente, no primeiro capítulo, remeteremos a duas das principais influências de Eckhart: Platão e Agostinho, já que os conceitos de alma e corpo, tais como esses dois filósofos conceberam, tiveram uma grande importância para Eckhart, pois através desses conceitos Eckhart idealizou sobre as duas naturezas do homem e, conseqüentemente, estabeleceu a diferença entre o homem interno e o homem externo na sua obra *O Homem Nobre*. Dessa forma, ao estabelecer essa diferença, Eckhart lançou as ideias como, por exemplo, a aquisição das virtudes pelo homem e sobre o desprendimento. Desse modo, essas duas naturezas do homem são de fundamental importância para que outras ideias fossem desenvolvidas na teoria eckhartiana.

No segundo capítulo trataremos do texto *O Homem Nobre*, que remete às evidências de que o homem, cada vez mais, se afasta de sua interioridade e de Deus justamente por dar uma grande importância às coisas pertencentes ao mundo sensível, como, por exemplo, as conquistas materiais, os divertimentos e os prazeres. Mestre Eckhart de maneira alguma diz

que devemos desconsiderar o sensível, o mundo empírico, pois este vem completar nosso autoconhecimento, bem como é a partir dele que começamos a conhecer as coisas que estão na natureza e são indispensáveis para nossa sobrevivência. Todavia, com o passar do tempo, o homem criou uma série de afazeres e necessidades que trouxeram a distração, o adormecimento, afastando o homem de Deus e de sua interioridade, da reflexão e da busca do que realmente interessavaque, segundo Mestre Eckhart, era o encontro com Deus.

Assim, em *O Homem Nobre*, se descrevem os conflitos do homem que viveu naqueles tempos: o homem que acreditava em Deus, mas o caminho para chegar até Deus estava confuso. Em alguns momentos, o homem do fim da idade média, por não saber se estava realmente no caminho que levava ao encontro de Deus ou se faltava algo para realizar seus desejos, se deparava com um conflito em sua vida: mesmo que acreditasse nas ESCRITURAS SAGRADAS, em determinados momentos, sentia falta de algo a mais para que pudesse encontrar-se com Deus. Evidenciando esse conflito, esperamos começar a desenvolver ideais filosóficas que estão presentes na teoria de Eckhart.

Com a obra *O Homem Nobre*, Mestre Eckhart criou conceitos que podem levar o homem a alcançar o máximo da elevação humana, que é o conhecimento de si e o conhecimento definitivo de Deus. Entretanto este conhecimento não deve ficar somente em um nível interno, que deve ser mostrado pelo homem na sua ação, no seu dia a dia, em seu convívio social.

Percebe-se, portanto, que com o texto *O Homem Nobre* se quis retomar a busca pela interioridade humana: percebe-se, com isso, que nos foi apresentado um meio que, se fosse seguido, conduziria o homem a entrar em contato com Deus, através da sua interioridade, assim, como nas ideias de interioridade e exterioridade de Eckhart está presente um teor filosófico. Logo, para que se possa verificar essa característica é preciso ir além e observar a ação que o homem deve ter ao entrar no caminho dos degraus de evolução, apresentados no texto *O Homem Nobre*.

Neste texto, *O Homem nobre*, já se tem uma relação ou, mais do que isso, tem-se presentes características das *Conversações Espirituais*, que será o texto apresentado no terceiro capítulo; nesta obra, Eckhart visa apresentar uma evolução, um afastamento do mundo externo. Ao mesmo tempo, porém, isso deve acontecer em conjunto com as ações do homem, que deve adquirir e praticar as virtudes da ação livre, da verdadeira obediência e da boa vontade, e é isso que está fortemente indicado nas *Conservações Espirituais*, quando Eckhart afirma que o homem não deve se afastar do meio em que vive, mas ai mesmo deve agir de acordo com sua interioridade. É importante dizer que o texto *Conversações Espirituais* é um

conjunto de diálogos entre Eckhart, seus alunos, discípulos, para os quais ele responde algumas questões, por exemplo, sobre o que é a verdadeira obediência, sobre os preocupados, cheios de si mesmo, sobre o despojamento e a posse de Deus, sobre como o homem deve agir da forma mais razoável possível, entre outras, num total de vinte e três perguntas respondidas por Eckhart.

Com o texto *O Homem Nobre*, como já foi dito, há uma ação conjunta com o afastar-se do externo, mas, ao mesmo tempo, um manifestar-se neste externo, tal como aparece nas *Conversações Espirituais* de modo que o homem cresça como ser (tanto interno como externo). Assim, para que ocorra esse crescimento, é necessário um importante componente da mística de Mestre Eckhart: o desprendimento, o desligar-se do mundo, do sensível e de si próprio (dos desejos e das paixões). Dessa maneira, o desprendimento é o que mantém Deus ligado a nós, mantendo-nos fortes, de tal modo que nada pode nos afastar do bem, do divino. Tal desprendimento tem que ser o mesmo quando agimos no mundo sensível, pois, assim, nos afastará da sensibilidade que nos leva aos prazeres e também do mundo interno, de nós mesmos, já que nos afastaremos dos desejos e das paixões.

Para Mestre Eckhart, o desprendimento é tão importante já que, no texto *Sobre o Desprendimento* menciona que este supera até mesmo as virtudes, pois estas estão ligadas às criaturas ao passo que o desprendimento está desligado e isento das criaturas e a única coisa que se mantém no desprendimento é Deus. Portanto Deus é o nosso fim, logo devemos nos desprender de tudo (do interno e do externo). Desse modo, Mestre Eckhart quer dizer que somente o desprendimento é sutil e pode ficar dentro de um coração livre.

Assim, o desprendimento está presente tanto no mundo externo (nas nossas ações) quanto no mundo interno (nos nossos sentimentos e paixões) permitindo, com essa relação, uma melhora do ser, por isso, esse valioso texto de Eckhart será tratado no quarto capítulo deste trabalho. Portanto, para melhor exemplificar a ideia de uma moral em Mestre Eckhart, concluiremos mostrando a dependência sempre constante entre os textos *Homem Nobre*, *Conversações Espirituais* e *Sobre o Desprendimento*, porque, para nós, a partir dessa relação, se demonstra em Eckhart uma reformulação moral que se dá na vida do homem.

Ocorre desse modo, uma completa reformulação moral neste homem, pois o ser não deixa de viver em sociedade e é por isso que afirmamos que há uma relação entre os três textos de Mestre Eckhart que trabalharemos nesta dissertação (*O Homem Nobre*, *Conversações Espirituais* e *Sobre o Desprendimento*). Por isso, proporemos que existe uma relação entre os três textos de Mestre Eckhart no que se refere a uma reformulação moral. Por isso, essa reformulação é fundamentada em questões filosóficas que se evidenciam quando o

homem deve se afastar do externo e ligar-se ao interno, referente ao texto *Homem Nobre*. Desse modo, este homem convive com os outros homens, e seu aperfeiçoamento se verificará em sua ação no mundo, referindo-se ao texto *Conversações Espirituais*. E sempre nestes momentos (interioridade e ação humana) deve estar presente o desprendimento, que é o ponto central do texto *Sobre o Desprendimento*, que liberta o homem do mundo externo (sensibilidade) e do mundo interno (das paixões e sentimentos) ocorrendo, desse modo, uma transformação moral neste homem.

CAPÍTULO I

A INFLUÊNCIA DE SANTO AGOSTINHO E DE PLATÃO SOBRE A FILOSOFIA DE MESTRE ECKHART: especificamente nos conceitos de interioridade e exterioridade existentes na obra *O Homem Nobre*, de Mestre Eckhart.

Com este capítulo pretendemos esclarecer como se formaram e de onde surgiram as principais questões que deram origem ao pensamento de Mestre Eckhart. Por esse motivo, vamos falar, principalmente, de dois autores que, em alguns pontos, influenciaram sua filosofia: Platão (427ac-347ac) e Santo Agostinho (354-430). Limitaremos-nos a debater os conceitos de homem interior e homem exterior, destacados na obra *O Homem Nobre*, pois nestes conceitos podemos encontrar a influência de Platão e Santo Agostinho na filosofia de Eckhart.

Especificamente na obra *O Homem Nobre*, Mestre Eckhart, através do seu pensamento místico, quis demonstrar como o homem deveria proceder para se encontrar com Deus¹, mas, para isso, este homem tinha que mudar sua maneira de agir com os outros. Dentro

¹ Eckhart disse que o homem que quisesse chegar a Deus deveria querer o nada, Eckhart estava tratando do que ele mesmo denominou por mística, por isso, lembramo-nos do que foi dito por Ryke em seu livro "Une Mystique du Detachement", em que o autor fala de uma teologia negativa e outra da deificação, existentes na teoria de Mestre Eckhart, pois estas, segundo Ryke, são provenientes da influência que Eckhart teve da filosofia de Dionísio, o pseudo areopagita, pois Dionísio foi um dos primeiros a falar de uma teologia negativa. Esta teologia negativa não significava um afastamento de Deus, mas apenas se diz que Deus vai além de qualquer imagem, como por exemplo, do ser e do nada, ou seja, na teoria Eckhartiana, como já se dizia em Dionísio, não se quis dizer que Deus não é algo, mas que Ele está apenas além do que pode ser manifestado: "Eckhart s'inscrit nettement dans la ligne de la théologie négative dionysienne selon la quelle Dieu, qui est ineffable, n'est atteint que dans la mesure où on l'a dévêtu de tous ses noms, le terme de cette démarche apophatique ét an tel néant divin, lequel n'a rien à voir avec la non-existence de Dieu. Le Dieu néant, c'est le Dieu inconditionnel et transcendant, le néant du manifesté, autrement dit la Déité au-dessus de Dieu: au-dessus des simages (Überbildung), un être sans image (Entbildung). Enqualif ia ant Dieu ou la Déité de néant (niht), Eckhart ne veutt pas dire que Dieu n'est pas, mais qu'il n'est ni être ni néant, ou plus exactement au-delà de l'être et du néant, antérieur à toute détermination ontologique. Si l'être est quelque chose, alors Dieu est néant, au sens où il est au-delà de ce qui peut se représenter en termes de manifestation." (RYKE, 2000, p. 87). Neste caso é importante dizermos que Dionísio, o areopagita, foi um dos mais importantes autores que produziu e desenvolveu o tema que tratava da teologia negativa, sendo este o criador de uma mística negativa, da qual Eckhart se influenciou, conforme foi dito por Ryke, para formular suas ideias sobre mística, no que se refere a uma posição em que a mística para Eckhart, em sua base, é que o homem deveria ir ao encontro do nada. Deste modo que, ao falarmos das influências filosóficas mais significativas sobre a filosofia de Mestre Eckhart, neste primeiro capítulo, ao destacarmos Dionísio, apenas com esta nota, nossa intenção não é diminuir a importância da influência deste autor, mas ratificarmos, especificamente, que o grande ponto, que para nos é relevante para a filosofia de Eckhart é o que Dionísio conheceu e desenvolveu por teologia negativa, pois a partir deste conceito foi que Eckhart começou a priorizar uma mística que levasse o homem a se aproximar de Deus, mesmo que pareça contraditório

dessa mudança, se deve ter uma ação desprendida do mundo externo e do mundo interno, pois, desse modo, se pode resolver o eterno conflito entre exterior e interior. E é a partir desses conceitos que constatamos a influência de Platão e Agostinho. Para Eckhart, o homem se encontra nesse conflito e, ainda, com sua obra, nos mostra qual ação o homem deve ter para solucionar o problema.

Eckhart, com seu pensamento místico, trouxe uma nova visão de como seria proceder bem, mas sem se afastar de Deus. Contudo, para chegar ao conhecimento de Deus o homem deveria se colocar em um estado de desprendimento² do mundo sensível, ou seja, do homem exterior, e unir-se a seu próprio interior, onde realmente está a verdade, que é Deus.

A mística de Mestre Eckhart tinha como objetivo apresentar uma nova maneira de mostrar para o homem um caminho que fosse possível para chegar ao seu próprio conhecimento e, por consequência, também, conhecer Deus. É isso que a obra *O Homem Nobre* mostra, ou seja, como o homem deve proceder para tornar-se um ser único, para chegar à felicidade plena. Dessa forma, parece que o pensamento filosófico de Eckhart recebe as influências de Platão³ e Santo Agostinho⁴ principalmente nos conceitos de interior e exterior, existentes na obra *O Homem Nobre*. Falaremos da origem de tais conceitos a partir do texto de Platão, o *Fédon*, e dos textos de Agostinho, *Solilóquios* e *A Vida Feliz*, porque nestes os autores abordam a existência e a imortalidade da alma, caracterizando uma divisão na natureza humana, como também é feito por Eckhart a partir dos seus conceitos de homem interior e homem exterior.

Na teoria de Platão é estabelecida, inicialmente, a mesma condição que verificamos em Agostinho, quando o pensador grego mostra que a alma é a única coisa que fica após a morte, pois o corpo acaba perecendo. A partir dessa concepção, lembramo-nos do texto Fédon de Platão, texto em que através do debate entre Sócrates e Cebes se pretende afirmar qual o destino da alma após a morte⁵:

dizer que o homem deve querer o nada para que possa chegar a Deus. Por isso, a teologia negativa de Dionísio é um dos pontos que ajudou Eckhart a desenvolver suas ideias sobre mística, como, por exemplo, qual a maneira que devemos proceder para chegar a Deus.

²O desprendimento será apresentado no quarto capítulo deste trabalho, bem como a definição sobre o que é mística em Eckhart.

³ Remetemo-nos ao texto *Fédon* (PLATÃO, 1999, pp. 55-124), pois é neste que, para nós, se apresenta com uma grande ênfase características similares aos conceitos de Eckhart, especificamente ao conceito de homem interior e homem exterior.

⁴ Sobre a influência de Santo Agostinho, usamos os livros *Solilóquios* e *A Vida Feliz* principalmente, sobre os solilóquios do livro II, Capítulo 55, que trata da imortalidade da alma (pp. 55-57) e da *A Vida Feliz*, o Capítulo II *Colóquio do Primeiro Dia* (o problema de felicidade – p. 124-131). (SANTO AGOSTINHO, 1998).

⁵“O destino das almas é o que chamamos de país Hades” (PLATÃO, 1991, p. 86).

Segundo me parece, pode-se também supor ao contrário: que esteja poluída e não purificada, alma que se separa do corpo. Do corpo, cuja existência ela compartilhava; do corpo que ela cuidava e amava, e que a trazia tão bem enfeitada por seus desejos e prazeres, que ela só considerava ideal o que é corpóreo, o que se pode tocar, ver, beber, comer e o que serve para o amor; ao passo que se habituou a odiar, a encarar com receio e a evitar tudo quanto aos nossos olhos e temeroso e invisível, inteligível, pelo contrário, pela filosofia e só por ela aprendido! (PLATÃO, 1991, p. 86).

Desse modo, em Platão, tem-se a mesma estrutura apresentada em Agostinho no século IV e em Eckhart no século XII, pois foi na teoria de Platão que, inicialmente, se quis propor que a alma podia se aperfeiçoar. Sendo que a alma é superior ao corpo por ser a partir dela que o homem pode e deve evoluir, mas para que isso aconteça é necessário que a alma se purifique. E, de certo modo, para Platão, como em Eckhart, a alma é superior ao corpo. Tem-se, assim, a presença das duas naturezas no homem, porém uma, a alma, e superior à outra, o corpo, por ser a partir dela que o ser pode se conectar com o que é divino, se desligando do mundo sensível.

Além do mais, tanto para Platão como para Eckhart, no mundo sensível o conhecimento do homem se limita às coisas materiais, através da sensibilidade. Já com a alma, o conhecimento do homem ultrapassa o mundo sensível como relatado por Reale⁶, ao dizer que pela a alma o homem se conecta com sua natureza divina e imortal⁷, ao mundo inteligível, dando-se, desse modo, o caráter de imortalidade para a alma:

A alma humana – diz Platão – é capaz (como acima se viu) de conhecer as coisas imutáveis e eternas; mas, para poder captar essas coisas ela deve ter, como *conditio sine qua non*, uma natureza que lhe seja a fim; caso contrário tais coisas permanecem fora de sua capacidade; assim pois, sendo elas imutáveis e eternas, também a alma deve ser imutável e eterna (REALE, 1994, p. 185).

⁶cf. REALE, Giovanni. Filosofia antiga. Tradução: Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo, 1994. (Série História da Filosofia)

⁷ No artigo de Urbano Zilles, “A IMORTALIDADE DA ALMA NO ORFISMO, EM PLATÃO E PLOTINO”, são apresentadas as principais características sobre como Platão define a alma. Entre essas características se destacam a alma como uma parte da natureza humana, a sua imortalidade, a possibilidade de que a partir da alma se tenha um conhecimento, e que é incorruptível. No entanto, destacamos a característica da alma possuir uma natureza divina, pois é esta que pode aproximar o homem de Deus e de sua divindade: “Para Platão, a alma não morre, graças a sua natureza divina e imortal. Cai num corpo, que para ela é exílio e impureza. Se souber purificar-se pelo conhecimento, pela filosofia e pela ascese, volta a sua existência primitiva” (ZILLES, 2003, p. 167). Apesar de Zilles não ser um comentador de Platão, a nosso ver, ele nos relata claramente o que, aqui, queremos destacar sobre alma: “Platão diz que a alma humana é capaz de conhecer as coisas imutáveis e eternas. Para isso é necessário que tenha uma natureza a que lhes seja afim. Portanto a própria alma humana deve ser imutável e eterna. O raciocínio platônico é o seguinte: as realidades visíveis, ou seja, perceptíveis e sensíveis mudam sempre; as invisíveis, ao contrário, são imutáveis. Ora, no homem, o corpo pertence ao mundo sensível. Por isso é mortal. A alma pertence ao invisível e inteligível. Por isso a alma é imortal” (ZILLES, 2003, p. 162).

Vemos que a ideia, platônica mostra a importância da imortalidade da alma. Entretanto, não apenas, a partir dessa importância, se deve qualificar a alma como totalmente desconectada do sensível, porque é, inicialmente, de imediato no sensível que podemos desenvolver nosso autoconhecimento.⁸ E, assim, também em Eckhart, se destacam as duas naturezas existentes no homem, alma e corpo.

Desse modo, a alma é superior ao corpo, por ela ser a parte que está conectada com o que é divino. No entanto, o corpo, enquanto vivo presente no mundo, é a base para o conhecimento do que é sensível. Logo o corpo não é desprezado, pois é a partir dele que começamos a nos conhecer, sendo que a alma é parte, da natureza humana, que é responsável em conectar o corpo com a parte divina, existente no homem, porque é através da alma que podemos entrar em contato com Deus, sendo que esta conexão o corpo sozinho, sem a alma, não é capaz de realizar.

Ao nos remetermos à influência de Agostinho, é importante situar o porquê de Eckhart ter definido o que entende por homem interno e homem externo, no decorrer de seu texto, para que possamos dizer que estes são originários da divisão feita por Agostinho, entre corpo e alma⁹. Eckhart mostrou que existem duas naturezas no homem. Disse, ainda, que elas são existentes e comentadas em suas duas faces, a exterior e a interior, pois este tema já tinha uma grande importância desde o tempo das escrituras, que também influenciaram a filosofia de Eckhart:

Deve-se saber, em primeiro lugar, e isto é muito claro, que o homem possui em si duas naturezas: corpo e espírito. Por esta razão diz um escrito: quem se conhece a si mesmo, conhece todas as criaturas, porque todas as criaturas são corpo ou espírito (ECKHART, 2004, p. 21)

Esta relação entre a parte interior e a exterior do homem remete, conseqüentemente, ao homem inteligível e o homem sensível. Para Silva, o primeiro (o interno) está ligado à natureza de Deus e o segundo (o externo) está ligado ao mundo sensível que leva aos erros. Por isso, o homem tem a capacidade de discernir essas duas naturezas confirmando, desse modo, que estas estão no homem. Entretanto, o homem deve adotar o desprendimento para que possa procurar seu crescimento como ser e para que possa evoluir, pois é a partir

⁸ “O ‘dualismo’ metafísico de Platão não tem nada a ver com o ridículo dualismo que põe o sensível como subsistente e depois contrapõe essa subsistência ao próprio sensível” (REALE, 1994, p. 78).

⁹ “- Assim, não duvidas destes dois pontos: possuis um corpo e uma alma. Mas estás em dúvida se não existe outra coisa que seria para o homem um complemento de perfeição” (SANTO AGOSTINHO, 1998, p. 124). Com esta passagem além de comprovar a existência de duas naturezas no homem, que já eram apresentadas por Agostinho, se abre a perspectiva que é a partir da alma, por ser ela parte superior, que podemos nos aperfeiçoar ao percorremos o caminho que leva ao encontro de Deus.

desse desprendimento que pode voltar-se para sua interioridade destacando-se, assim, uma superioridade da parte interna sobre a externa:

Esse desprendimento significa constantemente partida, deixando atrás de si tudo. Isso pressupõe que o homem seja capaz de um discernimento tal para saber diferenciar os valores relativos dos valores absolutos. O não-discernimento dessas duas esferas pode acarretar a confusão e o equívoco entre o que está ligado à transitoriedade e ao que se prende à perenidade. Significa que, relativizando o que deve ser relativizado e confrontando-se cotidianamente com o seu limite, o homem deixará nascer em si a vontade ininterrupta do crescimento (SILVA, 2004, p. 523).

Ao evidenciar a existência dessa divisão na natureza humana, Eckhart conseguiu nos mostrar a diferença entre suas ideias sobre homem interno e homem externo, pois a partir dessa diferença se estabeleceu o que é a busca pela interioridade humana. No diálogo com a razão, no texto dos *Solilóquios*¹⁰, Agostinho procurou definir que a alma é imortal, Quando questionou a razão sobre a existência de coisas, como a felicidade, a inteligência, o conhecimento ou qualquer outra coisa que se possa desejar, Agostinho e a razão chegaram a conclusão que o ser viverá para sempre, mas não como corpo, sensível, porque este perecerá, mas se seguirá para sempre como alma; “R. Portanto, se provarmos que haveremos de viver para sempre, seguir-se-á também que seremos para sempre. A. Esta é a conclusão” (SANTO AGOSTINHO, 1998, p. 57).

Desse modo, refletimos que na teoria de Agostinho já se percebia a divisão da natureza humana, em corpo e alma¹¹. No entanto, trata-se mais do que uma simples divisão, como se verificou na teoria de Eckhart, pois foi uma concepção que mostrou a alma como uma parte superior; por sua vez, parte inferior, o corpo, não se aperfeiçoa. De modo, que a parte superior se desenvolve e se aperfeiçoa até que possa chegar ao conhecimento de Deus. Dessa maneira se evidencia, a partir da teoria de Agostinho sobre a divisão da natureza humana, que só a partir da alma é que o homem pode chegar à salvação, que foi oferecida ao homem pela graça divina, sendo necessário, para que isso aconteça que se vá rumo à interioridade, como ressalta Sangalli:

¹⁰ Do texto *Os Solilóquios* salientamos o “LIVRO II – CAPÍTULO I – IMORTALIDADE DA ALMA” (SANTO AGOSTINHO, 1998, pp. 55-56).

¹¹ No “LIVRO II – CAPÍTULO II – O PROBLEMA DA FELICIDADE” Agostinho, através do diálogo, reafirma a existência das duas naturezas no homem, alma e corpo, mas, além disso, vai adiante na discussão de somente apresentar essa divisão na natureza humana. Agora, Agostinho quer mostrar que a alma é superior ao corpo, porém, para que isso aconteça, a alma deve ser preparada e alimentada para que possa conseguir unir-se a Deus, ou seja, para ser eternamente feliz (SANTO AGOSTINHO, 1998, pp. 124-136). Esta tomada de posição que verificamos em Agostinho já se apresentava em Platão, como queremos demonstrar neste capítulo, e também será notada em ECKHART. Desse modo, se evidencia, a nosso ver, as influências que são caracterizadas na filosofia de Eckhart.

Sendo assim, a própria possibilidade de salvação não está limitada a vontade humana, pois é somente pelo dom da graça divina que é possível encontrar esse rumo para a verdadeira vida. Para isso, o homem precisa mergulhar na interioridade da sua própria alma, que é a morada da verdade e, daí transcender para Deus, que é o princípio e o fim último de todas as criaturas e é apropriada verdade (SANGALLI, 1998, p.143 SS).

Notamos, pois, que em Agostinho, como também em Platão, é dada grande importância à interioridade humana. Só conseguimos entrar em contato com essa interioridade através da alma, por isso, é pela alma que podemos ir ao encontro do nosso interior e, conseqüentemente, de Deus. É na alma que se encontra a parte divina existente em cada homem, que foi criada por Deus. Nesse sentido, alma é responsável pela conexão do homem com Deus, por ser ela, a alma, parte divina, criada por Deus, existente no homem, conforme é relatado por Vasconcellos:

Deus e a alma não são conhecimentos distintos em Agostinho. Um e outro estão intimamente ligados, pois a alma é o meio do qual parte, a fim de atingir o conhecimento de Deus, uma vez que este não pode ser atingido imediatamente pela razão, só pela fé. A alma, o homem interior, no entanto, pode ser conhecida pela razão e é partindo dela que o homem poderá, no encontro consigo mesmo, encontrar também a Deus. Tendo esta convicção, Agostinho parte para a busca de Deus. Aí reside o tema central de sua reflexão. O pensamento agostiniano é uma procura. Tal procura está radicada na fé, pois sem esta, a busca não teria sentido. A procura não é mais um aspecto da antropologia agostiniana; pelo contrário, é o sentido de sua concepção antropológica. A procura fundamentada na fé, concilia em Agostinho antropologia e teologia, pois é no encontro consigo mesmo que o homem encontra a Deus, a meta da sua busca e o sentido da sua vida. Na reflexão agostiniana, Deus está na alma; é aí que Ele se revela: na mais profunda interioridade da alma. Assim sendo, procurar a Deus e a alma significa, para o homem, procurar a si mesmo. Esta foi a incansável busca existencial empreendida pelo homem Agostinho. Seu pensamento é o reflexo fiel de sua busca, de sua inquietação na procura da verdade. (VASCONCELLOS, 1999, pp. 46-47).

Desse modo, para Agostinho, como foi dito acima, procurar conhecer a si mesmo é conhecer Deus¹² e nossa própria alma. É esta mesma relação que Eckhart apresentou quando disse que o homem que queria conhecer a si tinha que procurar ligar-se com sua interioridade.

Depois de relatarmos a semelhança entre os conceitos de Eckhart, de Agostinho e de Platão é preciso destacar a importância que estes autores deram à interioridade por esta ser a principal parte dessa semelhança, entre seus conceitos. É a partir da interioridade que o homem pode se tornar nobre e reencontrar-se com Deus, na teoria de Eckhart, pode encontrar

¹² “Atentemos agora para o significado do encontro do homem com Deus na visão agostiniana. Este encontro não é um ponto a mais de que se ocupa o autor; trata-se, na verdade, de algo absolutamente fundamental no contexto de seu pensamento: o encontro do homem consigo mesmo e com Deus é a condição única para a posse da felicidade. Isto fica muito claro em suas obras. Deus é o caminho único para a felicidade humana” (VASCONCELLOS, 1999, p. 52).

a felicidade, na teoria de Agostinho, e pode se aperfeiçoar, segundo Platão. Porque é na parte interior que está a semente divina, que provém de Deus. Todavia esta aproximação, entre os três autores, no que diz respeito à interioridade é salientada por Garcia, pois este ao comentar o que é a mística eckhartina, expressa o pensamento do autor de uma maneira clara que facilita nossa compreensão sobre a interioridade da qual fala Eckhart, por ser a partir desta que o homem pode retornar a Deus:

No entender de Eckhart, toda conjuntura do ser possui uma dinâmica na forma de uma mobilidade própria. A essa dinâmica pertence a ideia de um “ciclo” da criação, no sentido da admissão de um princípio e um fim nela mesma. A imagem da criação se elabora junto com a evidência de que todo o ser comporta sua temporalidade própria, pela qual se articulam múltiplos nexos, sentidos, verdades, coerências, e adequações com o mundo. A compreensão de finitude na criação é apreendida pela ideia da conjuntura do ser vista em seu “intervalo” de começo e de fim (GARCIA, 2010, p. 28).

Este é o tema central da obra *O Homem Nobre*, pois destacou o modo que o homem pode agir para chegar a Deus, tornando-se um ser único que tem um meio para alcançar a felicidade e este meio é ir ao encontro de Deus. Quando o ser se encontra com sua natureza divina, que está em si mesmo e que foi criada por Deus, chega à felicidade. Este é o caminho que Eckhart define por mística, o qual não é, tampouco, inexplicável e nem inacessível ao homem.

Dessa forma, tanto em Agostinho como em Eckhart se tem uma maior importância dada à interioridade, sobre a exterioridade, destacando-se que há uma divisão na natureza humana por ser através da interioridade que o homem tem a possibilidade de se encontrar com Deus. É este o sentido do texto *A Vida Feliz*, que também é um diálogo, no qual é constatado por Agostinho que o homem é constituído de corpo e alma, divisão que, da mesma forma foi encontrada no texto dos *Soliloquios*. Contudo, no texto *A Vida Feliz*, se define a maior importância da interioridade, sobre a exterioridade. E, por esse mesmo motivo, devido a esta interioridade é que destacamos de Platão o texto *Fédon*, visto que neste se eleva a alma como a única coisa que pode ser aperfeiçoada no homem, pois com ela se tem acesso ao mundo inteligível e com o corpo se pode apenas conhecer as coisas do mundo sensível por isso alma é superior ao corpo¹³. Esta superioridade da mesma forma é demonstrada por Agostinho quando

¹³ Agostinho, na sua teoria, manteve a mesma ideia de Platão, no que se refere a alma ser superior ao corpo. No texto sobre a *Vida e Obra* de Agostinho, da coleção *Os Pensadores*, Pessanha expõe essa ideia, que se originou com Platão e foi mantida por Agostinho: “Essa concepção de homem provinha de Platão (428-348 a.c) e foi conhecida por Agostinho pouco antes da conversão, através de Plotino. No diálogo Alcebiades, Platão define o homem como uma alma que serve de um corpo, e Agostinho mantém permanentemente esse conceito

ele diz que o corpo e a alma precisam de alimento: e o alimento da alma é o conhecimento, que ultrapassa o alimento do corpo¹⁴, que se satisfaz com o que a sensibilidade lhe dá.

Para Platão a alma é o único lugar que se pode encontrar o que é divino¹⁵. Já para Agostinho, quem possui Deus é feliz, por buscar o aperfeiçoamento da alma. Do mesmo modo Eckhart falou, posteriormente, que quem busca o aperfeiçoamento da sua interioridade pode se tornar nobre.

Poderíamos ter buscado a influência de Platão e Agostinho em Eckhart no decorrer de varias obras destes autores, porém neste trabalho destacamos o texto *Fédon* de Platão e *Solilóquios* e *A Vida Feliz* de Agostinho, pois estes nos trazem os temas sobre a imortalidade e existência da alma.

Portanto, Platão e Santo Agostinho já percebiam na natureza humana uma divisão, corpo e alma, estabelecendo uma hierarquia na qual a alma é superior ao corpo. Para eles, as coisas superiores estão ligadas à alma e as coisas inferiores ao corpo. Igualmente, Eckhart encaminhou através da sua concepção sobre homem interno, como uma parte superior, e homem externo, como a parte inferior, mostrando que a relação entre interior e exterior primeiramente se apresentou em Platão e Agostinho.

com todas as consequências lógicas que ele comporta, dentre os quais a principal é a ideia de transcendência hierárquica da alma sobre o corpo” (PESSANHA. in: SANTO AGOSTINHO, 1996, p. 15).

¹⁴ É importante lembrarmos que a divisão da natureza humana, em alma e corpo, provém, em Agostinho, da criação divina: Deus criou ambas as partes. Desta divisão se evidenciou que alma é superior ao corpo. Demonstrando-se, desse modo, a influência do neoplatonismo de Plotino sobre a filosofia de Agostinho. Assim Agostinho, a partir desta divisão, continuou a procura da origem do mal, que era um dos temas mais relevantes para ele, conforme é dito por Rosa: “O problema do mal, em contraste com a perfeição divina, mobilizou Agostinho durante toda sua vida. Concordava com o neoplatonismo de Plotino, entende que o homem é uma alma que faz uso de um corpo. Até naquele conhecimento que se adquire pelos sentidos, a alma se mantém em atividade e ultrapassa o corpo” (ROSA, 2012, p. 13).

¹⁵ “- Ora, se tal é seu estado, é para que se lhe assemelha que ela se dirige, para o que é invisível, para o que é divino imortal e sábio; é para o lugar onde sua chegada importa para ela na posse da felicidade, onde divagação, irracionalidade, temores amores tirânicos e todos outros males da condição humana cessam de lhe estar ligados, e onde, como se diz dos que recebem a iniciação, ela passa na companhia dos Deuses o resto do seu tempo!” (PLATÃO, 1999, p. 86).

CAPÍTULO II

SOBRE O HOMEM NOBRE: considerações sobre o homem interior e o homem exterior.

Neste segundo capítulo, analisaremos o texto *O Homem Nobre*¹⁶, visto que é a partir deste que pretendemos começar a apresentar a ideia de uma reformulação moral em Mestre Eckhart. Por isso, a partir desse texto esse autor descreve de maneira mística¹⁷ e livre os anseios do homem que vive em sua época, sendo que este homem crê em Deus, mas se encontra confuso sobre como chegar a Ele, desse modo, devido a este dilema, em alguns momentos o homem do fim da idade média vivia em um constante conflito. Nesse sentido, por se encontrar neste conflito, o homem estava sem saber se sua vida realmente o levava ao encontro de Deus ou se faltava alguma coisa para realizar seus anseios. No entanto, apesar de

¹⁶Este texto constituiu, provavelmente, um sermão pronunciado diante da rainha Inês da Hungria. De forma indireta, Eckhart deixa entrever sua própria trajetória espiritual. Descreve os seis passos da ascensão do espírito a Deus. Na medida em que ascende, a pessoa vai liberando a semente divina depositada dentro do seu coração, até aparecer a perfeita filiação divina (BOFF. In: MESTRE ECKHART, 1999, p. 89).

¹⁷ A definição de mística de Eckhart nos é apresentada por Osmar Schaefer e Agemir Bavaresco na introdução à obra *O Homem Nobre*: "a mística é a experiência da unidade que passa pela dialética da oposição entre eu-uno, eu-outros, eu-mundo. A dialética é o diálogo em que há o momento do desprendimento (a negação) e a encarnação (a afirmação) da unidade de tudo no uno. Aqui ocorre a *coincidência dos opostos*" (SCHAEFER; BAVARESCO. In: ECKHART, 2004, p. 11). Leonardo Boff, na Introdução da obra *Mestre Eckhart --A mística de ser e não ter* tem a seguinte definição sobre o que é mística: "na mística, portanto, existe a experiência da unidade seja emergindo em Deus seja imergindo no mundo, sempre, contudo no transfundo da dualidade. Como expresso a unidade na diferença e a diferença na unidade? Como viver Deus no mundo e o mundo em Deus? A dialética é o instrumento que a linguagem utiliza para expressar a unidade na diversidade e a diversidade na unidade. A dialética consiste naquela forma de articulação do pensamento mediante a qual cada coisa aparece imbricada na outra. Para o pensamento dialético nada há de absolutamente disjuntivo. Tudo é colocado num movimento conjuntivo, num processo copulativo, e numa marcha coincidencial... Em função disto, a linguagem mística se reveste de paradoxos: Deus é tudo é nada. O mundo é infinito e o mundo é finito" (BOFF. In: MESTRE ECKHART, 1983, pp. 17-18). Outra definição importante é a de Emmanuel Carneiro Leão na apresentação da obra *Mestre Eckhart – Sermões Alemães, vol. II*: "A mística é, pois, a negação da negação – sem estardalhaço até mesmo no estardalhaço, mas na serenidade tranquila de deixar ser o ser que se dá no sendo que se é. Deixando ser, a serenidade se torna disponível, e nessa disponibilidade, encontra-se com o mundo, com Deus, com o Homem, justamente naquilo que eles mesmos são em si, para si e por si mesmos. Segundo Mestre Eckhart, na mística penetramos onde já sempre estamos, nos arcanos-ônticos, antológicos e místicos da serenidade, vivendo, como "a nossa, sem porquê" (CARNEIRO LEÃO. In: MESTRE ECKHART, 2008, p. 13). E para Schaefer e Bavaresco, na obra *O Homem Nobre*, a mística de Eckhart é composta de dois elementos: a experiência da multiplicidade ou dualidade e a experiência da unidade, em que se tem uma oposição entre eu e mundo, eu-uno, eu-outros, sendo que a partir de uma dialética se tem um diálogo em que há um momento de desprendimento, negação, e o momento da encarnação, da unidade de tudo no uno. Ocorrendo uma coincidência dos opostos. (cf. SCHAEFER e BAVARESCO. In: ECKHART, 2004, pp. 10-11).

acreditar nas ESCRITURAS SAGRADAS, existia em determinados momentos a falta de algo a mais, para este homem chegar a Deus.

Ainda mais com o desenvolvimento do pensamento filosófico que ocorreu a partir do conhecimento mais amplo das obras aristotélicas, bem como o surgimento das universidades, tudo isto, a partir dessas mudanças, faz surgir novas concepções em torno da razão e também da religião, envolvendo temas como virtudes, política, ética, etc. Eckhart, com seu pensamento místico, trouxe uma nova visão de como era proceder bem, mas sem se afastar de Deus, porém para chegar ao conhecimento de Deus o homem deveria se colocar em um desprendimento do mundo sensível, ou seja, do homem exterior e unir-se a seu próprio interior onde realmente está a verdade, que está em Deus.

Silva fala em uma recondução do homem ao divino que, deve começar a partir de uma ação que se volte para Deus, segundo o discurso de Eckhart:

Sua doutrina desde o início é uma proposta de vida e por isso podemos considerá-lo um Mestre de Vida, uma vez que seu discurso está pautado em uma proposta de atitude para o retorno à unidade entre os homens e o divino, para que assim, ao trilhar esse caminho, a alma humana possa alcançar o encontro com a divindade (SILVA, 2009, pp. 400-401).

Mestre Eckhart, com sua mística filosófica, conseguiu nos mostrar um sólido e firme propósito de como ajudar o homem na caminhada rumo ao conhecimento de si próprio e, conseqüentemente, conhecimento de Deus. Garcia, ao comentar o que é a mística eckhartina, expressa o pensamento do autor de uma maneira clara que facilita nossa compreensão:

Quando Eckhart diz deidade, se refere a Deus desde sua essência ou natureza, como intensificação do “ser próprio”. A estrutura de Deus como deidade é o fio condutor para todo o tipo de especulação mística, pois parte da afirmação da essência de Deus nela própria (GARCIA, 2010, p. 29)

Com a obra *O Homem Nobre* apresentou sua concepção de como é que o homem deve agir, ou seja, como homem deve proceder para tornar-se um ser único, com autoconhecimento de si, para chegar à felicidade plena. Essa felicidade é o reencontro do homem com a essência ou a natureza de Deus e, por isso, a mística de Eckhart não é algo insolúvel e nem impossível de ser alcançada.

No que se refere propriamente à obra *O Homem Nobre*, Mestre Eckhart desenvolve suas ideias de como o homem pode se tornar nobre, pois deixou de ser nobre. Entretanto a semente de Deus está neste homem e é preciso que ela volte a estar viva para que ele volte a ser nobre, como bem explica Eckhart:

A respeito deste homem interior nobre, onde a semente e a imagem de Deus foi semeada e está impressa, sobre a maneira pela qual a semente e a imagem divina e do ser divino, o filho de Deus, aparece, sobre a maneira como se aparece e, às vezes, também, permanece oculta, o grande mestre Orígenes apresenta uma comparação, a saber: que a imagem de Deus, o filho de Deus, está no fundo da alma como uma fonte viva (ECKHART, 2004, p.27)

O homem tem em si Deus, pois foi criado por Deus conforme sua imagem e semelhança. Esta parte de Deus que o homem possui foi esquecida, porém é preciso que seja revitalizada, porque com o decorrer do tempo o homem deixou de ser nobre¹⁸. Aqui, Eckhart faz uso de analogias para exemplificar o que quis dizer. Para fazer isso utiliza Orígenes¹⁹, com o intuito de definir o conceito de *homem nobre*. Tal conceito é, pois, necessário para que seja possível estabelecer a diferença entre ser ou não ser *nobre*. Assim, o autor disse que o homem possui em si duas naturezas²⁰, corpo e espírito, sendo preciso conhecer a si mesmo para entender tudo e a todos. Dessa forma, podemos dizer, também, que no homem há uma natureza má e outra boa, que se encontra respectivamente no exterior e no interior.

Eckhart mostra que as duas naturezas existentes no homem são comentadas em suas duas dimensões, a exterior e a interior, desde o tempo das escrituras, tanto que nelas já foi

¹⁸ Aqui, Eckhart fez uso de analogias para exemplificar o que quis dizer: “(...) o sol brilha sem interrupção; no entanto quando há uma nuvem ou neblina entre nós e o sol, não percebemos mais seu brilho. Da mesma maneira, quando o olho está debilitado em si mesmo, doente ou coberto, o brilho lhe permanece desconhecido. Sobre isto apresentei uma elucidativa comparação: quando um mestre faz uma imagem a partir de uma madeira ou de uma pedra, ele não introduz a imagem na madeira, mas sim, ele gasta as saliências que mantinham escondida e recoberta a imagem; ele não acrescenta nada a madeira, mas retira a cava da superfície (e da casca) a ferrugem; e então resplandece o que se encontrava escondido lá debaixo” (ECKHART, 2004, p. 27).

¹⁹ Eckhart toma para si as ideias de Orígenes para exemplificar o que quis dizer sobre a semente divina, criada por Deus, existente no homem. E, desse mesmo modo, ele demonstra o que diferencia o homem interior do exterior, quando se diz que é a partir do homem exterior que bloqueamos, escondemos, a parte divina existente em nós: “A respeito deste homem interior nobre, onde a semente e a imagem de Deus foi semeada e está impressa, sobre a maneira pela qual a semente e a imagem da natureza divina e do ser divino, o filho de Deus, aparece, sobre a maneira como se a percebe e, às vezes, também, como permanece oculta, o grande mestre Orígenes apresenta uma comparação, a saber: que a imagem de Deus, o filho de Deus, está no fundo da alma como uma fonte viva. Mas aquele que aí joga a terra, quer dizer, um desejo terrestre, isto a bloqueia e a recobre, de tal maneira que a ninguém a reconhece mais, nem mais a percebe; contudo ela permanece viva em si mesma e, quando se retira a terra que do exterior lhe foi jogada a mesma aparece então se pode percebê-la” (ECKHART, 2004, p. 27).

²⁰ Eckhart demonstra, a partir dessas duas naturezas que se tem um homem interior e um homem exterior com a seguinte ideia: “a escritura entende como um homem velho, o homem terrestre, o homem inimigo, um homem servil (...). Um homem novo, um homem celeste, um homem jovem, um amigo é um homem nobre”. (ECKHART, 2004, p. 21). O Comentário de Schaefer e Bavaresco relata com fidelidade o significado para Eckhart da natureza humana: “o primeiro momento mostra a oposição entre duas naturezas, as quais se encontram na pessoa: exterior e interior, De um lado, o exterior está desconectado de sua relação com a origem e se toma como sendo o todo, Aqui, uma parte é isolada e a ruptura, em relação à fonte, se a realidade que definha e morre. De outro lado, o interior, este mesmo todo, sob a sua forma autêntica, isto é, ao mesmo tempo princípio insolúvel e dicção exata de si mesmo, enquanto interioridade e exterioridade são o universo inteiro no esplendor de sua irradiação essencial”. (SCHEFER e BAVARESCO. In: ECKHART, 2004, p. 42).

dada grande importância ao tema²¹. Esta relação entre a parte interior e a exterior remete ao homem inteligível e ao homem sensível. Para Silva, o primeiro (o interno) está ligado à natureza de Deus e o segundo (o externo) está ligado ao mundo sensível que leva aos erros:

O primeiro homem, naturalmente virtuoso, pouco ou nada tem contra o que lutar; diante de si é como se não houvesse nenhum tipo de impedimento. O segundo, ao contrário, repleto de fraqueza em sua propensão natural, precisa lutar sempre, vencer dificuldades, ser austero em relação a si mesmo, sob pena de ser dominado pelo mal (Silva, 2004, p. 523).

A partir dessa constatação feita por Silva, percebe-se que é preciso que o homem mude sua maneira de agir. E para que isso aconteça é necessário seguir de acordo com os desígnios da verdade e da bondade, que são ações relativas ao que Deus é, porque Ele criou o homem devido a sua imagem e semelhança, por isso o homem que assim age, faz ações moralmente boas, logo se apresenta neste tipo de ação uma conduta moral. Porém ao contrário age o homem velho qualificado por Eckhart como um homem exterior. Este homem exterior se tornou um inimigo que impede a evolução do homem interno. Assim, ao contrário agirá o homem interno por ser o homem novo, o amigo que está em uma constante caminhada ao encontro de Deus. Depois de ter estabelecido a diferença entre o homem interno e o homem externo Eckhart, utilizando, as escrituras sagradas trás vários exemplos para diferenciar o homem interno, como o anjo bom, do externo, como o anjo mau, o inimigo, o maligno:

O homem interior é este do qual fala nosso senhor, quando diz: “um homem nobre partiu para um país longínquo para aí receber um reino”. É árvore boa da qual fala nosso senhor declarando que ela sempre traz bom fruto e jamais mau, porque ele quer bondade e inclina em direção à bondade, em direção à bondade que paira em si mesma, imune disto ou daquilo. O homem exterior é a árvore má, que jamais seria capaz de dar fruto bom (cf. Mt 7,180) (ECKHART, 2004, p. 23).

Através da analogia com a árvore, que é também retratada nas escrituras, Eckhart conseguiu nos mostrar a diferença entre seus conceitos sobre homem interno e homem externo, pois a partir dessa diferença se estabeleceu o que é a busca pela interioridade humana. Schaefer e Bavaresco deixam clara essa diferença²².

A partir da diferenciação entre homem interior e homem exterior, procuramos mostrar que a obra de Eckhart não apresenta apenas uma simples definição dessa

²¹ “(...) Eis porque as escrituras dizem a respeito do homem que existe em nós, um homem exterior, e um homem interior. Ao homem exterior pertence tudo aquilo que é inerente à alma, ao mesmo tempo, envolto e misturado á carne, e que tem ação comum com um membro e num membro de qualquer corpo, tais como o olho, a orelha, a língua, a mão e outros” (ECKHART, 2004, p. 21).

²² Na introdução da obra *O Homem Nobre* se encontra a diferença estabelecida pelos professores, que pela qual nos orientamos.

diferença, pelo fato que apresenta elementos diferentes que compõem o externo, o corpo, e o interno, o espírito. Sendo que quando Eckhart apresentou a existência de duas naturezas no homem não quis dizer que o tema do livro, ao tratar da pessoa interna, pretendia qualificar o homem como um ser sensível. E, nesse sentido, se está falando na busca de outro homem, que é a realização que se pode alcançar como ser. Essa concepção se apresenta, a nosso ver, através do conceito de homem interno de Eckhart, porque no período medieval era uma representação antropológica que se definia como o mais alto nível da realização humana²³.

Por isso, a importância da interioridade na obra de Eckhart aponta a busca pelo crescimento do homem como ser, pois somente através dessa busca o homem retoma o caminho para o encontro com Deus. Quando falamos das expressões de Eckhart (sair de si, voltar para si, multiplicidade), falamos de um movimento necessário para que o homem se torne nobre. Para Eckhart, é preciso sair da distração que mata a interioridade e ao mesmo tempo se manter no mundo como afirmação da interioridade, que deve manter-se intacta para, assim se ter no homem uma multiplicidade e, também, para este homem não perder sua interioridade.

Desse modo, fica clara a existência da dupla natureza no homem e a relação constante entre essa dupla natureza. Contudo, dá-se maior importância para a busca da interioridade sobre a exterioridade, porque é a partir da interioridade que se pode entrar em um processo de divinização. Este processo faz com que o homem retorne à sua natureza nobre que foi criada por Deus, pois é só por ela que ele pode retornar a Deus. É preciso, dessa maneira, saber diferenciar esta contradição que se apresenta entre interior e exterior (corpo e espírito) e um terceiro momento, que é o processo de divinização, porque existe um movimento tensional entre esses três momentos²⁴.

Não podemos afirmar com certeza que o homem interno é bom e o externo é mau, pois não se pode distinguir com exatidão como o homem pode se tornar nobre por completo. O grande problema para Eckhart é que o homem²⁵ tornou-se mau devido a vários acontecimentos

²³O tema do livro trata da pessoa interior, como sendo novo ou jovem, celeste, amigo e nobre, enquanto a pessoa exterior recebe os atributos opostos: velho, terrestre, inimigo, servil. No que se refere ao atributo nobre, compreende-se que se trata de uma influência cultural, pois, nesta época a nobreza assumia a representação antropológica máxima da realização humana (SCHAFER e BAVARESCO. in; MESTRE ECKHART, 2004, p. 41).

²⁴“Eis a contradição sempre presente no mestre. Esse movimento tensional é aqui expresso em três momentos ou ondas sucessivas: primeiramente, a dupla natureza – corpo e espírito; depois o processo de divinização – “Nosso senhor nos ensina por estas palavras quanto o homem é criado nobre em sua natureza, e o que ele pode se tornar por graça”, enfim, o caminho de retorno em direção a esta realidade de origem – “como deve chegar até lá” (SCHEFER e BAVARESCO. in: MESTRE ECKHART, 2004, p. 42).

²⁵Séhora Bezerra, com seu texto *O LUGAR DE DEUS EM MESTRE ECKHART: A MÍSTICA DO DESPRENDIMENTO COMO VALOR ATEMPORAL*, traz um comentário sobre o homem externo e o homem

neste mundo sensível, onde se proliferou a maldade, graças aos vícios praticados, à luta pelos poderes, aos prazeres, e outras coisas da exterioridade que acabaram fazendo com que o homem esquecesse de procurar o belo. Com esta constatação Eckhart não quis dizer que os sentidos que nos ligam ao mundo sensível devem ser deixados de lado, pois não podemos desprezá-los. Porque é através do sensível que o ser tem o contato com o mundo, e começa a perceber a relação que têm com este mundo e os outros seres. Sendo que a função da sensibilidade é ajudar no nosso autoconhecimento segundo Eckhart.

A modificação que o homem fez sobre seu lado exterior ficou explícita quando Eckhart disse, segundo as escrituras: “É tudo isto a escritura entende como o homem velho, o homem terrestre, o homem exterior, o homem inimigo, um homem servil” (ECKHART, 2004, p.21). Essa afirmação é contrária ao homem interior: “(...) que a escritura chama de um homem novo, um homem celeste, um homem jovem, um amigo e um homem nobre” (ECKHART, 2004, p. 21). Essas passagens revelam como Eckhart tinha o desejo de que o homem entrasse em contato com Deus através de sua interioridade, porém esse fato somente acontecia partir de uma ação que se deve ter no mundo em que se está no convívio social. Dessa forma, a partir do texto *O Homem Nobre*, encontramos as mesmas características presentes no texto *Conversações Espirituais*²⁶, que será apresentado no terceiro capítulo deste trabalho.

Eckhart mostra como o homem exterior pode passar por uma purificação, por isso deve se verificar que o mundo exterior, no qual ele se encontra, não é suficiente para encontrar Deus. O homem exterior, que se formou no decorrer do tempo, joga armadilhas, faz parecer que só no mundo exterior se é feliz, justamente para tentar iludir o homem interno, nobre, para que este não se encontre com o verdadeiro que é Deus. Para mostrar isso, Eckhart faz várias analogias com a Sagrada Escritura, por exemplo, quando diz: “O homem exterior é o homem inimigo e maligno que, além do mais, tem semeado e lançado o joio (cf. Mt 13,24)” (ECKHART, 2004, p. 23). Eckhart quer dizer que o homem exterior e todos seus predicados estão no mundo para impedir a evolução do homem interior para que não se tornem nobres.

interno que vai ao encontro do que disseram os professores Schaefer e Bavaresco, nos seus comentários sobre a obra *O Homem Nobre*. Ambos os comentários nos auxiliaram para o entendimento dos conceitos de Eckhart sobre o significado de homem interno e homem externo. Vejamos o que disse Bezerra: “Ao homem exterior pertence tudo aquilo que se prende à alma, mas que opera com e em cada órgão corporal, como os sentidos. A escritura chama esse homem: homem velho, homem terreno, homem inimigo, homem servil. O outro homem que há em nós é o homem interior; e este a Escritura chama de homem novo, homem celeste, homem jovem, homem amigo, homem nobre” (BEZERRA, 2004, p. 588).

²⁶ ECKHART, Mestre. *A mística de ser e de não ter*. Coordenação: Leonardo Boff. *Conversações Espirituais*. Petrópolis /RJ: Vozes, 1983, p. 99-146, cap. II.

Sobre a diferença, que está estabelecida na obra sobre interioridade (homem interno) e exterioridade (homem externo) Eckhart, com uma grande perspicácia, definiu o que significam os conceitos de homem interior e homem exterior. E, a partir destes conceitos, se tem qual o caminho que o homem deve seguir para a retomada da interioridade humana. Sendo que esta interioridade é a única maneira do homem ligar-se à parte divina, que tem em si, para a retomada da sua parte divina. Como já foi salientado, é preciso passar pelo constante conflito entre interioridade e exterioridade, caminho que tem início pelos seis degraus da evolução. O comentário de Schaefer e Bavaresco nos ajuda a compreender melhor esse caminho, em que o homem deve retomar sua nobreza perdida. Os professores partem da definição que qualificaram como “o processo de divinização”²⁷, em que há duas questões:

A primeira questão remete à natureza divina da pessoa, pois cada uma possui a semente que o próprio Deus colocou em cada homem, já que a, natureza encontra-se escondida, porém nunca morta. Nessa primeira questão, a natureza divina é definida como “o filho de Deus ou a fonte viva está no fundo da alma” (Cf. SCHAEFER e BAVARESCO. in: MESTRE ECKHART, 2004. p. 49). Ao se retomar as comparações usadas por Eckhart, para falar que a semente divina está no homem, mas encontra-se apenas escondida, é preciso dizer que tais comparações foram analogias feitas utilizando-se das figuras que Origens usou, como a fonte, o sol, o olho, a estátua e o tesouro. A partir dessas analogias, utilizadas por Eckhart, pode-se dizer que a semente divina está no homem ainda que encoberta, como a fonte que está suja, o sol que está encoberto, o olho que está tapado e assim sucessivamente. Portanto, a semente divina está no homem.

A segunda questão diz respeito à comunhão entre a pessoa e Deus. Nessa comunhão, se tem uma relação direta entre Deus e pessoa, sem nenhum intermediário na relação. Entretanto, não significa que não exista uma intermediação, pois, para Eckhart, há uma unidade verdadeira que escapa da dispersão e inclui o múltiplo, permanecendo idêntica nela mesma. Segundo Schaefer e Bavaresco:

Isto é verdade de Deus em seu ser e cada um dos seus modos de ser – as pessoas. Isto é característico da pessoa, logo que ela é “um” com Deus. “Se fosses devidamente uno, também permaneceria uno no distinto. “E o distinto tornar-se-ia uno para ti”. “Assim o homem nobre pode “sair” dele, mesmo, sem sofrer dano algum, porque ele é “um” (SCHAEFER e BAVARESCO. in: MESTRE ECKHART, 2004, p. 51).

²⁷“A primeira expõe a natureza divina da pessoa, a qual pode encontrar-se escondida, porém jamais destruídas. A segunda questão trata, ao nível lógico e metafísico da relação entre pessoa e Deus” (SCHAEFER e BAVARESCO in: MESTRE ECKHART, 2004, p. 49).

Dessa forma, quando o homem se liga a Deus, a semente divina que está nele se descobre, de maneira que o homem volte ao uno não ocorrendo intermediação entre ele e Deus. Desse modo, o homem se encontra com Deus. Com o processo de retomada da semente divina, é preciso que se deixe para trás o homem exterior, para que seja possível o homem tornar-se nobre²⁸. Logo, a partir dessa luta entre o homem exterior e o homem interior, já se tem a oposição entre exterior e interior que se evidencia no início do texto *O Homem Nobre*, quando, por exemplo, Eckhart utiliza-se das ESCRITURAS SAGRADAS, como exemplo, quando citou São Lucas: “um homem nobre partiu para uma terra distante, a fim de receber um reino e retornar” (Lc. 19.12)²⁹. Com a utilização dessa passagem, Eckhart desenvolve uma antropologia espiritual, tendo em vista que a citação bíblica utilizada começa a descrever a natureza humana composta por corpo e espírito, como bem é definida pelas escrituras sagradas; de homem exterior e de homem interior, bases da obra de Eckhart. Esse constante conflito precisa ser retomado para que o homem encontre seu caminho, o encontro com Deus, ou seja, para que aconteça uma mudança no homem é preciso que ela comece pelo interno e, conseqüentemente, se manifeste no seu externo. Logo, temos aqui, como bem queremos definir, uma mudança de perspectiva moral neste homem.

Eckhart diz que o homem interior é bom e deixa essa declaração evidente quando fala “que não existe alma racional sem Deus” (ECKHART, 2004, p. 25). Para Eckhart, a alma, que está na natureza interior do homem, é o caminho que possibilita o reencontro do homem com Deus. Gutiérrez entende que a alma está a condição natural do homem, que é divina, uma vez que essa parte do homem foi criada por Deus segundo sua imagem e semelhança, por isso o homem é filho de Deus, porque a partir da alma é ligado a Deus sem diferença alguma:

²⁸ “É assim, diz Eckhart, que a pessoa deve ser, isto é, unida ao uno, a exemplo do homem nobre; e Eckhart insiste sobre a identidade da unidade- “Um homem partiu” – no homem em Deus. Essa unidade do homem, nele mesmo, é ao contrário da dispersão que caracteriza o homem exterior” (SCHAEFER e BAVRESCO. in: MESTRE ECKHART, 2004, p. 52).

²⁹ Com o texto *O Homem Nobre* se tem o começo da discussão de como está a vida do homem. Esse texto aponta um novo caminho possível para o homem, como, por exemplo, através da concepção dos seis degraus da evolução. Além disso, o texto retoma algumas partes das escrituras sagradas. As relações da vida do homem e os conceitos da obra de Eckhart com o uso das escrituras estão, contemporaneamente, levantando um ciclo de comentários. Vejamos, por exemplo, o que diz Silva: “Existe em Eckhart uma visível preocupação com o aprofundamento da vivência humana possuidora de uma distinção eterna, assim como toda a realidade humana. No pequeno tratado *O Homem Nobre*, especifica os seis degraus de aprofundamento da existência humana, além de conceituar quem é o homem nobre de que trata o evangelho de Lucas: “Um homem nobre partiu para uma terra distante, a fim de tomar posse de um reino, e regressou” (Lc 19,12)” (SILVA, 2004, p. 525).

Em el nacimiento de Dios actualiza el alma su condición original de imagen divina em Dios y, por ello, de Hijo de Dios, (...). El me engendra “a mí” como su “Hijo”, sin diferencia alguna, por lo menos em cuanto a la naturaleza, no así, se entiende, em cuanto a su ser-homem (GUTIÉRREZ, 2004, p. 543).

Para Silva, a importância da alma, consiste em ela ser parte divina do homem, e, além disso, é a partir dela que se pode buscar a imagem de um objeto para poder conhecê-lo. Sendo que a alma é o meio mais próximo para se conhecer um objeto, por isso é pela alma que se tem a mediação existente entre o homem e Deus, por ter sido ela, a alma, criada por Deus, no homem, sua imagem e semelhança:

A respeito da mediação, um aspecto importante é que alma não pode diretamente chegar à criatura, nem a criatura chegar à alma. O mais próximo que pode chegar depende antes de assumir uma imagem, já que nada a não ser o totalmente livre toca a alma em seu fundo. Desse modo, sempre que a alma deseja conhecer algo, ela busca a imagem desse algo para poder unir-se a ela (SILVA, R., 2009, p. 406).

Dessa maneira, se esclarece que todo o homem tem em si a semente divina, Deus dentro de si mesmo, basta que trabalhe para que essa semente se desenvolva. E, para isso, devemos eliminar todos os defeitos existentes em nós, pois só assim a semente divina crescerá e tomará conta de nosso ser, deixando de lado todos os defeitos provenientes do homem exterior. Essasemente divina encontra-se inata dentro de nós, pois foi criada por Deus, e pode apenas estar adormecida devido a uma maior ação e influência do homem exterior em nós.

Por este motivo, o homem precisa passar por degraus de evolução³⁰ para se encontrar com sua natureza nobre. Faz-se necessário, para tanto, retomar o caminho que leva ao encontro de Deus: e esse caminho deve começar pelos seis degraus da evolução, apresentados no texto *O Homem Nobre*, logo é importante que estes sejam aqui apresentados:

³⁰Os degraus de evolução bem explicados na obra *O Homem Nobre*. (MESTRE ECKHART, 2004, pp. 25-27), salientam o encontro com Deus no sentido de encontrar-se a si mesmo, como uma transformação interna de aperfeiçoamento como ser, que conhece a si, logo conhece a Deus. Essa transformação começou com os seis degraus da evolução presentes no texto *O Homem Nobre*. (ECKHART, 2004, pp. 25-27)., bem como em *A Mística de Ser e Não Ter* (MESTRE ECKHART, 1983 pp. 92-93). Garcia aponta em Eckhart que os degraus de evolução são graus ou degraus no sentido de um desenvolvimento do homem para uma liberdade, mas um movimento que Eckhart descreve como elevação: “Os degraus do ser indicam, desse modo, apenas graus (níveis) do comprometimento do homem ao assumir para si as condições prévias de sua auto-realização. Os degraus correspondem, pois, a níveis de elevação humana” (GARCIA, 2010, p. 44). Ressaltamos que, ao falar em evolução humana, em um sentido de um homem que evolui como ser e melhora como um homem que se aproxima de Deus, este não é um tema abordado apenas por Mestre Eckhart. Já que Boaventura, por exemplo, em sua obra *O Itinerário da Mente Para Deus* fala em degraus de evolução, porque é necessário que o homem retome sua natureza divina que está em si e foi criada por Deus (BOAVENTURA, 1998, pp. 298-299).

▪ **Primeiro degrau:** o homem precisa viver segundo o modelo das pessoas boas e santas, mesmo que ainda lhe falte uma forte base, pois necessita de leite como uma criança recém-nascida;

▪ **Segundo degrau:** o homem não deve seguir os modelos dos homens exteriores, mesmo que estes sejam bons; deve correr atrás do conhecimento pleno, seguindo os ensinamentos e os conselhos de Deus, libertando-se do exterior;

▪ **Terceiro degrau:** o homem deve livrar-se de todos os seus medos, de todas as suas angústias, não precisando mais de sua família, tornando-se sua própria base, procurando a união com Deus, ficando livre e pronto para conhecer;

▪ **Quarto degrau:** é quando o homem encontra o amor de Deus, de tal maneira que tem forças para passar por todas as aprovações e diversidades e suportar os sofrimentos voluntários que se propõe a passar, por ter um forte desejo de encontrar a alegria;

▪ **Quinto degrau:** o homem recolhe-se totalmente em si mesmo encontrando a paz, este é o auge da sabedoria;

▪ **Sexto degrau:** o homem elimina todas as percepções mentais e os sentimentos ligados ao mundo sensível, encontrando a imagem eterna de Deus em seu coração, tornando-se definitivamente filho de Deus.

Silva mostra que Eckhart apresenta uma preocupação com a vivência humana. Por isso, o texto *O Homem Nobre* apresenta a vida como uma destinação eterna e este é o porquê de Eckhart especificar, a partir dos seis degraus, um aprofundamento da existência humana que pretende levar o homem ao seu destino, que é Deus³¹.

Seguindo todos esses passos, o homem se torna nobre, ou seja, consegue o máximo da evolução³² humana, pois encontrou Deus. A semente divina cresceu e se expandiu em toda sua interioridade, fazendo apagar todas as ligações e as imagens do homem exterior que

³¹"Podemos dizer que, com o propósito de fazer o homem tornar-se de acordo com esse homem interior, Eckhart elabora uma mística que se traduz em seis degraus que levarão o mesmo até seu destino; a saber, a Deus. São estes seis degraus: 1) inspirar-se naquelas pessoas santas e boas que se destacaram no cristianismo, e assim modelar sua vida de acordo com aquela apresentada por estas; 2) já não olhar mais o homem para os modelos exteriores, mas buscar o conselho de Deus; 3) o afastamento de tudo que se traduza em exterioridade 'fugindo ao cuidado e depondo o temor' até que 'seja introduzido na alegria' e tudo que é dessemelhante a isso; 4) a constituição do amor como parâmetro. Ponto de referência, fazendo do homem um ser capaz de sofrer todo o tipo de tentação, infortúnio e padecimento por esse amor; 5) a conquista da paz interior e sua apreensão; 6) e finalmente o despojamento total como coroamento da abnegação" (SILVA, 2004, p. 526).

³² "A dinâmica da elevação é um movimento interno da *conjuntura* humana, que se pode constatar exteriormente por vestígios. Ela é experimentada como o caminho de uma busca identitária: ou se realiza como "procura de Deus, com múltiplo empreendimento", ou se realiza como "um caminho sem caminho, elevado muito acima de si" ou, finalmente, se consuma como um "estar em casa" isto é, [com um] contemplar a Deus sem mediações". Por ser o caminho de uma busca identitária, a elevação é sempre vivida como forma de propriedade. Por isso, o elevar-se da criatura nunca pode ser visto "de fora". Daí a razão porque Marta "desejava que sua irmã estivesse assentada no mesmo, pois via que aquela ainda não estava assentada de modo essencial". Marta só podia sondar a Maria por vestígios". (GARCIA, 2010, p.48).

lutava e conspirava para impedir que o homem bom se tornasse nobre. Porém, quando entregamos nossa vida a Deus, este faz que com que consigamos chegar ao seu objetivo, que é chegar à nobreza, encontrar o conhecimento definitivo de Deus³³. Por isso, com os seis degraus da evolução, se tem uma ação conjunta com o afastar-se do externoque, ao mesmo tempo, se manifesta no externo, refletindo-seno homem uma melhora como ser, tanto interno como externo.

Percebe-se, a partir dos degraus, que no conjunto desses momentos ocorre uma evolução constante desde o primeiro até o sexto degrau, pois, em cada passo, se deixa uma dependência de lado, sendo o sexto degrau o máximo da evolução do ser, com um homem livre e com total conhecimento de Deus. Ocorre, dessa maneira, uma completa reformulação moral neste homem, pois mesmo quando chegar ao último degrau, o ser não deixa de viver em sociedade e é está agrande questão.

No primeiro degrau, por exemplo, quando se diz que se deve viver segundo o modelo das pessoas boas, já se começa a perceber que há uma mudança no ser, pois ele começa a deixar de lado os maus exemplos, afastando-se do homem exterior, parase aproximar de sua interioridade. Esse fato, se afirma no segundo degrau, quando se fala que não devemos seguir mais o modelo dos homens exteriores, mesmo que essa ação ocorra na sociedade.

Por isso, no primeiro degrau, devem-se deixar de lado os exemplos ruins, dos homens exteriores. Sempre haverá uma relação entre homem interno e homem externo, em todos os degraus de evolução. O homem vive em sociedade e, nesse sentido, a reformulação moral em Eckhart tem como fim o sexto degrau, em que se afirma que o homem eliminou todas suas percepções mentais ligadas ao mundo sensível que afetam seu interior. Aqui, o homem se encontra completamente desprendido, completo em si mesmo, com sua interioridade. Assim, se tem um novo homem, livre, com Deus em seu coração, com uma reformulação moral.

Mestre Eckhart alude, em sua obra, sobre os escritos sagrados, sempre mostrando sua plena fé em Deus, que acredita e seguee todas as suas normas e revelações mostradas pelas escrituras. Eckhart recorre a Agostinho para ajudá-lo a mostrar como o homem deve proceder para torna-se nobre. Uma das passagens é a seguinte:

Santo Agostinho diz: quando a alma do homem se volta para o alto na eternidade em direção a Deus, só então brilha e resplandece a imagem de Deus: mas quando a alma

³³ O encontro com Deus se dá no sentido de encontrar-se a si mesmo, como uma transformação interna de evoluir como ser, que conhece a si e, logo, conhece a Deus. Essa transformação começou com os seis degraus da evolução presentes no texto *O Homem Nobre*. (Cf.ECKHART, 2004, pp. 25-27)

se volta para o exterior, mesmo que seja para o exercício exterior das virtudes, esta imagem se encontra totalmente velada (ECKHART, 2004, p. 29).

Novamente se retoma a importância da alma como uma parte divina que existe no homem e que, a partir dela, como imagem de Deus, este se volta para sua interioridade. A alma tem em si potências inferiores e superiores e, nesse caso, o homem nobre do qual fala Eckhart deve eliminar as potências inferiores retomando a parte divina que foi criada por Deus em si. Desse modo, o homem pode superar a natureza humana unindo-se à essência divina, tornando-se um ser uno:

Considerando como ponto de partida para compreensão do que é o lugar de Deus a necessidade de abandonar os modos e atributos pessoais, ou seja, o auxiliar-se de si mesmo, chega-se a uma outra compreensão: a nobreza da alma consiste naquela parte do homem em que Deus depositou sua semente de eternidade, o qual Mestre Eckhart exemplifica citando uma passagem do evangelho de Lucas: (...)O homem bom, à medida que é bom, tem algo de próprio a Deus, porque tudo ama e opera por ele. Em uma alma nobre as potências inferiores tenham se calado, onde não existe nem tempo nem espaço, aí se realiza o nascimento do filho. Isso pressupõe que o homem, nobre caracterizado por ele como um tesouro oculto supera os dois aspectos da natureza humana para chegar à essência divina e ser uno. (BEZERRA, 2004, p.588).

Guerizoli, em seu comentário, retoma o que Eckhart disse sobre as potências da alma e adscreeve como possuidora de duas potências, que se opõem entre si, pelas quais realiza suas operações. Segundo o autor o que a alma conhece, conhece com o entendimento: o que ela recorda, recorda com a memória: e o que ela ama, ama com a vontade e, por isso, opera com suas potências e não com o seu ser:

Nesse contexto, Eckhart, inicialmente, apresenta a oposição existente entre as potências através das quais a alma realiza suas operações e uma outra instância que, enquanto tal, seria a possibilitadora desses atos: todas as ações que a alma opera, ela as opera com suas potências (GUERIZOLI, 2004, p. 570).

Eckhart usa as palavras de Agostinho para mostrar que o homem deve voltar-se para seu interior e deve usar o exterior apenas para retirar os exemplos desse mundo sensível, para aperfeiçoar suas virtudes e, conseqüentemente, desenvolver seu autoconhecimento interior, conhecendo a Deus e chegando à plena sabedoria.

O homem perfeito tem uma vida voltada para encontrar e conhecer Deus face a face, ter contado com Deus, para tornar-se um ser único e perfeito. Somente tornando-se um só, o homem chega a essa perfeição, pois ser uno é tornar-se perfeito. Quando o homem acaba com todos os agregados (defeitos), passando por todas as fases para se tornar nobre,

conhecerá e encontrará a única coisa que o tornaria livre e despido de todos os maus que o assolam principalmente do homem exterior, ou seja, caso encontre e conheça Deus, tornar-se-á um homem nobre³⁴ e só assim terá uma vida feliz com plena felicidade.

Quando se chega ao conhecimento de Deus, o homem torna-se humilde, pois o fato de sentir e de apreciar as belezas da vida externa, como roupas, cores e tudo aquilo que é oferecido pela natureza, pode continuar sendo contemplado. No entanto, quando o homem se encontra com essas coisas se faz necessário que ele tenha uma visão como de alguém que tem Deus consigo, e de quem não se deixa influenciar ou adormecer, de modo que só essas coisas tenham importância. Porque o que tem importância é a energia pura de Deus que mantém o homem sempre atento, para que não se iluda e não se desvie do seu caminho que é Deus³⁵. Por isso, Eckhart diz que a única contemplação que leva para o caminho da bem-aventurança é a de Deus e, a partir desta, se conhece Deus face a face de uma maneira natural. E, devido a essa contemplação, através da alma se pode conhecer qualquer coisa, do mesmo modo como se pode conhecer Deus, como o branco, por exemplo:

(...) pois isso é que, em primeiro lugar, reside a bem-aventurança, que a alma contempla Deus face a face. Lá ela recebe todo o seu ser e sua vida, tira tudo o que ela é do fundo de Deus, e não sabe absolutamente nada de saber nem do amor nem de nada. Ela [a alma] repousa totalmente no ser de Deus. Ela nada sabe senão o ser de Deus. Logo, ela sabe e conhece que ela contempla, conhece e ama Deus, isso é uma vez para o exterior e uma outra vez sobre o que é primeiro, segundo a ordem natural; pois ninguém conhece o branco senão aquele que é também branco (ECKHART, 2004, p. 35).

Ficar sempre ao lado de Deus, e acompanhado da sua energia, deve ser o objetivo do homem. Isso fica bem evidente na seguinte passagem, com a qual Eckhart dá início e fundamenta o texto: “Eis porque nosso senhor diz muito bem que um homem nobre partiu para um país longínquo para aí receber um reino e voltar” (ECKHART, 2004, p.39). No fim do texto, Eckhart definiu o que quis dizer durante toda a sua construção:

Eis porque Nosso senhor diz que “um homem nobre partiu para um país longínquo para aí receber um reino e volta”. Porque é preciso que o homem seja Um em si mesmo, e é preciso que ele procure nele e no Uno, e recebê-lo no Um: quer dizer

³⁴Ser um homem nobre, para Eckhart, significa conhecer a nobreza de Deus, pois homem conhece Deus com seu espírito, com sua alma: “Eu quero ainda enunciar e insistir em outro sentido no que concerne ‘o homem nobre’. Eu digo: quando o homem, a alma, o espírito contempla Deus, ele se sabe também e se conhece conhecendo, isto é, ele conhece que ele contempla e conhece Deus” (ECKHART, 2004, p. 35).

³⁵Para seguir o caminho que leva a Deus, deixando de lado as coisas exteriores: “A leitura de *O Homem Nobre* nos mostra que se o ser de Deus está além dos modos, o homem que deseja encontrá-lo deverá separar-se e abandonar os modos ou atributos pessoais num exercício constante e interrupto para reiterar do esquecimento a capacidade e o conhecimento que o homem interior possui, revelando o lugar de Deus no fundo de sua alma” (BEZERRA, 2004, p. 587).

contemplar Deus unicamente; e “voltar” significa: saber e reconhecer que se reconhece e sabe Deus (ECKHART, 2004, p. 39).

Nessa passagem, Eckhart mostra que o homem deve conhecer tudo o que há no mundo sensível e todos os sentimentos, angústias de seu ser e de sua alma, mas não pode nunca esquecer-se de Deus; deve conhecer o externo para procurar as causas de Deus, mas tem que voltar-se para seu interior para definitivamente conhecer Deus, para chegar à perfeição, pois só por esse conhecimento eliminará todos os seus defeitos e se tornará nobre através da única contemplação que deve ser feita, que é a de Deus. Conhecendo a si mesmo, também se conhece Deus, porque Deus está no homem. Com essa visão, a qual Eckhart pensa o homem e Deus, nos é apresentada uma nova maneira de pensar a relação do homem com Deus, exatamente por Eckhart fazer uma comparação entre eles, coloca o homem em um nível de igualdade com Deus³⁶ mesmo se, para ele, Deus está num nível superior ao homem, e esta maneira diferente que Eckhart trouxe para pensar a relação entre homem e Deus foi contestada pela Igreja.

Logo, não desconsideram os problemas desta concepção do autor, tanto que estes provocaram retaliações³⁷ feitas pela Igreja. Por isso, não é nosso propósito discutir esse problema, já que queremos apenas confirmar a ideia de Eckhart sobre o homem ter que voltar para sua interioridade, mas ao mesmo tempo este tem que agir no meio social em que vive. Portanto, é neste meio que o homem mostrará a sua nova maneira de agir, que a partir da busca de sua interioridade deve ser de acordo com ela. Desse modo, a interpretação do professor Giachini, sobre a definição de homem em Eckhart, vem em nosso auxílio quando relata o homem em um contexto epistemológico, antropológico, cristológico e ético que fala

³⁶ No terceiro capítulo deste trabalho, nos remeteremos a essa ideia de Eckhart, por ser neste que esse ponto é relevante para o que pretendemos comprovar no pensamento de Mestre Eckhart.

³⁷ “Em 1326 o bispo de Colonia Heinrich de Virneburg inicia o processo acusando Eckhart de ser suspeito de heresia, (...) os inquisidores compilaram mais de cem frases de Eckhart ‘suspeitas’ e passíveis de heresia, a pedido insistente do referido bispo.” (...). Assim é em Avignom que se desenrola a segunda fase do processo, durante os anos de 1327 a 1329. Aos 17 de março de 1329 a comissão papal, junto com o Papa João XXII expõe ao público a bula **in agro dominico**. Das 28 “frases de Eckhart julgadas pela comissão, 17 foram condenadas como heréticas e 11 como suspeitas de erro” (GIACHINI. In: MESTRE ECKHART, 2006, pp. 18-19).“(...) o Papa João XXII no dia 27 de março de 1329 com a constituição **in agro dominico** condenou 28 proposições de Mestre Eckhart. (...) O texto final diz: (...) Nós expressamente condenamos e reprovamos os quinze primeiros artigos e os dois últimos como heréticos e outros 11 citados, como mal soantes, temerários e suspeitos de heresia, igualmente os livros e opúsculos do mesmo Eckhart que contenham os suspeitos artigos (...)” (BOFF. In: MESTRE ECKHART, 1983, p. 27). O texto de Guerizoli, publicado na revista Síntese (volume 27, nº 89, 2000) nos dá um bom entendimento sobre o documento **in agro dominico**, por além de se constituir do texto original, é seguido da tradução, ele tem uma apresentação na qual o autor traz explicações que são importantes sobre o documento. Dos temas condenados pela **bula in agro dominico** (no campo do senhor) cinco são os motivos que foram considerados principais: 1) A relação entre Deus e a criação; 2) a irredutibilidade de Deus ao modo de ser das criaturas; 3) a divinização do homem; 4) a unidade da essência divina; 5) o aliquid iniciado na alma. Entre esses cinco temas existe uma inter-relação, no qual se tem um conjunto que nos faz compreendê-los como temas filosófico-teleológicos de Eckhart. (GUERIZOLI, 2000, p.389).

deste homem como um ser ativo em seu meio social, mostrando a relação moral desse homem com a sociedade. Por esse motivo, Giachini diz que o conceito de homem³⁸ de Eckhart é definido como um fim de um processo que se percebe o dom máximo de Deus. Em um sentido antropológico, por exemplo, o comentador fala em um ser humano que é tudo e nada ao mesmo tempo, como bem explicou Eckhart³⁹.

O sentido antropológico de Eckhart, para Giachini, é a tarefa do homem que consiste em aproximar e identificar o ser e o atuar deste ser, de modo que a antropologia de Eckhart tem um princípio e uma dignidade a serem seguidas:

A tarefa do homem de criar unidade consiste em aproximar e identificar atuar e ser. A “antropologia” Eckhartiana obedece ao mesmo princípio verticalista e único. O ser humano é tudo e nada ao mesmo tempo. Em dignidade encontra-se acima dos anjos, de tal modo que em seu mais próprio, no fundo mais íntimo da alma humana, nenhum anjo pode entrar nem o próprio Deus pode entrar ali enquanto possui nomes (trindade). Mas ao mesmo tempo, enquanto criado, em nada se distingue das outras criaturas. Em si mesmo, o homem é nada (GIACHINI. in: MESTRE ECKHART, 2006, p. 22).

Desse modo, na obra *O Homem Nobre*, o homem está inserido no teocentrismo medieval. Por isso esse texto mostra como o homem poderia chegar à felicidade que se dá no encontro de Deus e no conhecimento de Deus. E, para isso, este homem deveria colocar-se em um confronto de forças: por um lado energias e espírito e, por outro, ser e alma, um confronto constante entre um homem externo, totalmente ligado ao sensível, e tudo aquilo que o leva afastar-se de Deus, com o homem interno que é único, livre e desapegado do mundo, que é do homem externo.

Somente dessa maneira que se segue e conhece Deus e se torna um ser único. Eckhart mostra como o homem deve proceder para chegar a esse estágio. Assim ele disse que para chegar a tal nível, o homem deve-se preparar, mas sempre com Deus ao seu lado, pois só desse modo, acreditando em Deus, o homem chega ao autoconhecimento. Porque é quando se conhece a si próprio, se conhecerá Deus. E por consequência, se tornar parte de Deus é ser um homem nobre, como por Deus assim será chamado o homem, segundo Eckhart:

³⁸Giachini, para exemplificar o conceito de homem dado por Eckhart, se remete ao sermão 5b, em que Eckhart diz que o homem recebe e alcança o dom Máximo de Deus (GIACHINI, in: MESTRE ECKHART, Sermões Alemães, 2006, p. 22). Nessa mesma obra, o professor Giachini relata a mesma concepção deste conceito de Eckhart nos seguintes Sermões: 1 (pp. 39-45), 4 (pp. 56-60), 5a (pp. 1-4), 5 b (pp. 65-68), 15 (pp. 16-19).

³⁹“Mais ainda, o homem, de uma certa maneira, não tem nada em comum com o nada, o que quer dizer que ele não é formado nem segundo isso, nem segundo aquilo e nem se iguala [com nada], e que ele não sabe nada de nada, de tal sorte que não se encontra nem se percebe nenhuma parte nele nada de nada, e que o nada seja portanto tirado inteiramente, de tal sorte que lá não se encontra simplesmente mais que vida, verdade e bondade. Quem é assim feito é ‘um homem nobre’, nem mais nem menos” (ECKHART, 2004, p. 33).

Existe ainda um outro tipo de ensinamento a tirar disto que nosso senhor chama um homem nobre. Devemos saber também que aqueles que conhecem Deus face a face, conhecem-no ao mesmo tempo [Deus] que a criatura, pois o conhecimento é uma luz da alma, e todos os homens aspiram por natureza o conhecimento, pois mesmo o conhecimento de coisas más é bom. Ora os mestres dizem: logo que se conhece a criatura em sua essência própria, isso significa um conhecimento vespertino, e vemos então a criatura em imagens múltiplas e diversificadas; mas logo que se conhece a criatura em Deus, isso se chama e é um conhecimento matutino; e assim contempla-se a criatura sem nenhuma diversidade e despojada das imagens e de toda imagem e despida da igualdade de toda igualdade no Um, que é Deus mesmo. Isto é também o homem nobre, do qual Nosso Senhor diz: “um homem nobre partiu”, nobre por esta razão que ele é Um e que ele conhece Deus e a criatura no Um (ECKHART, 2004, p. 33).

É importante, neste momento, retomar a definição dada por Eckhart sobre o que significa o termo latino *humus*, para explicar melhor essa definição, o comentário dos professores Schaefer e Bavaresco é elucidativo, pois, segundo eles, Eckhart aproxima a etimologia latina da palavra para mostrar que o homem é humildade – uma vez que a palavra homem (homo) vem da palavra terra (humus) e isso significa dizer que o homem nasce da terra e disto provém que o homem é humilde por ser sua condição primeira vir da terra como disse Eckhart:

Homem no sentido próprio do termo em latim, significa de uma, certa maneira aquele que se inclina completamente diante de Deus e se submete tudo o que ele é e o que é seu; levanta o olhar em direção a Deus, não para o que é seu, que sabe estar atrás dele. Abaixo dele, ao lado dele. Isso é a plena e franca humildade; esse nome, ele tira da terra (ECKHART, 2004, p. 33).

Em outro momento, o homem é qualificado como nada por ir além do tempo e do espaço, pois, nesse sentido, a palavra é usada como uma capacidade que se tem de se desprender de tudo. Isto é, o homem pode negar tudo, logo Eckhart o qualifica como nada por ir além do tempo e do espaço. A partir dessa capacidade que o homem possui, de desprender-se⁴⁰, ele encontra o caminho pelo qual se encontra com Deus, de modo que nesses dois primeiros sentidos da palavra homem se tem, em Eckhart, uma totalidade que é Deus, não se tratando desse modo de uma abstração⁴¹.

⁴⁰ “que o desprendimento não é suscetível a nada que não seja Deus posso provar da seguinte maneira: para que algo seja recebido é necessário que seja recebido dentro de algo, mas o desprendimento fica tão próximo do nada que nenhuma coisa é suficientemente sutil para poder manter-se dentro do desprendimento, a não ser Deus”. (ECKHART, 2004, p. 5).

⁴¹“(…) Não é de abstração que se trata aqui, mas da totalidade que é Deus. O homem, assim desprendido pela força do nada, é o “homem nobre”. Vemos, portanto, que, inicialmente, Eckhart compreende o homem como humildade, porém, ao mesmo tempo, como elevação ao tempo e ao corpo através do nada” (SCHAEFER e BAVARESCO. in: MESTRE ECKHART, 2004, p. 53).

Outra definição dada por Eckhart sobre a palavra homem, ressaltada pelos estudiosos acima referidos, é que o homem é um ser que conhece. De modo, que este conhecimento acontece de dois modos na vida da pessoa: o vespertino e o matutino, em queo primeiro modo é o ato de conhecer as pessoas nelas mesmas, pois as pessoas são em si mesmas diversificadas e múltiplas. O segundo modo é o ato de contemplar a criatura sem distinção, conhecendo a criatura em Deus e quem é capaz de conhecer as pessoas de modo matutino é um *homem nobre*.

Com este capítulo esclarecemos importantes conceitos do texto *O Homem Nobre*, de Eckhart, como, por exemplo, a definição de ser e não ser nobre; de interioridade e exterioridade; além de ressaltarmos a preocupação de Eckhart em redirecionar um novo caminho que pudesse mostrar, para o homem, a necessidade que este tinha de retomar sua interioridade. Portanto, Eckhart demonstrou sua insatisfação com o meio em que vivia, com o modo que o homem levava sua vida. No entanto este modo de agir do homem não correspondia com o correto, sabe-se que o correto, para Eckhart, era chegar a Deus. Por isso Eckhart direcionou suas ideias para uma reformulação dos princípios que se modificam as ações, por essas serem erradas no ponto de vista do autor medieval, que com o tempo estavam se tornando comuns aos homens.

Nesse sentido, verificou-se que o texto quis apresentar uma mudança de perspectiva moral, ou seja, o texto apresenta uma reformulação moral. Desse modo, segundo Guerizoli, a teoria apresentada por Eckhart salienta que o homem que deve conhecer o meio em que vive. Na filosofia do autor, se tem uma teologia natural que se refere ao conhecimento da moral na qual o ser está inserido tendo-se, assim, uma ética teológica e uma ética prática:

O quadro que se pode reconstruir estabelece, portanto, a consonância ou integração entre teologia e discursividade filosófica como instância fundamental a partir da qual procede a uma série de conhecimentos, morais inclusive, que se mantém em consonância com esse núcleo – assim se compre a relação entre a ética-teológica e ética como ciência prática (GUERIZOLI, 2004, p. 564).

Desse modo, Eckhart, para Guerizoli, aborda um conhecimento do homem que é essencialmente epistemológico, mas, a partir desse conhecimento se pretende demonstrar que no homem existe uma alma que tem vestígios do mundo natural. De tal modo, este conhecimento não se revela a partir da sensibilidade, mesmo que seja a partir dela que se abre o caminho da felicidade humana (uma perfeição terrestre e uma felicidade terrestre).

A teoria de Eckhart apresenta uma nova maneira de agir, uma conduta ética que, uma vez seguida, levará o homem e a sociedade a buscar a interioridade e, conseqüentemente, o

encontro com Deus. Sabemos que para Eckhart sempre, estará presente uma relação entre interioridade e exterioridade. O homem, ao buscar a interioridade, demonstrará suas atitudes também na vida social. Em tal sentido, se pode dizer que há uma conduta ética do homem interior, como é comentado por Bezerra:

Sua ética é a pureza em todas as ações. A posição interior do homem, sua disponibilidade para Deus, é, pois, para Eckhart, o mais importante. Mas não é somente um resultado de reflexão essa condição de disponibilidade. Ele coloca que o homem intimamente voltado para Deus e, conduzido por Ele, é íntegro antes de tudo, por isso pode fazer trabalhos íntegros, atuando no mundo e fugindo do seu egoísmo. O homem interior é ético porque permanece firme na substância de Deus, e nenhum ato o impede, mas todos os atos levam-no à Bem-aventurança (BEZERRA, 2004, p. 596).

Assim como alguns dos mais importantes filósofos da história da filosofia, Eckhart propõe uma reformulação nas ideias e nas ações em todo o âmbito da vida do homem que é independente do tempo em que se vive. Com o texto *O Homem Nobre* se começa a verificar a mudança de foco que o homem deve seguir para que possa mudar sua vida. Dessa forma neste segundo capítulo, procuramos mostrar que a partir do conflito entre interioridade e exterioridade há uma modificação a partir da interioridade, que deve ser demonstrada na ação exterior do homem⁴². Ocorrendo, desse modo, também, uma mudança na exterioridade do homem e tal mudança ficará mais clara no terceiro capítulo desta dissertação, que tratará do texto de Eckhart *As Conversações Espirituais*⁴³.

Este texto servirá como complemento para demonstrar que se tem uma reformulação moral em Mestre Eckhart, que teve seu início a partir do texto *O Homem Nobre*⁴⁴. Como

⁴² Para Garcia, a transformação interior deve ser vista no exterior, ou seja, o homem afirma, através da ação sua mudança interna, que se realiza no meio social em que vive e, desse modo, a mística de Eckhart não despreza o exterior, pois este é uma condição para o aperfeiçoamento interno do homem; “Com efeito, na mística de Eckhart o mundo exterior é compreendido como condição de transformação interior da conjuntura humana. Sem interior não há exterior. O sentido místico de abnegação não descreve uma experiência de rejeição do mundo material” (GARCIA, 2010, p. 40).

⁴³ Com o texto *as Conversações Espirituais*, constituído de uma série de perguntas que Eckhart responde aos seus alunos, sendo que em uma dessas respostas se confirma a especulação sobre uma reformulação moral, pois se confirma que a ação do homem, que começa a partir da sua interioridade, deve ser também confirmada no meio social em que vive. Eckhart dá a seguinte resposta a esta questão: “E quem traz Deus verdadeiramente consigo, o traz em todos os lugares, na rua e no meio da multidão, tão bem quanto se estivesse numa Igreja ou no deserto ou em seu quarto. Se ele verdadeiramente o possui, e somente ele, então ninguém pode ser um obstáculo a este homem. (ECKHART, 2004, p. 105).

⁴⁴ Esta reformulação já se apresenta neste texto, pois quando os professores Schaefer e Bavaresco, ao comentarem o significado do conceito homem nobre de Eckhart, colocam este significado no sentido de uma interrogação, porém este sentido abre a possibilidade de que no modo místico que Eckhart define o homem não é só na interioridade deste homem, mas também na sua exterioridade: *O Homem Nobre* é o modo místico de viver, unindo a vida interior e exterior. Como viver misticamente, em meio à agitação cotidiana? É possível manter esta relação interior-exterior no trabalho, no lazer, na convivência familiar-comunitária? A mística pode ser tanto nas micro como nas macro-relações, ou seja, ela é viável na esfera privada e na esfera pública?” (SCHAEFER E BAVARESCO. In: MESTRE ECKHART, 2004, p. 57).

ficou evidenciado, a partir dos comentadores da obra de Eckhart, a ideia de uma reformulação moral presente em sua teoria. Portanto, ao ressaltarmos as ideias de homem interior, homem exterior e interioridade, procuramos ressaltá-las do mesmo modo que o próprio Eckhart fez, com suas diferenças e características, pois estas ideias, a nosso ver, foram qualificadas como filosóficas.

CAPÍTULO III

AS CONVERSÇÕES ESPIRITUAIS: a ação interior do homem tem reflexo direto na sua ação exterior.

Com este capítulo queremos relatar, a partir do texto *Conversações Espirituais*⁴⁵, que Eckhart afirma a importância da ação humana, independentemente do lugar em que se possa estar, seja em uma comunidade ou longe dela. Na comunidade, o homem deve reafirmar-se em suas manifestações, as quais devem levá-lo ao encontro de Deus. A partir dessa ação, Eckhart aponta quais são as melhores, por caracterizá-las como sendo as mais justas, boas ou corretas. Tais características, que se tem em uma ação, são de acordo com as características do homem, ou seja, se homem for virtuoso a ação será virtuosa. Desse modo, ela será proveniente da virtude que se possui. Por esse enfoque, neste texto, são destacadas por Eckhart três virtudes: a da ação livre, da verdadeira obediência e da boa vontade.

Essas ideias, como as do texto *O Homem Nobre* são em seu conjunto, demonstradas como filosóficas, de modo, que ao longo deste capítulo pretendemos, ao trazer essas ideias à tona, comprovar essa opinião. Por esse motivo, para falar das virtudes identificadas, será necessário que sejam analisadas as vinte e três questões do texto, mesmo que essas virtudes não apareçam em todas as questões elas, mesmo assim, teremos que nos remeter a todas, pois estas estão, de certo modo, conectadas uma com a outra e é deste modo que as virtudes são demonstradas no texto.

O texto das *Conversações Espirituais*⁴⁶ é constituído de diálogos entre Eckhart e seus alunos⁴⁷ ocorridos quando o mestre tinha algum tempo vago durante suas funções administrativas de alguns conventos e mosteiros, que a ele foram designadas⁴⁸.

⁴⁵ Este texto contém 23 questões respondidas por Eckhart aos religiosos do convento de Erfurt.(ECKHART, 1999, pp. 99-145).

⁴⁶ Neste texto não aparecem ainda os grandes temas que constituirão a originalidade deste grande mítico cristão. Mas emergem com constância alguns temas que compõem seu caminho espiritual, especialmente aquele da perfeita disponibilidade, desprendimento e liberdade (BOFF. in: MESTRE ECKHART, 1999, p. 99).

⁴⁷ Boff, coordenador da edição brasileira de *A Mística de Ser e de Não Ter*, mostra como se deu a formação do texto *Conversações Espirituais*: “Antes de 1298, portanto com pouco menos de quarenta anos, Eckhart chega a Erfurt vindo de Paris onde chagara a ser Mestre de Teologia. Tem a seu encargo a formação dos jovens estudantes e noviços. À noite, após a ceia, reúnem-se em um círculo ao redor do Mestre e colocam questões que

As questões, respondidas por Eckhart, tratavam do dia-a-dia do homem, tanto no que diz a respeito à comunidade em que vivia, quanto a suas angústias, à interioridade, à grande questão, que era de como chegar a Deus, e às ações que deviam conduzir o homem à felicidade, ou seja, para Deus. Nesse contexto, será importante neste trabalho retomarmos essas questões, para que possamos verificar que em Eckhart se confirma um importante aspecto de sua teoria, a que a transformação do homem deve ocorrer no seu interior, mas deve se confirmar no exterior, na sua ação que ele tem quando está convivendo com os outros homens.

Para abordarmos esse texto, nosso método consistirá em discorrer, de modo geral, sobre o ponto de vista do autor, e, quando necessário, enfatizaremos uma ou outra questão. O objetivo que temos em vista é falar das virtudes presentes no texto, mostrando que sua observância não requer um afastamento da sociedade. As ações resultam das virtudes e são o resultado do caminho que o homem procura seguir, ou seja, o caminho em busca da interioridade⁴⁹ e, conseqüentemente, o caminho do encontro com Deus

Já na primeira questão, nos confrontamos com o tema da verdadeira obediência⁵⁰ que, para Eckhart, deve ser perfeita em qualquer obra, seja esta grande ou pequena, porque é deste modo que o homem tornar-se nobre, pois se suas ações não estiverem subordinadas a uma obediência suas obras se tornam irrelevantes. Desse modo, quem tem a obediência não se perturba, pois com ela não há obstáculo algum para alguém que queira fazer algo, desde que se proceda com uma verdadeira obediência.

Sempre que o homem se desapega de suas coisas e de seus interesses, age com obediência e necessariamente Deus penetra neste homem, porque quando alguém não quer nada para si, quem quer para ele é Deus, pois quer para si mesmo. Quando Deus quer algo para si também quer para quem se livrou de seus interesses e coisas:

Quando me despojei de minha vontade, depusitei-a nas mãos de meu superior e não quis mais nada para mim, então é necessário que Deus queira para mim; se nisso Ele me negligencia, Ele se negligencia ao mesmo tempo a si mesmo. Assim ocorre em

tinham ficado abertas nas aulas. É nesta ocasião que Eckhart, de forma direta e curta, expõe suas intuições místicas e ascéticas” (BOFF. in: MESTRE ECKHART, 1983, p. 99).

⁴⁸ Sobre a formação intelectual, religiosa, e suas funções administrativas das ordens religiosas e de escolas, bem como o meio político e social, nos quais Eckhart estava inserido, a apresentação feita por Emmanuel Carneiro Leão para o livro “MESTRE ECKHART SERMÕES ALEMÃES” nos traz um bom panorama sobre esse período da vida de Eckhart (LEÃO. in: MESTRE ECKHART, 2006, pp. 9-13).

⁴⁹ Com a busca da interioridade se retoma o desprendimento como base desta, como já começa a ser percebido no texto *O Homem Nobre*. Contudo, essa tema será desenvolvido no quarto capítulo deste trabalho, quando trataremos especificamente do texto *Sobre o Desprendimento*.

⁵⁰ A verdadeira obediência é a primeira questão do texto *Conversações Espirituais*(ECKHART, 1999, pp. 100-101).

todas as coisas: sempre que eu não quero nada para mim Deus o quer para mim (ECKHART, 1999, p. 101).

Por esse motivo, na verdadeira obediência não se encontra uma pessoa que quer isso ou aquilo, conforme os seus desejos, mas se encontra uma renúncia de si mesmo. Logo, quando se faz uma oração, não se deve pedir nada, mas sim querer que Deus dê para nós o que ele quiser. Para Eckhart, quem assim rezar, reza bem.

Essa atitude tem um aspecto que nos faz pensá-la não como um procedimento com o qual o homem age, sem que este procedimento tenha um efeito para este homem, como se ele não tivesse adquirido nada para si. Ao contrário, quem age com uma verdadeira obediência, tomando-a como um proceder constante em sua vida faz com que ela torne-se parte do ser, como se fosse uma característica deste ser. E podemos, desse modo, falar que o homem que assim age, com uma verdadeira obediência, adquiriu essa nova maneira de proceder, como se tivesse adquirindo uma virtude.

Nesse sentido, compartilhamos do pensamento de José Adelmo da Silva, pois ao interpretar esse mesmo texto de Eckhart, que estamos aqui discutindo, como uma nova maneira de agir, que autor expõe, Silva entende que em *As Conversações Espirituais*, Mestre Eckhart quis desenvolver um conjunto de virtudes⁵¹ que deveriam ser seguidas pelo homem, pois quando estas são seguidas este homem caminha no encontro de sua interioridade e, conseqüentemente, de Deus.

As três virtudes demonstradas são: a perfeita obediência, a atitude livre e a boa vontade. Por termos, a partir desse texto, a intenção de comprovar a existência, na teoria eckhartiana, de uma mudança de perspectiva moral, a perspectiva que foi construída é de grande valia para comprovação de nossa ideia. Desse modo, as definições sobre a existência dessas virtudes demonstram que Eckhart quis falar de uma nova maneira de agir, de se comportar, que o homem deveria seguir para poder reencontrar sua interioridade. Por isso, retomaremos as ideias de Adelmo José da Silva para que, a partir do que ele definiu como

⁵¹Na obra *Sobre o Desprendimento*, o autor já apresenta o tema sobre as virtudes, porém não as mesmas tratadas, aqui, no texto *Conversações Espirituais*, pois, para Eckhart, o desprendimento é uma virtude que se relaciona com outras virtudes como as do: amor, da humildade e da misericórdia. O amor é a virtude que nos obriga a suportar todas as coisas por Deus; já a humildade visa o aniquilamento do próprio eu e a misericórdia, por sua vez, é nada mais do que o homem sair de si mesmo e dirigir-se para as misérias dos seus semelhantes, de modo que esta entristece o homem. Desse modo, se tem o desprendimento, como uma virtude para Eckhart, não como superior as outras, mas acima de todas as outras virtudes,(quem?) Porque o homem desprendido abre caminho para que todas as virtudes se manifestem nele. Sendo, assim, o homem deve agir no decorrer de sua vida de maneira desprendida, (tanto das coisas exteriores – bens materiais, como das coisas interiores – sentimentos como o de paixão, por exemplo). Assim, o homem, terá o encontro com Deus, e esta é a relação que ele deve buscar. De modo, que a virtude do desprendimento, quando posta em prática pelo homem, traz uma constante relação do homem com Deus. Deste modo, é que deve relacionar-se todas as virtudes com o homem, ou seja, só a partir de uma ação desprendida as outras virtudes terão como surgir em um homem. (Cf.ECKHART, 2004, pp. 1-27).

virtude ou atitudes morais em Eckhart, possamos mostrar, neste capítulo, em quais das vinte e três questões essas virtudes se apresentam, e que com a comprovação da existência destas, será possível falar de uma moral que é apresentada por Eckhart neste texto.

Assim, se faz necessário apresentar quais são as virtudes que o texto *Conversações Espirituais* apresenta. Lembramos que a teoria de Eckhart apresenta um percurso no qual o homem deve ter uma ação que seja responsável pela volta deste a sua parte divina, que foi criada por Deus. Todavia, a sua parte divina se encontra escondida e, portanto, é preciso revitalizá-la para que o ser possa seguir o caminho de quem o criou, ou seja, de Deus. E para que isso aconteça, o homem precisa mudar sua maneira de agir tanto em relação o seu interior quanto em relação ao seu exterior. E, essa mudança pode acontecer, basta que se percorra um processo de retomada de sua interioridade.

Logo quando deixamos que Deus haja e fale livremente para o nosso ser, que deve manter-se silencioso frente à recepção do que é divino, procedemos de um modo que nos tornamos receptíveis a Deus. Tal recepção só pode acontecer se o homem, além de se manter em silêncio, praticar as virtudes⁵² que podem uni-lo com Deus. Adelmo José da Silva, no seu comentário sobre o escrito as *Conversações Espirituais*, declara:

Mas, no que consiste esse silêncio e o deixar Deus agir? É o que tentamos responder a seguir através do que identificamos como três virtudes morais básicas e preparatórias para a união com a deidade. Essas virtudes ou atitudes morais encontram-se descritas nas *Conversações Espirituais*. Conjunto de ensinanças morais que Eckhart pronunciava para os religiosos do convento de Erfurt, do qual foi superior no ano de, mais ou menos, 1294. São elas: a perfeita obediência, a atitude livre e a boa vontade (SILVA, 2004, p. 527).

Com esse esclarecimento, notamos que Eckhart estava falando a partir do que ele entendeu ser um novo modo de agir, em que o homem deveria ter uma nova postura que deve ser adquirida⁵³, ou seja, se faz necessário a aquisição das virtudes⁵⁴ para que seja possível a

⁵²Na obra *A Divina Consolação*, Eckhart trata das virtudes como algo natural que existe no homem. Além disso, afirma, que uma ação virtuosa deve se remeter a qualquer tarefa exterior, porque, se ela estiver conectada ao interior, se liga com a bondade de Deus. (ECKHART, 1999, pp. 70-72).

⁵³ Giachini descreve a ética de Eckhart como um aceitar o que se é e não como um dever ser, pois a partir da aceitação, o homem pode compreender-se. Depois de compreender a si mesmo é que se pode mudar, melhorar, sem se afastar de um movimento contínuo que faz com que o homem não se afaste de si, mas consiga se aproximar de Deus voltando-se para o seu interior, recolhendo-se no que ele sempre foi, por ter em si a parte divina que foi criada por Deus: “A concepção das criaturas como sendo nada orienta também o pensamento da ética eckhartiana. Se as criaturas nada são, não há o que fazer pela atuação do empenho ético para vir a ser o que se deve ser. Por outro lado, como já se é sempre de antemão o ser, mesmo que não se tenha ciência disso, o homem não precisa querer e buscar e operar um dever ser, mas apenas aceitar o que sempre foi. (...) A ética em Eckhart não é um prolongamento nem sequer uma disciplina dentro da teologia ou da metafísica. Isso porque ética, para Eckhart, não é um fazer, uma responsabilidade positiva do homem como tal, no sentido de estabelecer normas, um padrão de conduta e um parâmetro axiológico e teleológico. O Deus de Jesus Cristo, o único que se

retomada da interioridade do ser. Desse modo, retomamos o que começamos a falar da verdadeira obediência, deixando as outras duas virtudes para quando os temas referentes a elas surgirem em outras questões.

Como já relatamos, a verdadeira obediência é um dos passos que se deve começar a ter para que possamos reencontrar nossa parte divina. A partir da atitude, da verdadeira obediência, um homem seguro de si, a partir do seu desprendimento, deixa por sua própria vontade que Deus mostre o que é certo, pois ela é um ato de confiança frente a Deus, nos tornando obedientes a ele. Porque é isso o que deveríamos querer, pois quando agirmos conforme a verdadeira obediência, deixamos que Deus nos mostre qual a melhor que devemos fazer, mesmo que tenhamos que agir de um modo contrário ao que pensamos inicialmente. Mesmo que essa ação possa parecer ser contra a nossa vontade ou ao que desejamos⁵⁵, parecendo, em um primeiro instante, que o resultado dessa ação nos causará um mal:

Essa atitude moral pressupõe confiança, visto que o colocar-se inteiramente nas mãos de Deus possui como ponto de partida a convicção que ele será capaz de tudo, até mesmo do considerado humanamente impossível. Desse modo, aquilo que pode parecer ruim em um primeiro momento constitui-se na visão de Eckhart, um incontestável ganho (SILVA, 2004, p. 528).

Assim como essa primeira questão, começamos a perceber, na exterioridade, que a ação do homem se direciona em um sentido de renúncia das coisas exteriores. Os primeiros passos para a interioridade devem acontecer no meio social em que vivemos. Porque é através da verdadeira obediência a Deus que passamos a ter uma nova postura, e esta se refletirá em nossa ação. Desse modo, tomaremos essa obediência como uma virtude, para nossa vida, não porque fomos coagidos a agir desta maneira, mas pelo motivo de agirmos pela nossa própria vontade, pois é assim queremos.

mostra como média final (Emdmass), é sem modo, sem nome. ‘Deus não é bom’, Deus não é o bem, pois lhe seria inerente uma comparação de mais e menos, e isso é um modo humano de atribuir valor a realidade. A atitude negativa, portanto do *lassen*, *abscheiden*, *ausgehen* etc. Não diz primeiramente de um esvaziamento da força do atuar, mas de uma ineficiência desse atuar junto as fontes nascivas do ser. Assim, a ética é antes um deixar de fazer” (GIACHINI. in: MESTRE ECKHART, 2006, pp. 24-26).

⁵⁴ “Todavia, convém saber que o possuir-a-virtude e o querer-sofrer tem graduação, exatamente como vemos na natureza: um homem avanta-se a outro no tamanho, na beleza, na aparência, no aspecto, no saber, nas aptidões. Da mesma forma um homem pode ser bom, e todavia – sem aparta-se de Deus ou da Bondade – estar mais ou menos apegado, com amor natural, ao pai, à mãe, à irmã, ao irmão. Contudo será bom ou melhor na mesma proporção em que se deixar consolar e tocar em menor ou maior grau por esse amor ou afeto natural ao pai e à mãe, à irmã, e ao irmão, e a si mesmo, e deles tomar consciência” (ECKHART, 1999, p. 63).

⁵⁵ “Na verdade, a propensão para a exterioridade e a consolação no desconsolo, assim como o prazer, o interesse ou a frequência com que disto falo, denotam com verdade que Deus não se faz visível em mim, não vigia em mim, não opera em mim. E ademais, ele (isto é, o homem bom) deveria sentir vergonha de expor-se assim aos olhos das pessoas de bem. O homem bom nunca deve deplorar seus males e sofrimentos; antes, deve lastimar o mesmo hábito de lastimar-se e o deparar em si, ainda, tais queixas e aflições” (ECKHART, 1999, p. 59).

Em todas as ações que fizermos será percebida uma nova maneira de agirmos, seja nas ações mais simples ou nas mais difíceis. Por esse motivo, a partir dessa nova maneira que se terá uma atitude livre⁵⁶ que, posteriormente, acarretará em uma oração que será mais forte e que alcançará todas as coisas, e, por isso nossa obra se tornará mais digna e importante. Isso brota de uma atitude livre (*Lediges Gemüt*), porque quanto mais livre for a atitude, mais perfeita será a oração e a obra. Por isso uma atitude livre é qualificada por Eckhart da seguinte maneira:

A atitude livre é aquela de quem não se perturba com nada nem está preso a nada; nem condicionou a sua felicidade a uma situação dada, nem se preocupa consigo mesmo, antes está mergulhado totalmente na amorosíssima vontade de Deus e se despojou de si mesmo (ECKHART, 1999, p. 102).

Sendo assim, podemos destacar o tema das virtudes, uma vez que a atitude livre também é uma virtude a ser adquirida. Esta é a segunda virtude que queremos destacar⁵⁷.

Desse modo, quando alguém se despoja de si, não preocupando-se consigo e entregando-se à vontade de Deus age livremente. No entanto, isso não significa que o homem deve desprezar todos os seus sentidos, mas que, na obra da oração, todos os seus sentidos estejam orientados para a mesma. Com essa questão, tem-se uma continuidade da primeira, porque a partir de uma atitude livre, se continua no caminho da interioridade.

É com essa atitude que Eckhart começa a responder àqueles que constantemente se encontram cheios de si mesmos⁵⁸, pois estão sempre preocupados com o que fazer, com quando fazer, com o porquê fazer, além de com quem devem estar, ou não, e qual o lugar devem estar, ou não. Estes, na verdade, estão cheios de si, cheios das próprias situações, afazeres e necessidades que eles mesmos criaram em suas vidas. Sem perceber que tais situações são as causas que os afastam de si mesmos, por se ligarem mais às coisas exteriores:

Pessoas que procuram paz em coisas exteriores, seja em lugares ou em situações diferentes, seja junto a outras pessoas, em obras, no estrangeiro, na pobreza ou mesmo na humilhação, enquanto procurarem desta forma nada encontram. Por mais impressionante que tudo seja não é nada e não confere nenhuma paz. Quem procura assim, procura de forma totalmente errada (ECKHART, 1999, p. 103).

⁵⁶ Cf. Segunda questão: **“QUAL A ORAÇÃO MAIS FORTE E QUAL A OBRA MAIS EXCELENTE”** (ECKHART 1999, pp. 101-102).

⁵⁷ “Não se trata aqui de um fugir das coisas, mas de um relacionar-se corretamente com elas. Nem de fugir de si mesmo. O homem deve não estar nas coisas, mas poderá estar junto com as coisas (...)” (SILVA, 2004, p. 529).

⁵⁸ Cf. Terceira questão: **“OS PREOCUPADOS, E CHEIOS DE SI MESMOS”** (ECKHART, 1999, pp. 102-103).

Para Eckhart, quem renuncia a um reino ou ao mundo todo não renuncia a nada se conservar-se em si. O homem, portanto, pode ter riqueza, honra, prazeres ou emoções, desde que estas não o afastem da busca pela interioridade. Fica evidente, com essa questão, a importância da ação do homem, quando busca o seu interior, na comunidade em que vive, pois ele começa a agir de outro modo, ao buscar pelo encontro com Deus, mas sem deixar de viver em uma sociedade.

Na caminhada para interioridade, o homem pode pensar que, ao negar as coisas exteriores, já é conduzido para o interior, mas Eckhart diz: “Deves saber que jamais alguém renuncia tanto nesta vida que não encontre nada o que ainda não devesse renunciar (ECKHART, 1999, pag. 104)”, ou seja, é preciso renunciar⁵⁹ tanto às coisas interiores como as exteriores. A partir dessa afirmação se evidencia que não basta apenas renunciar às coisas exteriores, mas também, se deve renunciar às coisas interiores que não levam ao encontro da interioridade, como, por exemplo, os sentimentos que são comuns das paixões. Devido a estes não serem sentimentos que nos levam ao encontro da natureza divina, pois não são importantes quais são as obras que fazemos, mas sim de que natureza elas se originaram:

Por mais santas que forem as obras, elas, enquanto obras, jamais chegam a nos santificar. Mas na medida em que nosso ser e nossa natureza forem santos, nesta mesma medida santificamos todas as nossas obras como o comer, o dormir, o acordar, ou outra coisa qualquer (ECKHART, 1999, p. 104).

Por isso, o que importa é qual o motivo e qual o fundamento de nossa ação, de nossas obras, porque estas é que terão reflexo na comunidade, seja como exemplo para família, para os amigos ou como exemplo de um homem que tem um cargo político e que efetivamente tem influência na sociedade.

A partir do exposto, nos perguntamos qual a natureza e qual o fundamento do homem e de suas obras⁶⁰. Para Eckhart a resposta é a atitude voltada em seu máximo para Deus. Aí nesse aspecto o homem deve colocar todo seu empenho em tudo o que faz, ou deixa de fazer, para que Deus se torne grande para ele, porque quanto mais pura for nossa ação, melhores serão nossas obras, não importando quais sejam.

A sexta questão⁶¹ apresenta um ponto fundamental, porque apresenta com mais clareza o tema que abordamos neste trabalho: se explicita a necessidade de procurarmos ir ao

⁵⁹ Cf. Quarta questão: “**COMO É ÚTIL, RENUNCIAR EXTERIOR E INTERIORMENTE**” (ECKHART, 1999, p. 104).

⁶⁰ Cf. Quinta questão: “**O QUE FAZ A ESSÊNCIA E FUNDAMENTO SEREM BONS**” (ECKHART, 1999, p. 104).

⁶¹ “**O DEPOJAMENTO E POSSE DE DEUS**” (ECKHART, 1999, pp. 105-108).

encontro de nossa interioridade, porém deve ser uma ação que será verificada no meio no em que vivemos. Além disso, com essa questão, retomamos a ideia sobre atitude livre, já que a definimos como uma virtude que deve ser adquirida pelo homem, para que este possa deixar a si mesmo, e para que Deus possa contribuir com sua ação, diretamente na alma do ser⁶².

O cerne da questão começa a ser respondido logo no seu início, quando Eckhart é questionado se as pessoas que procuraram viver sós, ou que gostariam de se isolar em algum lugar, como em uma igreja, estão corretas e por isso encontrariam a paz⁶³. Ele declara que tal posição está errada, tendo em vista que, ao se querer possuir Deus se tem a intenção de estar designado para Deus. Logo em todas as obras de um homem e em qualquer lugar estará Deus, pois é Deus quem faz as obras do homem, por ser a causa deste, que apenas as executa:

(...) é Deus quem faz as obras deste homem; pois a obra pertence própria e verdadeiramente mais a quem a causa do que a quem executa. Se tivermos sempre e tão-somente a Deus em mente, então Ele fará nossas obras; na operação destas obras todas não será impedido por ninguém, nem pela multidão nem pelo lugar (ECKHART, 1999, pp. 105-106)

Por isso, este homem não procura e não quer nada para si, por ser Deus a única coisa que lhe agrada. E quando assim age um homem, na busca de Deus, ninguém lhe impedirá de fazer algo. Desse modo, uma pessoa não se distrai e, ainda, nada poderá dispersá-la, pois a multiplicidade não consegue distrair Deus. Da mesma forma, esta pessoa não vai se distrair e nem se dispersar por estar unida com Ele.

Dessa forma, em qualquer lugar que se esteja, deve-se ter Deus em si mesmo. Esta atitude deve ser conservada e levada para dentro da comunidade, quando nos encontramos na diversidade ou na inquietação. Eckhart, com essa explanação, não iguala todas as obras, que um homem faz ou pode fazer, em um mesmo nível⁶⁴, mesmo porque as diferenças entre estas obras são evidentes para o autor, mas ele apenas expõe que se deve manter a mesma atitude,

⁶² Nessa sexta questão, assim como na segunda, nos valem do comentário de Adelmo José da Silva para definirmos o conceito de atitude livre de Eckhart como uma virtude, e que se faz necessário que se adquira esta virtude, pois a partir dela nos relacionamos de uma maneira melhor com as coisas sem que estas afetem nossa ação, pois com uma atitude livre, por nossa própria vontade e escolha, deixamos que ação de Deus tenha resultados sobre nosso ser (SILVA, 2004, p. 529).

⁶³ “Se alguém está bem, estará bem em todos os lugares e no meio de todo tipo de pessoas. Se está mal, estará mal em todos os lugares e no meio de todo gênero de pessoas. Quem está bem com todas as coisas, traz, verdadeiramente, Deus consigo. E quem traz Deus verdadeiramente consigo, o traz em todos os lugares, na rua e no meio da multidão, tão bem quanto se estivesse numa igreja ou no deserto ou em seu quarto. Se ele verdadeiramente o possui, e somente a Ele, então ninguém pode ser um obstáculo a este homem” (ECKHART, 1999, p. 105).

⁶⁴ Se quis dizer que não deve se entregar ou se dispor das coisas exteriores: “O homem deve apreender Deus em todas as coisas; deve acostumar o seu espírito a ter sempre Deus presente, no sentimento, na intenção e no amor” (ECKHART, 1999, p.106).

em qualquer lugar que se esteja, e em todas as obras que se faz. Porque é assim que o ser pode encontrar-se com sua interioridade. Porém quando se tem uma atitude contrária, que não é estar com Deus, é porque se está procurando Deus fora de si, nas coisas, nos lugares e nas obras e, quando assim se age, não procuramos verdadeiramente por Deus.

O homem que neste estado se encontra, qualquer coisa facilmente o perturba. Seja esta coisa a má sociedade, ou até mesmo uma boa sociedade, ou quando se encontra na rua, ou quando se encontra na igreja. O mesmo acontece com as boas ou as más palavras, porque este homem não percorreu o caminho de encontro a Deus. Por isso, Deus nele não se encontra, em todas suas partes, e qualquer coisa pode incomodá-lo:

Isso porque a perturbação habita dentro dele e porque Deus não se tornou nele todas as coisas. Se assim fosse, ele se sentiria bem em todas as circunstâncias e no meio de qualquer tipo de pessoas; pois ele possui Deus; ninguém pode tirá-lo dele nem alguém poderia perturbá-lo em sua obra (ECKHART, 1999, p. 106).

Constatamos que, para Eckhart, estar verdadeiramente com Deus consiste em uma atitude e em ansiar por Ele, não sendo aconselhável um constante e simultâneo pensar Deus, e ansiar por Deus, pois seria muito penoso ao homem. Além do mais, tudo que é pensado passa, inclusive Deus. Deve-se, então, possuir um Deus que ultrapasse os pensamentos dos homens e de todas as criaturas. Esta é a única maneira de possuir Deus, porque este não passa a não ser que, voluntariamente, se queira afastar-se dele.

Eckhart faz uma comparação, usando os exemplos de alguém que tem sede e de alguém que ama fortemente alguma coisa, para mostrar que quem possui verdadeiramente Deus em si nunca o deixará de tê-lo. Vejamos os exemplos:

Sirva-nos de comparação um homem tomado de terrível sede. Pouco importa o que faça em vez de beber e em que coisas pense; enquanto a sede perdurar, seja fazendo isto, ou estando com aqueloutro, sabe lá com que desejos, pensamentos ou em que afazeres, não lhe sai da cabeça a idéia da bebida (ECKHART, 1999, p. 107).

Este homem, para Eckhart, está definitivamente ao lado de Deus, porque compreende as coisas divinamente, bem como de forma mais elevada do que elas são. Porém, é necessário ter cuidado, dedicação, além de uma vigilante atenção sobre a interioridade humana e um conhecimento verdadeiro sobre os objetos dos quais se está aplicando seu espírito. Para que não se possa enganar-se a respeito de tais objetos, pois isso não se aprende fugindo das coisas e se isolando externamente: primeiro é preciso aprender uma solidão interior não importando com quem ou onde se esteja.

Por conseguinte, faz-se necessário que o homem conheça as coisas e Deus, dentro delas mesmas, para que seja possível representá-lo na sua força expressiva e na sua forma essencial. Uma pessoa que assim age é semelhante a quem domina uma arte, por exemplo, pois para que se domine uma arte, é preciso muito exercício e que se faça muitas vezes a mesma coisa, por mais que seja penoso ou impossível. Caso o homem se aplique com diligência e com frequência, acaba se apropriando e, ainda, aprendendo a arte que queira. Depois de ter dominado a arte, o homem se liberta completamente da imagem e da reflexão, pois basta saber praticar sua arte, pouco importando no que está pensando.

Dessa mesma forma, o homem deve ser penetrado pela presença divina, para que, essencialmente, a presença de Deus o ilumine, não precisando de nenhum esforço. E assim será se conseguir acima de tudo, um despojamento de todas as coisas para que possa permanecer livre, mesmo que esteja frente a elas. Por isso não importa o lugar em que estivermos, mas nossa ação deve ser sempre como a de alguém que age em busca de sua interioridade, e conseqüentemente de Deus. E esta mudança se notará também no meio social em que se vive como bem deixou claro Eckhart nesta questão.

Chegaremos facilmente às coisas que queremos, sem que haja nenhum empecilho, e nem nos impregnaremos com imaginações obsessivas se o nosso coração estiver com Deus, entretanto isso não basta. Deve-se saber usar todas as coisas, sejam elas como forem, pouco importando o que vemos ou ouvimos, ou ainda o lugar onde estejamos. Dessa forma, agindo com diligência, pode-se chegar, sempre mais, a um verdadeiro crescimento.

Deste modo, segundo Eckhart, para um homem buscar corretamente a interioridade, ele não deixar de lado o que é natural nele, ou seja, a razão, pois esta ajuda na busca consciente sobre sua própria interioridade:

Atenção: isto não deve ser entendido no sentido de que se deva fazer algo de meramente mundano ou menos bom e adequado, mas no de que tudo o que exteriormente sensibilizar o olho ou ouvido seja reconduzido a Deus. Para quem Deus for presente em todas as coisas e quem dominar e usar maximamente sua razão, este somente sabe da verdadeira paz e possui o verdadeiro Reino dos céus (ECKHART, 1999, p. 109).

Agindo assim, o homem pode encontrar Deus em todas as coisas. Essa ação é consciente por se dar racionalmente, devido ao empenho que se teve ao gastar o que se pode, em pensamentos e forças em função da busca pela interioridade. É desse modo que as pessoas possuem uma correta atitude para poder conhecer e encontrar imediatamente Deus em todas as coisas. Sabemos que as obras são diferentes umas das outras, porém, se agirmos com uma

atitude correta, todas as obras serão iguais, porque para aquele que age corretamente, Deus se tornou algo próprio. E, além disso, brilha da mesma forma, seja nas coisas profanas ou nas sagradas. Logo, o homem que age corretamente, em sua sociedade, mostrar-se-á clara e verdadeiramente em sua ação, que será uma ação correta, boa, justa, etc., diante das pessoas que convivem com ele, mostrará, ainda, que a modificação interior do homem também será verificada no seu exterior, ou seja, há uma mudança de perspectiva, uma reformulação no modo de agir e, conseqüentemente, se tem uma mudança moral.

Mesmo quando o homem agir perfeitamente, não deverá julgar essa ação como boa, pois pode desligar-se de sua obra, ficando seguro de si. Isso poderá gerar uma redução de sua razão, que poderá tornar-se ociosa e adormecida devido a esse julgamento. Por esse motivo, deve-se estar constantemente vigilante e atento⁶⁵ com todas as nossas forças, com razão e vontade para conquistar o melhor para si. É nesse sentido que podemos chegar ao mais alto grau de conhecimento da nossa interioridade e de Deus:

Deve-se medir continuamente essas duas forças, a razão e a vontade, a fim de lograr o melhor em sumo grau; destarte encontra-se decididamente armado contra todo e qualquer dano; assim não pede nada em cada coisa, antes pelo contrário, cresce ininterruptamente e em alto grau (ECKHART, 1999, p. 110).

Notamos que, para Eckhart, o homem que age no seu interior, na busca deste, deve agir de tal maneira que o exterior não seja um empecilho para sua mudança interna. São as coisas externas⁶⁶ que iludem e afastam o homem de Deus, de modo que não devem ser privilegiadas, em detrimento do real objetivo, que pode levar à felicidade humana e ao encontro com Deus, objetivo este que é alcançado a partir da interioridade.

Para Eckhart, existem dois tipos de homem, como já vimos no texto *Homem Nobre*, a saber: o primeiro, feito pela natureza, não é seduzido e nem atraído por fraquezas, caso seja, é muito pouco; o segundo é de uma natureza sensível às tentações, já que pela mínima presença das coisas exteriores fica atraído pela ira, pela vanglória ou pela sensualidade, conforme ele é afetado:

⁶⁵ cf. Oitava questão: “O EMPENHO CONSTANTE NO MÁXIMO CRESCIMENTO” (ECKHART, 1999, pp. 110-111).

⁶⁶ Eckhart, desde o texto *O Homem Nobre* desenvolveu o seu conceito de busca da interioridade como ponto central do reencontro do homem com sua parte divina, Deus. Em consequência disto, foi preciso que Eckhart desenvolvesse em sua teoria como o homem poderia se livrar das coisas que o impedissem de fazer essa busca, as coisas da exterioridade. Com o texto da *Divina Consolação* Eckhart retoma esse tema de um modo mais poético, mas sem deixar de ser incisivo ao mostrar o limite das coisas exteriores, no que se refere a participação destas para o desenvolvimento da interioridade humana, nos mostrando a vivacidade do seu pensamento: “E digo, que todo o sofrimento provém do amor àquilo de que a perda me privou. Portanto, se a perda de coisas exteriores me faz sofrer, eis aí um indício seguro de que tenho amor às coisas exteriores e, por conseguinte, de que na verdade eu amo o sofrimento e o desconsolo” (ECKHART, 1999, p. 56).

Em suas forças superiores ele fica bem firme, imóvel e não quer cometer o erro, como irar-se ou qualquer pecado; luta, portanto, fortemente contra a fraqueza; talvez se trate de uma fraqueza radicada na própria natureza como é caso de homens que por natureza são irados ou subservientes ou têm qualquer outra falta; apesar disso não querem cometer pecado (ECKHART, 1999, p. 110-111).

Eckhart, em sua teoria, menciona que embora um homem tenda pela busca de um vício, essa busca pode lhe trazer proveito. Mesmo quando se tem uma inclinação para o mal⁶⁷, é possível tornar-se piedoso, pois, em primeiro lugar, a inclinação não é um pecado; o querer pecar que é um pecado. Em segundo, lugar uma inclinação e uma tendência ao vício podem produzir uma virtude, por se ter um esforço de resistir a uma tendência de agir mal.

No primeiro caso, o homem justo⁶⁸ não deve desejar ser livre da inclinação ao pecado, porque é essa inclinação que o mantém seguro em suas ações, por estar sempre cuidadoso quando faz uma ação. No segundo caso, a inclinação faz com que o homem sejacuidadoso e vigilante frente aos vícios, bem como o leva a exercitar-se na virtude. Para Eckhart, essa inclinação seria um impulso que pode fazer com que o homem se torne vigilante e virtuoso, ou seja, nessa questão, conviver no mundo externo seria de grande ajuda para o homem se desenvolver internamente por haver neste mundo várias coisas sensíveis que revelam ao homem suas inclinações e tendências. Nesse sentido, se destaca o comentário de Souza, pelo fato deste autor se posicionar do mesmo modo que pensamos, confirmando nossa ideia sobre o que dissemos:

Nesse sentido o pecado, se descobre como aquilo que a alma é capaz de transcender no ato de recolhimento para sua essência primordial. Mas o que se quer aqui compreender, propriamente, por pecado? O pecado é puro esquecimento de Deus, quando o homem tem a presunção de ser maior que sua origem (o princípio, o sagrado, Deus). Mas é no esquecimento do seu fundo divino que o homem toma consciência de sua pobreza, ao atentar-se para o fato do que seu ser, em si, é um puro nada e que, por isso ele (o homem) precisa renascer constantemente no ser de Deus, o que acontece no recolhimento total à sua interioridade que é ela mesma divina (SOUZA, 2007, p. 69).

⁶⁷ cf. Nona questão: **“COMO A INCLINAÇÃO PARA O MAL PODE TORNAR O HOMEM PIEDOSO”** (ECKHART, 1999, pp. 110-111).

⁶⁸ “A justiça não lhe pode causar dor, pois outra coisa não é senão alegria, prazer e deleite; e ademais se causasse dor ao justo, a justiça a causaria a si mesma. Nenhuma coisa desigual e injusta, nem coisa alguma feita ou criada seria capaz de lançar na dor o homem justo; pois tudo o que é criado é de muito inferior a ele, tanto quanto é inferior a Deus, e não causa nenhuma impressão ou influência no justo, nem se engendra naquele cujo pai é Deus somente” (ECKHART, 1999, p. 55). No texto da *Divina Consolação*, Eckhart conceitua o homem justo como aquele que se encontra sereno e inabalável na paz do seu coração. E por isso o homem justo não se entristece e pouco se importa com o que lhe possa acontecer, mas Deus permite com que ele possa se entristecer, pois se interferisse não agiria com justiça, mesmo que pretendesse que o homem fosse justo do modo pelo qual ele definiu por justo (ECKHART, 1999, pp. 55-56).

Se essas inclinações forem para o mal, elas podem ajudar o homem na reflexão e na vigilância, contra a própria inclinação, para que estas não se tornem pecados e, ainda, para que se tenha uma ação justa dentro da comunidade.

Constatamos que Eckhart ao falar de uma inclinação que podemos ter, esta se remete a uma forma de agir que pode ser boa ou má dependendo de como podemos ser afetados e, principalmente, de como estamos frente a tal inclinação, isto é, se estamos ou não no caminho do reencontro de nossa interioridade⁶⁹. De acordo com essa condição, podemos agir de uma forma justa ou não e ainda, devido a ela, dizemos que um homem age conforme a sua vontade, ou seja, se age justamente ou injustamente.

Logo, a partir da nona questão das *Conversações Espirituais*, podemos destacar mais uma ideia sobre virtude em Eckhart, como fizemos em questões anteriores. Trata-se, agora, da virtude da boa vontade⁷⁰, que é a terceira que destaca como é possível a união do homem com Deus⁷¹. E desta, conseqüentemente, continuará se destacando na décima e décima primeira questões.

Para responder a décima questão, Eckhart disse que quem estiver de boa vontade nada precisa temer, mesmo que não tenha feito obras, e tampouco deve se julgar longe da virtude, pois quando se encontra com uma boa e reta⁷² vontade nada pode prejudicá-lo. Quando se age com essa vontade, se está agindo com amor, com humildade ou com qualquer outra virtude e, por isso, se está agindo diferente, por estar de acordo com a boa vontade. Além disso, ninguém, seja Deus ou as criaturas, não poderá tirar deste homem nada, devido sua vontade de se manter inteira, divina e orientada ao presente⁷³.

⁶⁹ Quando dizemos que voltar para interioridade não é um negar de nossa exterioridade é porque quando estamos dispostos a mudar nossa maneira de agir, o resultado de nossas ações, as nossas obras, serão o reflexo da mudança que começamos a fazer no interior. Souza explica com exatidão essa mesma ideia: “Voltar-se ao interior, ao fundo da alma. O que não implica num recolhimento inerte, estéril; pelo contrário, trata-se de uma interiorização que precisa eclodir numa ação, precisa ser um fazer, um expor-se, um vir a ser. O vir a ser do interior e a realização de uma necessidade” (SOUZA, 2007, p. 64).

⁷⁰ No sermão de número dois, Eckhart fala que o homem que age de acordo com a vontade de Deus não deixa de se submeter a ela, mas assim ele faz por sua própria vontade, pois ele quer que Deus aja de sua própria maneira para que ele, homem, possa encontrar em si a vontade divina. Desse modo, este homem nada vai querer e nem poder, apenas vai querer conforme a vontade divina, ou seja, ele vai agir bem, porque agirá de acordo com o que é bom, do mesmo modo como faria o próprio Deus na sua vontade que é pura: “Vontade própria te toma a liberdade de estar a disposição de Deus neste presente instante; de seguir unicamente a Ele na luz, com a qual te orienta a fazer e deixar na liberdade, na novidade, a cada instante: como se outro modo tu nada tivesse, nada quisesse e nada pudesse” (ECKHART, 2006, p. 47).

⁷¹ “A moral de Mestre Eckhart não dispensa outra virtude não menos importante que as duas procedentes, a saber, à vontade”. (SILVA, 2004, p. 529).

⁷² Décima questão: “Como a vontade tudo pode e como as virtudes residem na vontade com a condição de que seja reta” (ECKHART, 1999, pp.111-114).

⁷³ “Antes pelo contrário, o que profundamente e com toda vontade quiseses, isto o terás e Deus e todas as criaturas não poderão te arrebataram enquanto a vontade permanecer inteira e verdadeiramente divina e orientada para o presente” (ECKHART, 1999, p. 111-112).

Desse modo, tanto o bem como o mal têm a mesma força, mesmo que façamos uma ou outra ação, boa ou má. Nossa vontade estará direcionada para uma ou para outra ação, não importando se fizemos ou não a ação. Se nos direcionamos com boa vontade, essa será incomparavelmente mais válida, pois com esta podemos tudo, segundo Eckhart:

Com efeito, com a vontade eu posso tudo. Posso carregar a pena de todos os homens; posso alimentar todos os pobres; fazer as obras de todos os homens e o que quer que tu possas imaginar. Se não é vontade que te faz falta, mas unicamente a possibilidade de fazer, em verdade diante de Deus fizeste tudo; ninguém te pode tirar isto nem te contestar por um só momento; pois queres fazer enquanto tenhas a possibilidade, e haver feito é igual diante de Deus (ECKHART, 1999, p. 112)⁷⁴.

Eckhart disse, contudo, que se poderia perguntar se na vontade reside uma virtude, e se reside, quando ela é reta? Para Eckhart, a virtude é reta quando se está despojado e desligado do próprio eu, porque se assim estiver o homem, estará modelado de acordo com a vontade divina.

De acordo com Eckhart, outra pergunta poderia ser feita dentro dessa questão: como se pode ter amor se não o sentimos e nem constatamos sua presença; como ver-se em outros homens, a partir de suas obras, fazendo-nos chegar à conclusão de que não o temos? Eckhart responde que no amor se encontram duas possibilidades que devem ser consideradas: a essência do amor e sua operação (ou manifestação), sendo que a essência do amor reside na vontade e quem tem mais vontade tem mais amor. A sua operação se apresenta pela interioridade que se manifesta a partir de um sentimento de beleza da alegria. Todavia, é preciso ter cuidado, pois estas, duas possibilidades, podem não ser as melhores coisas. Essas manifestações quase sempre não provêm do amor⁷⁵ e sim, na maioria das vezes, se revelam da natureza, através de um sentimento ou de um estado de bem estar e os homens que experimentam tais coisas, na maior parte das vezes, não experimentam as melhores coisas.

Para que não haja tal engano, é preciso que o homem liberte-se de suas escoras, se despegue, para que possa se aproximar da natureza de Deus. Para isso ser possível, é necessário que a pessoa cresça no amor de Deus não tendo, deste modo, tantas emoções e tantos sentimentos que não a levem ao caminho de sua interioridade, evidenciando que conquistou o amor de Deus. Dessa maneira, a pessoa guardará uma felicidade total em Deus.

⁷⁴ Essa mesma citação foi usada por Silva para explicitar que o homem que age com boa vontade está agindo de acordo com a vontade de Deus. (SILVA, 2004, pp. 529-530).

⁷⁵ Na obra *A Divina Consolação*, Eckhart destaca que o sofrimento provém das coisas transitórias que amamos e que nos inclinamos e, por esse motivo, não amamos o que vem de Deus: “Digo, outrossim: Todo o sofrimento vem do amor e da inclinação. Portanto se sofro por causa de coisas transitórias, a razão disto está em que eu, com meu coração, continuo a amar a pender para as coisas que passam; não amo a Deus com todo o meu coração, e ainda não amo o que Deus quer ver amado por mim e com ele” (ECKHART, 1999, p. 58).

Desse modo, o homem chegará à graça divina, pois aquilo que é livremente deixado por amor, em troca é recebido muito mais. Sendo que novamente se encontrará o amor divino, por ter renunciado ou deixado alguma coisa para trás por ele.

Percebemos que Eckhart formulou uma teoria que apresenta um caminho de volta à interioridade humana, o qual deve ser percorrido pelo homem a partir de uma mudança no seu modo de agir e deve começar através da sua vontade, que se manifesta na ação e, por sua vez, esta ação deve ter o amor como um princípio. Ocorrendo um crescimento do amor no homem, também crescerá sua vontade e, assim, o amor se manifestará na sua interioridade, fazendo com que ele progressivamente se encontre com a interioridade e, conseqüentemente, com Deus.

Dessa forma, esse homem sofrerá uma modificação e agirá de maneira diferente em sociedade, pois terá uma ação que corresponderá com sua vontade e que aumentará em si de acordo com amor divino. Logo, sua interioridade manifestará um amor livre, desapegado, que o levará ao encontro de Deus⁷⁶.

Com a décima primeira⁷⁷ questão, Eckhart continua a tratar da boa vontade. O homem que a possui nunca perderá Deus e, por isso, deve-se adquiri-la, como deve-se fazer com as virtudes da verdadeira obediência e da atitude livre. O poder Deus é um sentimento que se tem na alma, mas o homem, a partir de sua imaginação, pode pensar que Deus se retirou. O que deve ser feito, então? Eckhart disse que se deve fazer o mesmo que se fazia na consolação⁷⁸. Assim, é preciso aprender a agir quando se encontra em sofrimento, comportando-se da mesma forma como se fazia antes, pois quem com a boa vontade age, se encontra em si, não sentirá a falta de Deus⁷⁹.

Essa boa vontade não é a vontade ligada às coisas exteriores, referentes ao próprio homem, mas sim a vontade de Deus; tal vontade que o homem deve deixar agir em si, sem nenhum tipo de ligação com as coisas internas e externas. Somente podemos chegar a esta boa vontade quando renunciamos nossa própria vontade:

⁷⁶ Eckhart afirma o encontro com Deus, no amor, quando cresce no amor, o homem se direciona a Deus: “Pode ser que venham realmente de Deus, porque nosso senhor dá- oa tais pessoas para atraí-las a si ou estimulá-las e também para desapegá-las de outras pessoas. E quando essas pessoas crescem em amor, então não tem mais tantos sentimentos e emoções; evidencia-se que elas possuem o amor: sem tais escoras, guardam total fidelidade a Deus” (ECKHART, 1999, p. 113).

⁷⁷ cf. Décima primeira questão: “**O QUE O HOMEM DEVE FAZER QUANDO É PRIVADO DE DEUS E QUANDO DEUS SE ESCONDE**” (ECKHART, 1999, pp. 114-117).

⁷⁸ O significado de fazer o que se fazia antes, para Eckhart, quer dizer que não se deve mudar na maneira de agir, quando se no caminho da interioridade, mesmo que possa estar sofrendo com alguma dificuldade, o homem não deve se desviar do caminho que o leva a Deus (ECKHART, 1999, p. 114).

⁷⁹ Quem se encontra na e com boa vontade jamais terá a falta de Deus, por isso devemos deixar a vontade Dele nos coordenar em nossas ações, permitindo que a nossa vontade deixe a vontade de Deus prevalecer (ECKHART, 1999, p. 115).

Verdadeiramente sem a renúncia da própria vontade em todas as coisas, não conseguiremos nada diante de Deus. Mais ainda se conseguirmos renunciar a própria vontade e se ousarmos despojarmos interior e exteriormente de todas as coisas, então sim fizemos tudo, antes disso não fizemos nada (ECKHART, 1999, p. 115).

Para Eckhart, a verdadeira vontade é andar perfeitamente à luz da vontade de Deus e, ainda segundo o Mestre, quem assim procede estará verdadeiramente unido a Ele. Em uma primeira análise, parece que este movimento deixa o homem incapacitado de agir por si mesmo para encontrar essa boa vontade e, também, para ter uma ação por si mesmo. Porém, quem começou a despojar-se de si mesmo, desligando-se do seu interior e do seu exterior tem uma ação progressiva ao encontro do bem, como se percebe nos seis degraus da evolução do texto *O Homem Nobre*, e se reencontrará com sua interioridade. Tendo-se, neste caso, um processo de aperfeiçoamento do ser, segundo a teoria eckhartiana.

Nesse sentido, se quer dizer que quanto mais alguém pertence a si mesmo, ao ligar-se às coisas interiores e exteriores, menos pertencerá a Deus. O homem que se despojou dessas coisas, ao fazer suas obras, jamais será privado de Deus em suas ações. É assim que se deve manter em nossas ações, quando se supõe que se está privado de Deus ou quando se supõe que ele se escondeu.

Ao adquirirmos a virtude da boa vontade, se completa o conjunto das três virtudes necessárias para começarmos o caminho que nos leva a Deus, pois é a partir deste que agiremos bem na nossa interioridade, como também no meio em que vivemos, na comunidade. Por enquanto, ficaremos com essas afirmações no que se refere à virtude da boa vontade e voltaremos a tratar desse tema quando explorarmos, mais adiante, em nosso texto, as questões vigésima e vigésima terceira.

Para Eckhart, quando se lamenta ao fazer uma má ação não se comete um pecado⁸⁰. Um homem não deve querer cometer um pecado, seja no tempo ou na eternidade, mortal ou venial. O não querer cometer um pecado é que faz com que um homem esteja no caminho de Deus. É Ele que faz o homem mudar de vida, que o transforma de inimigo em um amigo⁸¹, sendo este acontecimento mais forte que qualquer outra coisa. No entanto, para que isso aconteça, é preciso que o homem se ilumine com o amor de Deus para que seja possível o desligamento, despojamento, de si:

⁸⁰ cf. Décima segunda questão: “A QUESTÃO DO PECADO: COMO A GENTE DEVE SE COMPORTAR QUANDO SE ENCOTRA EM PECADO”(ECKHART, 1999, pp. 117-118).

⁸¹ *O Homem Nobre* (ECKHART, 2004, p. 21).

Somente este fato constituiria um dos mais fortes impulsos para lançar o homem totalmente em Deus; e deveríamos nos admirar em ver o quanto o homem precisa se incendiar de forte e grande amor para despojar-se totalmente de si mesmo (ECKHART, 1999, p. 117).

Dessa forma, temos que um homem que comete um pecado, ao conseguir retomar o caminho da interioridade, de Deus, pode ligar-se a um amor muito maior pelo fato de ter passado um obstáculo, um pecado, reafirmando-se junto a Deus, e, também, porque se mostrou como alguém capaz de eliminar seus defeitos. Para confirmar essa ideia, Eckhart retomou o exemplo dado pelos apóstolos, pois nenhum deles deixou de cair em pecado, embora tenham sido escolhidos por Deus, e suportaram todos os ultrajes, conformemente, para eles fazerem grandes obras, conforme a vontade de Deus.

O homem tem a capacidade de mudar de foco ao agir, porque essa mudança está em retomar a sua parte divina. Contudo, tal mudança é verificada no meio social em que se vive, pois quando se tem uma ação que se baseia no que é bom, na interioridade, essa ação se reflete no meio social, tendo-se, nesse caso, uma reformulação no modo de agir desse homem.

Eckhart destaca que podemos nos arrepender de duas maneiras⁸², logo existem dois tipos de arrependimento: o temporal, ou dos sentidos, e o divino, ou sobrenatural. O arrependimento temporal não leva o homem a nada, porque coloca o homem em um estado de miséria e de aflição que impede o homem de progredir e, por isso, esse arrependimento não leva a nada, apenas faz o ser desaparecer quando o tem. O arrependimento divino, ao contrário do temporal, é quando sentimos um desagrado e, mesmo assim, nos elevamos e sentimos segurança por temos uma grande confiança em Deus. Desse arrependimento, surge uma alegria espiritual que tira a alma de toda aflição, e miséria, fazendo o homem vincular-se a Deus⁸³.

Quando se tem esperança e uma grande confiança⁸⁴ em Deus é que se mostra, a partir destas, um perfeito e verdadeiro amor. Eckhart disse que Deus jamais deixou de fazer grandes coisas por quem Nele depositou uma grande confiança. Esta confiança deve estar nos homens, porque provém do amor de quem tem uma grande certeza e não possui nenhuma dúvida.

Por isso, referimos que em sua vida cotidiana em sua comunidade, quando o homem retoma o caminho em busca da interioridade neste homem se verifica uma postura que se

⁸²cf. Décima terceira questão: “OS DOIS DESPRENDIMENTOS” (ECKHART, 1999, pp. 118-119).

⁸³ “O arrependimento divino é totalmente diverso. Logo que o homem sente um desagrado, imediatamente se eleva a uma grande confiança em Deus e adquire uma grande segurança”. (ECKHART, 1999, p. 119).

⁸⁴cf. Décima quarta questão: “A VERDADEIRA CONFIANÇA E ESPERANÇA” (ECKHART, 1999, pp. 119-120).

adapta com o amor que está em Deus. E, por isso, esse homem começa a ter ações nas quais notamos atitudes corretas.

Para Eckhart, existem duas certezas de vida eterna⁸⁵. Uma delas, Deus disse ao homem ou lhe transmitiu por um anjo ou, ainda, lhe revelou através de uma especial iluminação, mas esta raramente acontece e para poucas pessoas é dada. A outra certeza é dada àquele homem que é perfeitamente amigo de Deus e, por confiar e sentir tanta certeza em Deus, que já não mais duvida de Deus: “E ainda que todas as criaturas se lhe opusessem e até sub juramento dele se desligassem, ou ainda que Deus mesmo se lhe ocultasse, ele não perderia a confiança, pois o amor é incapaz de desconfiar” (ECKHART, 1999, p. 120).

Quem está firmemente com o amor de Deus não sentirá falta de nada, porque esse amor é responsável pela confiança que apaga plenamente os pecados. Não significa que os pecados não tenham existido, ou não tenham sido cometidos, o amor é que faz com que eles nunca tivessem existido.

É necessário que se faça uma verdadeira penitência⁸⁶ que, para muitos, está nas obras exteriores como andar descalço, jejuar e tantas outras coisas chamadas de penitência, mas a melhor é aquela que faz com que o homem se afaste plenamente daquilo que não é de Deus. Dessa forma, o homem pode retornar a Deus, a partir de sua parte divina, através de um amor inabalável que faz com que o ser tenha uma grande devoção e um desejo de voltar para o que ele mesmo tinha esquecido, ou seja, sua parte divina. De modo que não importam as obras, mas sim qual o verdadeiro fundamento que motiva a fazer uma ação que, nesse caso, é eliminar seus pecados. Esta é a penitência que se deve fazer para que possamos estar no caminho do que é certo, bom, justo e verdadeiro. Quem vai ao encontro deste caminho é o homem que tem como princípio o desprendimento:

Tal penitência não é senão o coração desprendido do espírito deste mundo e elevado às coisas divinas. Faze de bom grado as obras que mais te possibilitem isto e pelas quais tenhas melhor tal disposição e tais frutos. Onde, porém uma obra externa te impede tal disposição, seja embora jejum ou vigília ou leitura, ou o que quer que seja, deixa então isso, sem medo de que possas omitir algo da penitência. Pois Deus não olha quais sejam as obras, mas unicamente considera o amor, a devoção e a mente presente em tais obras (ECKHART, 1999, p. 122).

⁸⁵ cf. Décima quinta questão: “**AS DUAS CERTEZAS DA VIDA ETERNA**” (ECKHART, 1999, pp.120-121).

⁸⁶ cf. Décima sexta questão: “**A VERDADEIRA PENITÊNCIA E A ETERNA BEM-AVENTURANÇA**” (ECKHART, 1999, pp. 121-122).

Assim, se tem que o resultado de nossas obras não é o mais importante. O que importa é a intensidade que colocamos nossa mente, nossa devoção, ao fazer tais obras, pois se estas forem a partir de uma disposição, desprendida de si, porém totalmente ligada ao que é bom, isto é, Deus, então essas obras serão boas.

Lembramos em que ações como a da verdadeira penitência, encontra-se um importante componente da mística de Eckhart: o desprendimento, porque é a partir dele que nos reencontramos com Deus, com nossa interioridade, pois uma ação desprendida é aquela que não se relaciona com coisas exteriores, mas sim com o motivo dessa ação, que deve ser a busca da própria interioridade.

O homem que, desse modo, começa a agir se modificará tanto interiormente quanto exteriormente, tendo-se um novo homem na sociedade, com uma nova maneira de agir.

Os homens comuns, para Eckhart, se encontram em desolamento⁸⁷, e frustrados, por acharem que estão distantes das coisas, das quais participam os homens santos, e o próprio Deus:

Por isso, os homens que se sentem tão longe de tudo isso, frequentemente se sentem longe de Deus, a quem não podem seguir. Ninguém pensa assim! O homem jamais deve se considerar longe de Deus, nem por causa de seus defeitos, nem por causa da sua fraqueza, nem por outro motivo qualquer. E ainda que grandes defeitos possam arrastar para longe, a ponto de que não te possas considerar como perto dele, tu debes considerar a Deus como perto de ti (ECKHART, 1999, p. 123).

Contudo, há um grande erro nessa posição em que o homem se coloca, pois Deus nunca se afasta mesmo que alguém pense estar perto ou longe Dele. No exemplo de Cristo se tem o que Deus quer, que é estar sempre perto do homem. E o modo como se age, ou se posiciona frente à questão de como o homem deve proceder para chegar a Deus, para agir bem, não é o que define um homem como um ser que está ligado ao divino.

Dessa maneira, coisas como vestes nobres, alimentos finos, alegre companhia, e entre outros costumes da sociedade em que se vive⁸⁸, não são motivos de preocupação para Eckhart

⁸⁷cf. Décima sétima questão: **“COMO O HOMEM PODE MANTER EM PAZ QUANDO NÃO SE ENCONTRA EM AFLIÇÃO EXTERNA, COMO CRISTO E MUITOS SANTOS, E COMO DEVA SEGUIR A DEUS”** (ECKHART, 1999, pp.123-124).

⁸⁸cf. Décima oitava questão: **“DE QUE MANEIRA O HOMEM, CONFORME A SITUAÇÃO, PODERÁ ACEITAR ALIMENTOS FINOS, VESTES NOBRES E ALEGRE COMPANHIA, QUE LHE CABEM SEGUNDO O CUSTUME”** (ECKHART, 1999, pp. 125-126). O homem pode conviver bem com as coisas do mundo exterior, estas apenas não devem ser as causas que o motivam, ou que ele pensa que elas são as motivadoras, para busca da felicidade, ou seja, para a unidade com a divindade. Desse modo, se diz que devemos buscar, sempre, a liberdade em todos os instantes, em todos os momentos de nossa vida. Isto não significa que quando se deixa algo para trás este perde sua importância, mas apenas ele é deixado no sentido que permanece em si mesmo como sempre foi, a partir de sua criação, do seu criador que é Deus. Assim, o homem quando se liberta, se desprende, deixa aberto o espaço para a unidade de si, e com o próprio Deus, pois as coisas exteriores

desde que o homem coloque em seu coração sentimentos superiores e se habitue a eles, através da sua interioridade. O mesmo deve acontecer com o seu ânimo e alegria, que não devem estar dispostos para outra coisa que não seja Deus.

Eckhart responde o porquê nossa mente dever ser superior e indiferente a todas as coisas que não sejam de Deus. Nossa mente deve ser superior porque a vida interior seria fraca se dependesse do exterior para existir e é o interior que deve determinar o exterior. Se o contrário acontecer, pelo exterior estaríamos determinados como agir, como pensar, o que desejar, em nossa vida. Assim, nos condicionariamos em todas as circunstâncias de nossas ações, colocaríamos e daríamos privilégios às coisas que são colocadas em nossa mente, pela exterioridade, mesmo que estas sejam dadas ou tiradas por Deus. Entretanto, deixamos de ir ao encontro de nossa interioridade, do próprio Deus, da nossa mudança, de nosso aperfeiçoamento:

Seria uma vida interior muito fraca, se dependesse da vontade exterior para vingar; o interior deve determinar o exterior, na medida em que isto esteja a teu alcance. Se te ocorrer algo contrário, poderás aceitá-lo com a mente de que, noutra circunstância, mudarás de bom grado e prontamente. O mesmo vale quanto ao alimento, aos amigos e parentes e a tudo quanto Deus te quer dar ou tirar (ECKHART, 1999, p. 126).

Dessa forma, o homem se distancia de Deus, e de si, por colocar na exterioridade a razão da sua existência. Mas o homem que quer sua vida através de uma nova perspectiva que sempre esteve em si, que é sua parte divina, deve priorizar as coisas interiores⁸⁹, que não são os sentimentos e paixões motivados pelo exterior, para que possa não só se espelhar, mas agir conforme os bons exemplos, como Deus fez através de seu filho Jesus Cristo.

Por isso, Eckhart disse que alimentos finos, vestes nobres e alegres companhias, que são conforme o costume do meio em que se vive, não deve influenciar nem ser prioridade. Deve-se, apenas, conviver com tais coisas de modo que nossa interioridade modele como as coisas exteriores são dispostas por nós, no dia a dia, em nossas ações. É através da interioridade que a ação deve se modelar, para que ela seja boa, como foi mostrado pelo exemplo de Cristo.

deste Deus é por consequência do homem em si mesmo: “Nessa liberdade o homem vive, em todas as suas obras, sempre em busca, sempre em disposição de um começar de novo. E esse é o caminho da unidade. Caminho cujo caminhar segue em desprendimento de todas as coisas criadas, o que não quer dizer que todas essas coisas sejam aniquiladas, mas que não são mais como isto ou aquilo: são na ação do deixar de ser o que já são desde sempre em Deus, ou seja, do único modo em que podem ser verdadeiramente” (SOUZA, 2007, p. 65).

⁸⁹ “Por esse motivo, jamais será pequena a obra exterior, sendo grande a obra interior, nem grande e boa, sendo pequena ou sem valor a obra interior. Sempre a obra interior porta em si toda sua grandeza e largura e extensão” (ECKHART, 1999, p. 72).

Nos casos em que as pessoas boas são impedidas⁹⁰ na prática do bem, por exemplo, Deus permite que isso aconteça porque não quer que outra razão que não seja toda a bondade⁹¹ e misericórdia, pelas quais o homem deve se guiar, porque todas as obras que são movidas por Deus vão ao encontro de sua vontade. Desse modo, todas as obras feitas pelo homem devem ter Deus como seu apoio e razão, para que tais obras sejam conforme a vontade de Deus. Por isso, o homem deve se privar de tudo que não seja Deus:

Pois quanto mais desnuda e privada de tudo uma pessoa se entrega a Deus e é por Ele acolhida e sustentada, tanto mais assumida no que é de Deus e tanto mais dele se torna capaz e receptivo com todos os preciosíssimos dons divinos. É pois em Deus tão-somente que a criatura humana deve depositar toda a sua esperança (ECKHART, 1999, pp. 127-128).

Ao seguir o exemplo de Cristo, o homem se dispõe a agir de acordo com a vontade de Deus. Para tanto, para que possa seguir com essa disposição e se confirmar como alguém que realmente vai seguir agindo conforme a vontade de Deus, é preciso que esse homem receba o corpo de Cristo. A recepção do corpo de Cristo deve ser feita com uma devoção que deve ser constante, para que Deus esteja sempre presente no homem. Desse modo, com a vigésima questão⁹², retomamos o tema sobre a virtude da boa vontade, que se estenderá até a questão vigésima-terceira, última do texto *Conversações Espirituais*.

Com essa questão, Eckhart explica as três maneiras de como o homem deve proceder para que o corpo de Cristo seja recebido com frequência e qual a devoção que se deve ter para que isso aconteça. Primeiro, deve-se ter uma disposição da vontade e uma intenção para que aconteça uma união entre interior e devoção de forma que, assim, seja possível encontrar-se livre da tentação dos pecados. A segunda disposição diz respeito ao homem tentar voltar sua alma para Deus. Contudo, a partir dessa disposição, o homem pode saber o quanto está perto de Deus. Em terceiro lugar se deve ter a intenção que haja a união do nosso amor com o santíssimo sacramento, e a Deus. Por esse motivo podemos crescer devido à sagrada

⁹⁰ cf. Décima nona questão: “PORQUE QUE DEUS FREQUENTEMENTE TOLERA QUE PESSOAS DE BEM SEJAM IMPEDIDAS NA PRÁTICA DO BEM” (ECKHART, 1999, pp. 127-128).

⁹¹ No texto da *Divina Consolação*, quando Eckhart fala do que é bom, quer dizer que a palavra contém a bondade nua e crua, mas não designa o que é a palavra. No que é bom se dá a entender o seu ser bom como o que é dado, infundido pela bondade que não é engendrada. Nesse caso, o bom está em si mesmo não sendo de si mesmo, pois o bom é dado pelo pai, Deus. Disto se tem que o homem que, pela sua interioridade, reencontra-se com sua parte divina, se encontra com o que é bom em sentido puro, por completo, sem intermediações, sem influência das coisas externas. E o mesmo acontece com o verdadeiro em que surge a verdade, com o justo em que surge a justiça, etc. (cf. ECKHART, 1999, p. 53).

⁹² Vigésima questão: “QUE O CORPO DE NOSSO SENHOR SEJA RECEBIDO FREQUENTEMENTE E DA MANEIRA E DEVOÇÃO COM QUE ISTO SE DEVE FAZER” (ECKHART, 1999, pp. 128-132).

comunhão, pois, assim, a reverência a Deus não diminui, desse modo, é preciso que cresçaem nós o amor de Deus, porque nossa reverência não pode se apagar. A partir disso, quanto mais vezes comungarmos nessa disposição, cresceremos no bem, porque é este o desejo do senhor: crescer e habitar no homem.

Segundo Eckhart, alguém poderá objetar essa questão, ao dizer que se encontra tão vazio, frio ou inerte, que não se anima ir ao encontro de Deus. Eckhart responde que este tem mais necessidade de procurar por Deus, pois Nele se tornará inflamado, ardente, e se tornará santificado, porque somente a Deus estará unido. Porém, ainda se poderá objetar que não se encontra em si nada dessas grandes coisas, mas somente uma pobreza, logo como se poderia ir a Deus encontrando-se neste estado? Eckhart respondeu da seguinte forma:

Ora, se queres transformar a tua pobreza em riqueza, vai para o pleno tesouro de toda a imensa riqueza, e ficarás rico. Pois debes saber que só Ele é aquele tesouro que te pode bastar e plenamente saciar. Por isso – assim dirás – eu vou a ti, para que a tua riqueza encha a minha pobreza de bens e para que tua imensidão torne repleto o meu vazio, e tua infinita e imensurável divindade ocupe a minha vil e corrupta humanidade (ECKHART, 1999, p. 129).

Eckhart quis caracterizar que ir a Deus é encher nossa pobreza de uma riqueza de bens que tornam o nosso vazio repleto, sendo que a divindade de Deus ocupará nossa humanidade que está corrompida. Porém, ainda assim se poderá objetar dizendo que não se pode purificar alguém que possui inúmeros pecados.

Para Eckhart é justamente por isso que devemos ir até Deus, pois foi Ele que com sua dignidade eliminou todos os pecados, e com a dignidade nela se pode oferecer, ao pai celestial um sacrifício por todas as nossas culpas. Mesmo assim, ainda surgiram dúvidas do por que nos encontramos frágeis e não conseguimos nem bem falar de Deus nem louvá-lo.

Eckhart responde que o homem que quer receber Deus deve estar disposto, mas essa disposição deve ser preparada. Devemos começar a nos livrar de nossos medos, das nossas buscas exteriores; devemos nos recondicionar na busca de nossa interioridade para que possamos estar preparados para o encontro com Deus. Somente nele encontraremos um adequado e perfeito louvor que se deve ter pela perfeição divina. E esta deveria ser a mesma maneira com a qual devemos dirigir nossa vontade, em uma posição que a conduz ao encontro de Deus, nos afastando das coisas externas por estas serem as causas dos sofrimentos⁹³.

⁹³«A vontade é aquela instância que se dirige ao objeto. Ciente disso, Mestre Eckhart adverte que se o homem direciona sua vontade para as coisas exteriores, o que causa sofrimento, uma vez que essas coisas não podem oferecer o que o homem procura; unir-se-á a estas coisas e ao sofrimento que elas causam. O mesmo ocorre quando o homem, por uma vontade livre e bem direcionada, voltar-se para Deus, ou antes, para essência de Deus

Leonardo Boff⁹⁴ descreve essa mesma perspectiva ao comentar a unidade de Deus com o homem, pois em Deus se tem uma única coisa e quando se nega algo, como coisas exteriores, Ele não perde sua unidade e, do mesmo modo, ocorre se negar coisas interiores. Por esse motivo, o homem deve buscar a unidade com Deus para que possa se tornar uno, sem perder nada de seu ser e podendo, desse modo, percorrer todas as diversidades que poderão se apresentar em sua vida. Tudo que possa vir acontecer será parte de nossa própria unidade e por mais que sejam separadas e possam acontecer em momentos diferentes, as coisas retornaram para o uno.

Assim, quando conhecermos a nós mesmos, teremos uma completa unidade, que em nada se dispersará, que tudo voltará primeiro para ela, podendo se espalhar para fora, mas esta unidade não se perderá: “A vida significa uma espécie de fervilhamento (exsultationem) no qual uma coisa fermenta e se derrama primeiro sobre si mesma, efundido tudo o que ela é naquilo que ela é, antes de desaguar e espalhar para fora (...)” (BOFF in: MESTRE ECKHART, 1999, p. 32).

Poder-se-ia continuar discordando e dizendo como isso pode acontecer, pois nada sentimos! Nada disso importa, segundo Eckhart, porque quanto mais se crê, e quanto menos se sente, mais louvável e considerada será nossa fé, pois uma simples opinião não é nada diante de uma fé sincera⁹⁵.

De que modo, podemos, então, crer em coisas tão elevadas, por estarmos desviados por outras coisas, e na verdade não nos encontrarmos em um estado sublime?

Para Eckhart, devemos considerar duas coisas que não faltaram ao nosso senhor Jesus Cristo: primeiro como homem, Ele tinha faculdades comuns, mas como filho de Deus Ele tinha faculdades sublimes, de acordo com isso, agia nesses dois planos. Suas faculdades sublimes estavam de acordo com a posse e gozo da eterna bem-aventurança, e as faculdades inferiores atuavam, no mesmo instante, no sofrimento e nas lutas desse mundo, mas nenhuma dessas ações impediu a outra, em suas próprias ações, em seus próprios planos. Do mesmo modo deve acontecer com o homem; suas faculdades superiores devem se elevar a Deus, mas

(sua deidade) que une e reúne todas as coisas em si mesma, esse homem será feliz e bem-aventurado, pois se unirá a àquele em que não há nenhum tipo de sofrimento” (SILVA, 2004, p. 530).

⁹⁴ Boff. In: MESTRE ECKHART (1999, pp. 32).

⁹⁵ “(...) pois uma fé sincera é para um homem mais do que um simples opinar. Pois temos por ela um verdadeiro saber. De fato o que mais nos falta é uma fé verdadeira e sincera. O fato que nos parece que temos mais vantagem numa que noutra provém apenas de razões externas. Realmente não há mais certeza num (no constatar) que no outro (no crer). Aquele que crê com a mesma firmeza, possui também do mesmo modo” (ECKHART, 1999, p. 130).

o sofrimento deve ser deixado ao corpo e aos sentidos enquanto o espírito deve, com todo seu despreendimento e suas forças, ligar-se a Deus⁹⁶.

A partir disso, Eckhart afirma que o homem com essa disposição pode fazer com que sua alma receba graças especiais, junto com o corpo de Deus e, além disso, quanto mais comunga, mais abençoado será. A recepção do corpo do nosso senhor não é apenas visual, mas também uma comunhão espiritual que é feita com uma sincera e devota união e um grande desejo, pois ela faz com que o homem se torne confiante e, mais do que qualquer outro homem, rico em graça divina. Por isso, este homem pode estar em qualquer lugar, doente ou sadio, desde que se prepare adequadamente na recepção do sacramento, pois ele agiu devido à boa ordem. E por sua própria força e desejo, conforme sua boa vontade, que deve ser a mesma de Deus e, por isso, o homem sempre agirá bem.

Deve-se, quando se recebe o corpo de Cristo, ter e manter zelo⁹⁷ com Deus. Para que Deus se mantenha junto a nós, no sentido que Ele se afastou, mas fomos nós que o deixamos de lado, quando procuramos e damos uma maior importância às coisas externas, deixando escondida, a parte divina que existe em nós, que é a parte de Deus existente no homem. Nesse caso, para que homem tenha zelo, é necessário que tenha uma atitude que o faça manter-se com a recepção do corpo de Deus:

Deve-se confessar antes a Deus que aos homens e, quando se pecou, levar bem a sério a confissão diante de Deus e acusar-se com veemência diante dele. É isto algo que ao confessar-se sacramentalmente não pode ser levemente omitido, ou posto de lado, por atender sobretudo à penitência exterior. Pois é a atitude interior do homem que faz as suas obras serem justas, divinas e boas (ECKHART, 1999, p. 132).

Temos, nesse caso, na atitude humana uma ação exterior no meio social, que deve corresponder com a sua atitude interior. Esta atitude deve ser de acordo com sua vontade e, ao mesmo tempo, ligar-se a sua interioridade. E, por consequência, a ação humana será boa. Para que isso aconteça, entretanto, é necessário que se tenha duas atitudes, para manter presente e continuamente o esplendor divino em nós, de modo que este esteja presente em todo lugar e em qualquer tempo, tais atitudes são: primeira, – o homem deve se recolher interiormente, de

⁹⁶Por isso, o sofrimento dos sentidos e das faculdades inferiores e também esta dificuldade que não abalam o espírito; pois quanto maior e mais violenta for a luta, tanto maior e mais honrosa será a vitória e glória do vencedor. Pois quanto maior o obstáculo e ataque das paixões e dos vícios que triunfas, tanto maior será o teu crescimento na virtude e tanto mais serás agradável a Deus. Portanto se queres receber dignamente ao teu Deus, cuida que as forças superiores de ser se orientem para Deus, que a tua vontade procure a do senhor; cuida daquilo que nele almejas e da maneira como a tua fidelidade com Ele se afirma (ECKHART, 1999, p. 131).

⁹⁷cf. Vigésima primeira questão: “O ZELO” (ECKHART, 1999, pp. 132-1360).

modo que o espírito se livre das imagens exteriores, de fora, para que estas não encontrem repouso nele nem caminhem com ele; segunda – que as imagens interiores não sejam representações ou elevações do espírito que possam levar o homem a distrações ou divagações. Porém, para que isso possa acontecer, é preciso que o homem habitue e treine todas as suas forças, de modo que estas o ajudem a manter o controle do seu interior.

Novamente, Eckhart faz, como já havia feito anteriormente, um jogo dialético em forma de possíveis objeções que poderiam ser levantadas para que não se deixe nenhuma dúvida sobre a vigésima primeira questão. Poderia se objetar: se um homem voltar-se para as coisas exteriores, deve atuar no exterior, pois as obras devem ser feitas da maneira que lhe são próprias. Eckhart responde dizendo que isso não deixa de ser verdade, mas as formas externas são para o homem não como algo de exterior, pois todas as coisas interiores são para o homem uma maneira interior, a qual se manifesta no exterior. E o que, sobretudo, importa é que o homem tenha uma razão⁹⁸ cultivada e familiarizada com Deus, de modo que as coisas no seu interior se tornem algo de divino, devido à razão de se conformar segundo a vontade de Deus.

Por isso, cabe ao homem habituar-se em Deus firmemente e retamente através da sua boa vontade. Caso alguém não habituado quisesse ter uma ação como uma pessoa habituada, tal ação não daria em nada; somente quando nos desprendermos de todas as coisas e nos tornarmos alheios a elas, poderemos realizar todas as obras sem nenhuma dificuldade:

Deve o homem habituar-se a não apetecer e nada procurar de sua própria vontade, mas encontrar e abraçar a Deus em todas as coisas. Pois Deus não concede um bem e jamais deu algum, para que seja possuído e nele se descance. Pelo contrário, todos os dons que ele deu no céu e na terra, Ele dispensou para que pudesse dar uma só dádiva, e esta dádiva é ele mesmo. Com todos esses benefícios ele nada mais visa senão nos preparar para um só dom: Ele mesmo. E todas as obras que Deus fez no céu e na terra, Ele as executou unicamente para poder concretizar uma só obra: isto é, ser feliz para que pudesse fazer-nos felizes. Digo por conseguinte: devemos aprender a considerar a Deus em todas as obras e dádivas (ECKHART, 1999, p. 134).

Nesse caso, poderia, também, surgir uma dúvida em relação à falta de preparo, mesmo que haja alguém com boa vontade, uma vez que nesta se encontra toda a perfeição e todo bem, que possa realizar todas as coisas.

⁹⁸Garcia aborda com propriedade as dimensões da razão e como ela se relaciona: “Temos, em suma, três dimensões importantes dentro da ideia de racionalidade que devem ser necessariamente destacadas. (...) Quais sejam: a racionalidade concebida como relação com outro; a racionalidade concebida como relação com o conjunto de relações; a racionalidade concebida como relação do todo com o particular e com o conjunto de relações” (GARCIA, 2007, p. 17).

Eckhart responde que isso é verdade, porém há de se distinguir dois significados de vontade: “uma vontade é causal e secundária, a outra é uma vontade básica, decisiva, criativa, e firmemente estabelecida e determinada” (ECKHART, 1999, p. 143). Certamente não basta que em um determinado momento a alma esteja separada do mundo e das coisas, para procurar a união com Deus. É preciso que se tenha um desprendimento firme e bem exercido, Por isso, é necessário que o homem esteja bem preparado, pois quando não está o dom se vicia e Deus se perde junto com este dom. Essa é a razão pela qual nem sempre Deus pode dar as coisas como pedimos, de acordo com nossa vontade, pois é preciso estar presente na própria vontade de Deus:

Quando Deus encontra a sua vontade, se dá e entra nela com tudo o que ele é. E quanto mais nos despojamos da nossa vontade, tanto mais nos tornamos presentes na vontade dele. Por isso, não basta que realmente alguma vez nos renunciemos a nós mesmos e a tudo que somos e podemos, mas devemos praticá-lo continuamente e assim nos tornamos, em todas as coisas, simples, despojados de nós mesmos e livres (ECKHART, 1999, p. 135).

Do mesmo modo, o homem deve procurar agir para que possa possuir as virtudes⁹⁹, mas para possuí-las ele deverá se exercitar e se comprovarem suas obras e frutos, pois não bastará apenas a prática das obras que sejam de acordo com as virtudes, mas é preciso persistir e nunca dar-se por satisfeito, até que se possua a virtude na sua natureza e nos seus fundamentos. Dessa maneira, é possível dizer que as adquiriu, estando inclinado para elas, mais do que para qualquer coisa, praticando as obras sem um especial empenho na vontade e atuando sem um propósito. A virtude é perfeita por sua natureza e vontade e opera por ela

⁹⁹ Como já havíamos comentado na questão décima oitava, Eckhart trata dos costumes, e do modo de viver do homem, como algo que provém do seu meio, da sua comunidade, que tem seu jeito de viver a partir de regras que foram estabelecidas com o decorrer do tempo. Porém, Eckhart lembra que existem coisas que são naturais no homem e, entre estas, sua parte divina, que foi dada por Deus. Esta foi a principal, entre todas as coisas, que o homem se esqueceu, justamente por dar um grande valor às coisas externas. Para Eckhart, o ser deve voltar-se para sua interioridade, e nunca deixa-la de lado, para, naturalmente, guiar-se de acordo com sua parte divina, Deus. O mesmo ocorreria com as virtudes: naturalmente o homem agiria bem. Não seria assim para todos os homens, cada um conforme sua capacidade. Esta compreensão de Eckhart é especificada pelo autor em algumas páginas do texto a *Divina Consolação*. Vejamos o que ele diz: “Todavia, convém saber que o possuir-a-virtude e o querer sofrer têm certa gradação, exatamente como vemos na natureza: um homem avantajado a outro no tamanho, na beleza, na aparência, no aspecto, no saber, nas aptidões. Da mesma forma um homem pode ser bom, e, todavia – sem apartar-se de Deus ou da bondade – estar mais ou menos apegado, como o amor natural, ao pai, à mãe, à irmã, ao irmão. Contudo, será bom ou melhor na mesma proporção em que se deixar consolar ou tocar em menor ou maior grau por esse amor ou afeto natural ao pai e à mãe e ao irmão, e a si mesmo, e deles tomar consciência” (ECKHART, 1999, p. 63). Assim, vemos como Eckhart se posiciona em relação à aquisição de uma disposição, uma virtude, pois se agiria em conformidade com o que é bom, por não termos nos desligado da nossa parte divina, tanto que nas nossas obras se refletiram o que há de melhor em nossa interioridade, demonstrando-se uma virtude: “Importante saber, outrossim, que já a natural virtude humana é tão nobre e forte que não há tarefa exterior difícil demais ou grande bastante em que ela não possa exercer-se e imprimir-lhe a sua forma” (ECKHART, 1999, p. 70).

mesma, por amor à virtude, e não por outro qualquer motivo. Não se está falando, nesse caso, da vontade própria, mas da vontade de Deus.

Ao falarmos de uma vontade própria, destacamos o texto do Frei Hermógenes Harada sobre o sermão 52 de Mestre Eckhart, o qual diz que o homem bem-aventurado é um homem pobre de espírito, pois é deste o reino dos céus. Essa pobreza, mencionada por Harada, é uma pobreza na qual não queremos nada para nós mesmos e, desse modo, não vivemos para satisfazermos nossa própria vontade¹⁰⁰, mas fazemos de acordo com a vontade de Deus. É neste sentido que apontamos que um homem é pobre e, do mesmo modo, também é a opinião de Harada, ao comentar o que significa para Eckhart um homem pobre:

À pergunta, Eckhart responde, reproduzindo a opinião usual de que o homem pobre “deve viver de tal modo a jamais satisfazer sua própria vontade em coisa alguma; que antes deve aspirar a satisfazer a tão querida vontade de Deus”. Portanto, segundo essa opinião, nada querer não tem nada a ver com abulia, mas com não satisfazer minha própria vontade em coisa alguma; e somente querer satisfazer a tão querida vontade de Deus (HARADA, 2004, p. 91).

Por isso, o homem deve despojar-se de sua própria vontade para que a vontade de Deus predomine. Poderíamos dizer que não há uma ação propriamente do homem, mas não se deve esquecer que alguém que se dispõe a despojar-se está se religando com sua interioridade, encontrando-se com Deus. Logo, suas ações serão de acordo com sua vontade e sua disposição para agir, com aquisição das virtudes, de acordo com a vontade divina.

O homem que quer seguir a Deus não deve se preocupar com a própria vontade, e sim com o que for único da vontade de Deus¹⁰¹. Mesmo que outra coisa lhe agrade mais, o homem deve pensar que todas as coisas boas se submetem a Deus, e a maneira como Ele dispõe as coisas para o homem é a melhor. Desse modo, em Deus se deve pôr toda a confiança, porque na vontade Dele são acolhidas todas as coisas boas, mesmo que elas sejam do mais variado tipo de espécie.

Em Deus está a única forma boa que abraça todas as outras formas, sem ser esta uma forma singular. Desse modo, um homem deve fazer uma coisa a cada momento, ele não pode

¹⁰⁰ Lisboa retoma o sermão 52, que também é comentado pelo Frei Hermógenes Harada, no qual Eckhart insiste no ponto da voluntariedade que o homem deve ter para se aliar com a vontade de Deus. Porque o homem que se une com a vontade de Deus quer o que somente Deus deseja, quer, seja como for. Assim, temos que o homem que não está disposto seguir a vontade divina cairá em pecado. Por isso, a expressão utilizada por Eckhart “Bem aventurados os pobres de coração” (ECKHART, 2006, pp. 287-292) –, comentada por Harada e Lisboa, é uma das questões mais importantes por trazer o tema da vontade humana como um princípio, virtude, que o homem deve adquirir, possuir, para reencontrar-se com Deus. Sendo esta uma atitude no exterior que o ser demonstra em suas ações como uma nova atitude moral (LISBOA, 1986, pp. 10-11).

¹⁰¹ cf. Vigésima segunda questão: “**COMO SE DEVE SEGUIR A DEUS DE MANEIRA PERFEITA**” (ECKHART, 1999, pp. 136-138).

fazer tudo, mas nele deve conter todas as coisas para que possa abraçar todas as coisas conforme uma boa maneira, e que nesta se enquadre todas as coisas, e esta boa maneira é Deus. Como explicado por Eckhart, através do exemplo de um homem que escolhe uma ordem religiosa, porque nesta o homem deve se manter, e nela englobar todas as coisas, considerando essa maneira de agir como a indicada por Deus:

Assim, um homem que, saindo do mundo, abrace a vida religiosa numa determinada Ordem escolhida de vez para sempre, tornar-se-ia mais facilmente perfeito do que outro que passasse de uma Ordem para outra, por mais santa que esta fosse. Isto provém da mudança de escolha. Abrace portanto o homem uma boa maneira e permaneça nela e enquadre nela todas as formas e considere esta maneira como a indicada por Deus (ECKHART, 1999, p. 137).

Voltando ao modo dialético com que Eckhart afirma suas ideias, alguém poderia perguntar por qual motivo Deus não acolhe aqueles que não estão preparados para receber sua graça. Como evoluíram? Deus deveria deixá-los morrer antes que chegassem a ter o uso da razão? Seria o melhor para eles?

Eckhart responde que Deus não é destituído de um bem nem destrói a natureza, mas a eleva para a perfeição. Do mesmo modo ocorre com a graça, porque se Deus destruísse a natureza no seu início agiria com maldade e violência, e isso Deus não faz. O homem pode optar em fazer o bem ou o mal de acordo com sua vontade; Deus não quer ser coercitivo para que a natureza não sofra nenhum tipo de violação, pois a graça aperfeiçoa a natureza e não a destrói, Deus leva todas as coisas à perfeição e do mesmo modo devemos agir¹⁰².

Dessa maneira, há uma união, para Eckhart, da vontade do homem com a vontade de Deus, pois a do homem deve buscar o bem, a perfeição, assim como faz a de Deus. Porém, a vontade do homem tem seus limites e precisa ser deixada de lado, já que o homem, a partir de sua interioridade, encontra Deus, porque se conduziu pela vontade divina. Fazendo dessa forma, no exterior, as obras terão um resultado que se equivale ao que é bom e justo frente aos outros homens.

Nesse sentido nos apoiaremos no comentário de Brugger, pois este confirma a ideia que a vontade humana deve ser direcionada pela vontade divina, para que o homem se desprenda por completo, mas ao mesmo tempo, mostra que este direcionamento deve ocorrer

¹⁰²“Não há, portanto nada em Deus que chegue a destruir algo que de algum modo participe do ser. Deus, ao contrário, leva todas as coisas à perfeição. Da mesma forma, também nós não devemos destruir em nós um bem, por menor que seja, nem arruinar uma maneira inferior por uma forma superior, mas procurar aperfeiçoá-las até o mais alto grau” (ECKHART, 1999, p. 138).

desde que o homem conforme sua vontade e deseje que assim seja. Por isso, para que a vontade divina aja é necessário que a vontade humana queira que isso aconteça:

En tanto se sueña todavía con la idea de que se puede cumplir mejor con la voluntad divina hallándose aislado de los hombres, huyendo de tal o cual ambiente, no se comprendido nada del desasimiento verdadero. Esos hombres acaso tienen buena voluntad, pero una voluntad ajena a la de Dios. (BRUGGER, Ilse. in: MEISTER ECKHART, 1983, p. 33).

Desse modo, chegamos a um importante ponto sobre o que é ser justo ou injusto devido a nossa vontade, pois se esta estiver ligada a vontade de Deus será uma boa vontade, uma disposição adquirida pelo homem, ou seja, esta vontade é uma virtude. E, por isso, com a vigésima terceira¹⁰³ questão, Eckhart quis nos dizer que tanto as obras interiores como as exteriores, que praticamos num certo ponto de nossa trajetória em busca da interioridade, devem ser deixadas de lado no sentido em que delas também devem nos desligar. Num primeiro momento, essa ação pode parecer inválida ou sem sentido, pois devemos nos desligar inclusive do que o próprio Deus nos dá. Parece que esse procedimento remete a um desligamento, não só das coisas exteriores, mas de Deus.

Esse sentido, que Eckhart quer referir, é o desligar-se de tudo, quer dizer o reencontrar o caminho que leva a Deus. Para isso, devemos proceder com uma vontade que deve ser unida à vontade de Deus. Em nossas obras, por exemplo, devemos deixar essa união prevalecer, lembrando que nossa vontade não consegue alcançar nada se estiver só. Por isso, nossa vontade deve estar unida à vontade divina, pois é somente a partir dela que podemos chegar ao bem desejado.

Essa nossa conduta pode nos levar a sermos bem-aventurados por realizarmos boas ações, quando concluirmos nossas obras exteriores e interiores. E, desse modo, seremos justos, pois nossa conduta teve em si mesma a coordenação da vontade divina, porque foi assim que queremos por nossa própria vontade.

De modo que a ação de um homem será justa quando sua vontade, que deve estar ligada e coordenada pela vontade divina, aceitar da mão de Deus o que Ele quer nos dar ou não. Assim, um homem que está no nível igual a de um ser que se desprende de suas coisas externas, dos bens que julgamos ao longo dos tempos como necessários, e das coisas internas, como as suas paixões e seus desejos, e bem como até mesmo do próprio Deus, deixa que a

¹⁰³cf. Vigésima terceira questão: “AS OBRAS INTERIORES E EXTERIORES” (ECKHART, 1999, pp. 137-145).

vontade naturalmente, por possuímos em nós uma parte que é divina, se reúna com a vontade de Deus. Portanto, é esta que nos guiara para uma ação justa, mesmo que a ação nos traga sofrimento, dor, mas por agirmos justamente seremos bem-aventurados:

De fato, por mais injustos que sejamos, se aceitarmos das mãos de Deus o que nos quer fazer ou não, se tudo isso aceitarmos como justos da parte de Deus, e se assim sofrermos por causa da justiça, bem-aventurados seremos. Por isso, não te lamentes. Lamenta-te antes porque ainda te lamentas, e não te dás por contente. Lamenta-te unicamente porque ainda te apoias sobre o muito que pretendes ter, pois um homem de mente reta receberia o desconforto total e a falta de tudo com o mesmo ânimo como acolhe o possuir e o dispor (ECKHART, 1999, p. 144).

Em relação a nossas obras, poderíamos ter dúvidas de nossa participação efetiva, sobre quem realmente as opera, se somos nós ou Deus quem as pratica. Dessa participação, Eckhart já nos esclareceu que o homem que se encontra desprendido tem na sua vontade e pela vontade de Deus o que é melhor a ser feito, tanto no interior como no exterior. Sendo que o homem que mantém Deus na sua mente não deve se preocupar com quem pratica a obra, se foi ele ou Deus, ou se provém da natureza, ou da maneira que Deus lhe deu algo. Deve-se deixar, portanto, toda a atribuição de uma obra a Deus, assim como sua natureza ou graça.

Para quem alcançou por si mesmo, esse modo de proceder, ou seja, através do desprendimento reencontrou-se com sua parte divina, age de acordo com o que há de bom em si e o que há de bom no ser tem sua origem em Deus. Por isso, deixar que Deus opere por nós é ter a certeza da realização de boas obras. É importante que Deus nos conceda a união de nossa vontade com a sua. Desse modo, as nossas obras externas serão de acordo com as nossas obras internas, pois ambas se modelaram pelo aperfeiçoamento de nossa interioridade, devido à maior presença de Deus em nós, e de nossas obras externas, e devido a esse acordo, nossas obras serão sempre boas e trarão bons resultados dentro de nossa comunidade.

Portanto, o resultado da realização de boas obras somente acontecerá se estivermos percorrendo o caminho de volta para a nossa interioridade. E neste contexto, é necessária uma mudança na nossa maneira de agir¹⁰⁴. Essa mudança, por sua vez, pode começar ao se adquirirem novas disposições, atitudes e, ainda, um novo modo de agir.

¹⁰⁴ Bezerra diz que a vida reta está diretamente ligada ao modo no qual o homem vive, ou seja, os seus costumes. Por isso, não há como separar sua maneira de viver de seu modo de agir, da sua moral. Logo, quando alguém muda na sua interioridade, esta nova maneira de agir será um novo modo, costume, dentro da comunidade, pois não há cultura sem o agente, demonstrando-se que as normas do meio se desenvolvem a partir da ação do agente: “O que é, pois, a doutrina da vida reta? Num primeiro momento, a vida reta é construída pela dimensão normativa da cultura, cuja função é a de orientar a conduta individual no conjunto sociopolítico. Num segundo momento, é o hábito adquirido e incorporado pelo homem através do processo de socialização. Não existindo um momento sem o outro, não subsistiria a dimensão normativa da cultura sem a ação dos agentes sociais” (BEZERRA, 2004, p. 585). Nesse sentido, para Bezerra, a conduta do homem, independentemente da época,

Neste terceiro capítulo, propomos explicitar que Eckhart, com o texto *Conversações Espirituais*, demonstrou que este novo caminho se dá a partir da aquisição das virtudes, ou o que Silva chamou de atitudes morais, como da verdadeira obediência, da atitude livre e da boa vontade.

Com este texto de Eckhart, relatamos que o homem não tem a necessidade de apenas mudar interiormente; é preciso que esta mudança também ocorra no seu exterior, ou seja, que sua mudança interior se manifeste no seu exterior demonstrando, assim, que ao ocorrer tal mudança, o homem terá na sua comunidade ações que correspondem com o que é bom e justo. Desse modo, teremos nesse homem uma nova maneira de agir moralmente. Para reafirmarmos nossa intenção, a saber, tratar das ideias que se apresentam como filosóficas na teoria de Eckhart, lembremos, por exemplo, o que ele disse ao falar da razão¹⁰⁵. Quando destacamos, na teoria de Eckhart, uma moral, o Mestre, de forma alguma, deixou de lado a razão¹⁰⁶ mesmo quando se trata do que é místico, pois parece que se dispensa a racionalidade quando se fala do misticismo. Todavia, no pensamento eckhartiano, a razão tem um grande destaque por ser a partir desta que o homem se relaciona com o todo, com o particular e com os outros homens. Assim, tem-se a dinâmica na qual a razão se encontra, em que é necessário que o homem a coloque em prática para que consiga ter um bom entendimento de si e do próprio mundo. Pois, assim, a razão o ajudará a se desenvolver na sua interioridade e na exterioridade.

parece ser diferente, mas se orienta para uma determinada direção, que é a sua natureza. Logo o que Eckhart fez foi direcionar a ação humana tendo como base o reencontro com a interioridade, Deus, mantendo-se uma naturalidade que é do homem medieval neste caso: “Por mais diferentes que possa parecer, as articulações internas que formulam as doutrinas da vida reta são todas elas idênticas: determinam a natureza necessária do homem e deduzem de tal maneira, o fim para qual sua conduta deve orientar-se. A Ética medieval assim se mantém: Deus é o fim último do homem” (BEZERRA, 2004, p. 586).

¹⁰⁵ A partir da razão, o homem deve inclinar-se para o que é divino, para o fundamento de Deus, que alma guarda seus vestígios ou marcas. Tem-se 30 razões, no texto da *Divina Consolação*, nas quais se manifestam a relação com próprio divino (DUARTE, 2004, pp. 575-576).

¹⁰⁶ Os filósofos de algum modo posicionaram-se sobre o tema das relações entre fé e razão, tema que trouxe uma infundável polêmica na idade média; não deixaram, contudo, de demonstrar que a fé estava sempre acima da razão. Eckhart não ficou indiferente a este contexto, pois reconheceu a importância da razão, por ser a partir dela que o homem coordena-se nesse mundo, porém, também para Eckhart, a razão deve estar em conformidade com a divindade. Assim se evidenciou o papel que a razão começou a ter no medievo, por isso, podemos lembrar, por exemplo, entre todos os filósofos do período de Santo Anselmo, pois este foi um dos que mais escreveu sobre o tema em suas obras, entre essas o **Cur Deus homo** e o **Monologion**. Para reforçar esta ideia nos apoiaremos no que foi escrito por Vasconcellos em seu texto FIDES RATIO AUCATORITAS O ESFORÇO DIALETICO NO ‘MONOLOGION’ DE ANSELMO DE AOSTA: “Anselmo afirma a prioridade da fé, mas não teme garantir que, para quem se afirmou na fé, não há inconveniente em buscar uma compreensão racional daquilo em que acredita. Por isso, não hesita em fazer uso da dialética, particularmente em seu Monologion, mostrando que a argumentação racional, fundada na fé, em nada contradiz a autoridade, seja a dos padres da Igreja, seja a das sagradas escrituras” (VASCONCELLOS, 2005, p. 14).

Tem-se, desse modo, na ação humana, dentro da comunidade, uma postura que o homem deve ter para que possa agir, por sua vontade, conforme o que é bom e justo. Segundo o próprio Eckhart, no sermão 5a:

Se alguém quer receber essa dádiva de receber em igual modo esse bem e a natureza humana comum e igualmente próxima de todos os homens, então é necessário que estejas, do mesmo modo, na sociedade humana, não estando mais próximo de ti do que de outro, assim como na natureza humana não há nada de estranho, nem mais distante nem mais próximo. Deves amar, estimar e tratar todos os homens como a ti mesmo (ECKHART, 2006, p. 62).

Como vimos neste sermão, e como foi nossa proposta com este terceiro capítulo, no qual tivemos o objetivo de mostrar que no texto das *Conversações Espirituais* Eckhart quis falar da importância da ação humana, no meio social em que vive, mesmo que o homem tivesse a preocupação de receber as dádivas de Deus. Na sua comunidade, o homem agirá de acordo com o que conquistou, ao buscar pela sua interioridade, as virtudes da ação livre, da verdadeira obediência e da boa vontade. De modo que Eckhart, a nosso ver, ao trazer essas novas ideias sobre como deve ser a ação humana, as apresentou de uma maneira que é fundamentalmente filosófica. Voltaremos a este ponto no próximo capítulo desta dissertação, quando trataremos do texto *Sobre Desprendimento*, em que o desprendimento será visto como uma virtude que terá, em si, uma fundamentação especificamente filosófica.

Eckhart fez um percurso, no nosso modo de ver, cujo objetivo era demonstrar para o homem da sociedade em que vivia uma nova maneira de agir, no que diz respeito ao agir humano que deve buscar sua interioridade. A partir do novo modo de agir, o homem também mudará em relação à maneira de proceder no seu exterior e no resultado da sua ação. É esta nova perspectiva que Eckhart quis passar para o agir humano ponto principal, a nosso ver, que o texto *Conversações Espirituais* nos apresentou através da prática e da aquisição das virtudes pelo homem.

CAPÍTULO IV

SOBRE O DESPRENDIMENTO: a virtude do desprendimento frente às outras virtudes.

Com este capítulo, chegamos ao tema do desprendimento¹⁰⁷, um tema central na obra de Eckhart. O desprendimento é uma parte da mística¹⁰⁸ eckhartiana de extrema importância já que é a partir do desprendimento que o homem tem a possibilidade de se encontrar com Deus, pois quando se age com desprendimento das coisas interiores e exteriores se abre para o ser a condição de voltar-se completamente para sua interioridade, a parte divina existente no ser. Pode-se, desse modo, ter a condição de entrar em um processo de evolução do ser humano. Por isso, tentaremos mostrar que essa ideia de Eckhart é apresentada a partir de uma formulação filosófica na qual o autor conceitua o desprendimento como uma virtude, dizendo o porquê de ser uma virtude, e o compara com outras virtudes para evidenciá-lo como a melhor delas.

A partir desse momento, o desprendimento é tratado por Eckhart como algo que precisa ser trabalhado¹⁰⁹, conquistado e adquirido. Na obra *Sobre o Desprendimento*¹¹⁰, o autor apresenta o tema sobre as virtudes¹¹¹, pois, para Eckhart, o desprendimento é uma

¹⁰⁷A palavra Abgeschiedenheit, como já acenamos anteriormente, é de difícil tradução. Por isso devemos pensar em sinônimos como desprendimento, completa disponibilidade e total liberdade. Este conceito traduz a própria natureza de Deus e o processo do ser humano no caminho de assemelhar-se a Deus. É um dos textos maiores da mística cristã evocando traços da mística oriental (BOFF. in: MESTRE ECKHART, 1999, p. 147).

¹⁰⁸“No imaginário especulativo da mística, a vida é interpretada como uma ‘geração eterna’. Gênese é aprendida como irrupção, ruptura, rompimento. O lugar da ruptura não é visto de antemão: ‘Isto Deus reservou apenas para si mesmo’. O lugar do começo de um desenvolvimento conjuntural do ser, como rompimento, se declara à semelhança da essência de Deus como ‘um negar do negar’” (GARCIA, 2010, p. 33).

¹⁰⁹No sentido de se desprender das coisas exteriores o desprendimento refere-se a um processo que precisa ser trabalhado. Este trabalho é um progresso espiritual do homem que depende individualmente de cada um, pois cada ser pode fazer da maneira que melhor lhe satisfaz. Porque conforme a vontade, individual, de cada pessoa é que ela evolue, conforme foi salientado por Brugger: “El progreso espiritual no depende de procedimientos exteriores, como estar de vigilia, ayunar, etcétera. Si ayudan, en buena hora; si estorban, hay que dejarlos. El << modo >> de avanzar no importa – y puede ser distinto para cada cual – pero sí, la integridade de la voluntad que decide sobre el valor del desasimiento” (BRUGGER. in: MESTRE ECKHART, 1983, p. 32).

¹¹⁰Eckhart. *Sobre o desprendimento e outros textos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, pp. 1-27.

¹¹¹Quando Eckhart fala do desprendimento destaca outras virtudes, que não são as mesmas que foram vistas no texto sobre *As Conversações Espirituais*, mesmo que haja uma relação entre elas. Essa diferença também não é notada, por exemplo, em Boaventura e Anselmo, pois especificamente nas obras *o Brevíloquio* e *o Cur Deus Homo* não tratam especificamente das virtudes, mas elas são encontradas em partes específicas das obras desses

virtude que se relaciona com outras virtudes¹¹², tais como o amor¹¹³, a humildade¹¹⁴ e a misericórdia¹¹⁵.

O amor é a virtude que nos obriga suportar todas as coisas por Deus; a humildade visa o aniquilamento do próprio eu e a misericórdia, por sua vez, é o sair de si mesmo e dirigir-se para as misérias dos nossos semelhantes, nos remetendo, desse modo, para um estado de tristeza.

Ao fazer a relação do desprendimento com essas virtudes¹¹⁶, Eckhart estabeleceu que o desprendimento fosse colocado acima destas, por exemplo, ao falar do amor se diz que os mestres têm por este uma elevada estima, porém Eckhart tem mais apreço pelo desprendimento pelo seguinte motivo:

O desprendimento sincero está acima de tudo, já que todas as virtudes de alguma maneira estão voltadas para as criaturas, enquanto o desprendimento está desligado de todas as criaturas. Foi por isso que nosso senhor falou a Marta: “Unum est necessarium”, o que significa: Marta quem quiser evitar aflições e permanecer puro precisa ter uma coisa, isto é, desprendimento (ECKHART, 2004, pp. 3-4).

Vemos aqui a importância do desprendimento, mas o que é propriamente dito desse desprendimento? Trata-se de uma parte da mística de Eckhart. Entretanto, antes de nos remetermos ao significado do desprendimento, é importante, neste momento, mostrarmos como Eckhart definiu sua ideia sobre o que significa mística para que possamos qualificar a importância dada pelo autor ao desprendimento.

A mística para Eckhart se divide em dois momentos de uma experiência, quais sejam:

autores: em Boaventura nos Capítulos VI, VII, VIII, IX e X da parte IV da obra o *Brevilóquio* e em Anselmo no livro I, Capítulos IX, X e XI da obra *Cur Deus Homo*. Já em Eckhart, as virtudes são estudadas de maneira relevante em sua obra *Sobre o desprendimento*.

¹¹² Na tradução da Martins Fontes são as virtudes: o amor, a humildade e a misericórdia. ECKHART, Mestre. *Sobre o desprendimento e outros textos*. Introdução GwendolineJarezyk e Pierre-Jean Labarriére. (Breves encontros). Tradução: Médio-Alto Alemão Alfred J. Kellen. São Paulo: Martins Fontes (2004, pp. 3-7). Já na edição do livro, publicado pela Editora Vozes, coordenado por Leonardo Boff as virtudes são: caridade, humildade e misericórdia (pp. 148-151). ECKHART, Mestre. *A mística de ser e de não ter*. Coordenação: Leonardo Boff. Conversações Espirituais. Petrópolis /RJ: Vozes, 1983. Nota-se uma confusão na tradução, não nos dando a certeza se a tradução correta do alemão para o português é amor ou caridade, aqui usaremos a tradução, para o português, da virtude denominada de amor.

¹¹³ Eckhart. *Sobre o desprendimento e outros textos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 4.

¹¹⁴ Idem, ibidem, pp. 6-8.

¹¹⁵ Idem, ibidem, pp. 9.

¹¹⁶ As virtudes são possíveis sem o desprendimento, mas seriam incompletas, em suas manifestações, quando praticadas. Já quando se tem um perfeito desprendimento, naturalmente as virtudes se manifestam por terem o desprendimento como base.

a) A experiência da multiplicidade ou da dualidade: nesta a consciência humana tem uma relação de separação entre o uno e o múltiplo. O eu vive uma disjunção do mundo e de si mesmo.

b) A experiência da unidade: nesta a consciência está em oposição à multiplicidade ou à diversidade, chegando ao conhecimento do uno por um processo de mediação que suprime a contradição existente entre Deus e mundo. Mas, para realizar esta unidade, é preciso resolver a oposição entre consciência e Deus e, para isso, se fazem necessários dois movimentos dialéticos, que são:

b1) A mística do desprendimento: na qual a pessoa se desprende do exterior, do mundo sensível, e do interior, de suas próprias vontades, desejos e sentimentos. Desse modo, o desprendimento é negação de si mesmo¹¹⁷ para que o espírito se una com o uno (Deus). Este movimento, para Eckhart, é uma reflexão, uma especulação ou meditação na qual predomina a unidade com o uno.

b2) A mística da encarnação: depois do desprendimento, o espírito não se fecha em si mesmo, para o uno. Ele se insere no mundo no ato de encarnar para assumir o mundo positivamente e elevar toda a realidade para o uno. Para Eckhart, esse movimento é um discurso simbólico.

Com essa pequena abordagem sobre a mística de Eckhart, esperamos ter qualificado quais os parâmetros desenvolvidos como um método de reflexão, que veio auxiliar o homem no curso do desenvolvimento pessoal. Tem-se, nesse caso, o desprendimento como ponto central em nossa avaliação da mística eckhartiana, mesmo que o desprendimento seja apenas uma parte do todo que compõe a mística, mas é a partir dele que começamos a nos afastar de tudo que não é de Deus e a nos unir a tudo que é Deus.

Assim, a mística só é completa com a experiência do desprendimento, pois esta aponta para uma consciência que separa e une o homem interior e exterior. Esse homem deve se desprender do mundo para que possa voltar-se para sua interioridade, ou seja, deve ocorrer uma busca pela perfeição humana¹¹⁸.

¹¹⁷ “Por un proceso de abstracción semejante se eleva el hombre desde la multiplicidad abstracta de los conceptos de todas las cosas. El alma de un hombre semejante no tiene ya más nada en común esto o aquello em sentido material (...)” (GUTIÉRREZ, 2004, pp. 534-535).

¹¹⁸ A mística de ECKHART apresenta um modo, que podemos chamar de reflexivo, pois tem em si um procedimento que se vale, quando utilizado pelo homem, de uma análise para se saber qual a melhor tomada de posição que o homem deve seguir. Essa análise deve ter como base o desprendimento, para que seja possível que o ser se mantenha sempre livre, no seu interior e no seu exterior, das coisas que podem lhe afastar da parte divina existente em si, ou seja, de Deus. Dessa maneira é que deve proceder um homem para que possamos caracterizá-lo como místico, segundo Leonardo Boff no seu texto *Mestre Eckhart A mística da disponibilidade e da libertação*, que aparece na introdução da obra de Eckhart. *O Livro da Divina Consolação e outros textos seletos*. Com a seguinte passagem do texto de Boff se confirma qual é a ação que melhor qualifica um homem místico:

Desse modo, o desprendimento, que aqui é o nosso foco, traz uma nova maneira de como se deve agir para que em nossa ação se tenha um constante desligar-se tanto no que se refere ao interior, afastando-se dos maus pensamentos, quanto no que se refere ao exterior, através de nossas ações, pois tanto o interior como exterior afastaram o homem de Deus. Por conseguinte, com o desprendimento, o homem se aproxima de Deus, porque Deus está dentro do desprendimento, como diz Eckhart: “Mas o desprendimento fica tão próximo do nada que nenhuma coisa é suficientemente sutil para poder manter-se dentro do desprendimento, a não ser Deus” (ECKHART, 2004, p. 5).

Logo, o desprendimento deve estar sempre do nosso lado, em nossas ações no decorrer de nossas vidas¹¹⁹ e, por isso, para Eckhart, o desprendimento tem *status* de uma virtude em que as outras virtudes se encontram e sem ele não é possível encontrar nenhuma outra virtude no homem¹²⁰. Assim, é necessário que façamos uma abordagem de quais são as virtudes que se verificam na obra *Sobre o desprendimento* e qual a relação destas com o homem.

Nas virtudes que encontramos neste texto de Eckhart, constatou-se uma diferença importante, que abordaremos neste trabalho já que o autor faz uma comparação entre as virtudes do amor, da humildade e da misericórdia com uma nova virtude, que é chamada de desprendimento. Sendo que nesta comparação o desprendimento é mais importante que estas virtudes pelos motivos que trataremos a seguir.

Ao colocar o desprendimento acima do amor, Eckhart diz: “(...), porque o melhor do amor é que ele me força a amar a Deus, enquanto o desprendimento força Deus a me amar.

“O místico não nega o mundo e não há como negá-lo. Mas não vê o mundo a partir do mundo. Contempla-o a partir de Deus, em Deus, com Deus e para Deus. O mundo é pura ralação; não existe, é nada, fora desta relação divina que continuamente o cria e o tira do nada. O místico vê o nada presente na origem de cada ser; e o nada não permanece na origem passada; continua presente no originário de cada criatura; ela permanentemente sai, pelo gesto criador de Deus, do nada, num processo que o mítico capta porque se coloca dentro de Deus” (BOFF. in: MESTRE ECKHART, 1999, p. 22).

¹¹⁹ O desprendimento deve ser um constante modo de agir, para que o homem mantenha-se vigilante em si mesmo. Pode-se, desse modo, agir constantemente sem ligar-se a nenhuma coisa sensível que leve ao afastamento de si e, do mesmo modo, às coisas interiores que também podem afastá-lo de si.

¹²⁰ “Este *estado último/de origem*, atributo do próprio Deus e do homem, que é ‘uma só forma’ com Deus, não é portanto fruto de uma negação imediata que procederia de uma depreciação imediata de uma da realidade exterior. Trata-se, antes, de uma negação tão total que ela mesma se inclui em seu próprio processo; o homem desprendido adquiriu, sem dúvida, liberdade em relação ao efêmero, mas é livre em relação a essa própria liberdade, na medida em que ela represente uma *aquisição*; desprendimento, e de Deus mesmo, na medida em que ele se acrescenta ou crescente o que quer que seja ao homem tal como é. O que está em jogo não é a receita para efetuar o vazio em si mesmo e *ganhar* sabe lá que insensibilidade universal, e sim, mais essencialmente, um movimento de ‘irrupção’ e de ‘retorno’ pelo qual o ser vem ao encontro de si mesmo tal como era desde sempre em Deus, antes que as criaturas existissem. Um ‘repousar em si’, ser uno consigo mesmo – um ser-si” (JARCZYK e LABARRIÈRE. in: MESTRE ECKHART, 2004, p. XIV-XXV).

Ora é muito melhor eu fazer a Deus vir ao meu encontro do que eu me forçar a ir ao encontro de Deus.” (ECKHART, 2004, p. 4).

Eckhart quer dizer que, com o desprendimento, Deus junta-se mais facilmente com o homem do que ele poderia unir-se com Deus. Por isso, é salientado por Eckhart que a partir do desprendimento se força Deus a vir até nós, pois cada coisa deve estar no seu lugar natural e o lugar de Deus é com a unidade e a pureza e essas decorrem do desprendimento¹²¹, e, além disso, o desprendimento não nos deixa suscetíveis a nada, a não ser Deus. O amor nos obriga a amar a Deus e mais vale não ser suscetível a nada, a não ser Deus, do que suportar todas as coisas por Ele.

O sofrimento, pelo amor¹²², tem uma atenção pela criatura que sofre, pois é dela que vem o sofrimento. Já o desprendimento é livre de toda a criatura e é por esse motivo que, para Eckhart, o desprendimento, sendo ele uma ação constante, mais do que o amor afasta o ser dos sofrimentos, que são constantes nas criaturas. Por isso, se abre um espaço, uma condição, para que Deus se una ao ser sem nenhum tipo de obstáculo. De modo, que no amor, têm-se algumas condições de como seguir, possuir Deus para que o homem se una com Ele. Já o desprendimento isenta o ser destas condições por ser tão próximo do nada, que nenhuma coisa se mantém nele, a não ser Deus¹²³.

Eckhart também coloca o desprendimento acima da humildade, mesmo que para o ser perfeito tenha que estar acompanhado de uma humildade perfeita¹²⁴. O desprendimento existe sem humildade, e não ao contrário, e é por isso que Eckhart tem mais apreço por ele e o coloca acima da desta:

(...) No entanto, eu tenho mais elogios para o desprendimento do que para humildade, e este é o motivo: a humildade pode existir sem desprendimento, mas

¹²¹ “Por isso Deus sente a necessidade de entregar-se ao coração desprendido” (ECKHART, 2004, p. 5).

¹²² “E digo mais, que todo sofrimento provém do amor àquilo de que a perda me privou. Portanto se perda de coisas exteriores me faz sofrer, eis aí um indicio seguro de que tenho amor às coisas exteriores e, por conseguinte, de que na verdade eu amo o sofrimento e o desconsolo” (ECKHART, 1999, p. 56).

¹²³ “Só ele é simples e sutil a tal ponto de conseguir ficar dentro do coração desprendido. Por isso o desprendimento não é suscetível a nada que não seja Deus” (ECKHART, 2004, p. 5).

¹²⁴ “A base firme que sustenta essa perfeição é a humildade, porque o espírito daquele que aqui mais se rebaixa em sua natureza alçar-se aos cumes da divindade, pois o amor traz sofrimento e o sofrimento traz amor. Por isso, quem quiser chegar ao desprendimento perfeito deve procurar a perfeita humildade e assim se aproximará da perfeita divindade” (ECKHART, 2004, p. 26). Na prática de uma ação se deve ter presente a humildade, porque a partir dela se tem um constante recomeçar como se fosse um ciclo de nascimento e morte, no qual é preciso negar-se para que se possa nascer novamente. Por isso, se diz que a humildade vem da terra, pois a terra guarda a semente, mas da semente se tem uma árvore que é negação da semente, tendo-se, assim, a partir da negação uma morte da qual se efetua um nascimento: “A humildade vem de húmus, de terra, cujo ciclo, já é sempre o abandonar-se ao jogo de afirmação e negação, de nascimento e morte. A terra resguarda a semente em seu íntimo a faz nascer como outra – como árvore. A árvore que é então a negação da semente – a semente deixa de ser semente para se concretizar como árvore e flor, ou seja, toda a afirmação, todo nascimento se efetua desde a negação, desde a morte” (SOUZA, 2007, p. 72).

não pode haver desprendimento perfeito sem humildade perfeita, uma vez que a humildade perfeita visa ao aniquilamento do próprio eu. Ora, o desprendimento está tão próximo do nada que entre o desprendimento perfeito e o nada não pode haver nada. É por isso que o desprendimento perfeito não pode existir sem humildade. Mas duas virtudes são sempre melhores do que uma (ECKHART, 2004, p. 6).

Existe outra razão para Eckhart considerar o desprendimento acima da humildade. É que a humildade faz com que a criatura se curve diante de outra criatura e quando um homem se submete a outro ele sai de si mesmo. Enquanto no desprendimento o ser permanece em si mesmo, e não há nada mais nobre para Eckhart do que permanecer em si mesmo. Porque o desprendimento perfeito não quer se sujeitar a nada e nem se elevar a nenhuma criatura, pois o desprendimento não quer ser nada, por não querer nem isso nem aquilo.

Assim sendo, o desprendimento é um passo de extrema importância no desenvolvimento, evolução, do ser humano. O próprio Jesus Cristo não deixou de lado o desprendimento mesmo que, com toda a humildade, tenha tomado a natureza humana para si, ou seja, tenha se tornado homem.

Eckhart conclui a relação do desprendimento com as virtudes ao falar da terceira e última virtude, no texto *Sobre o Desprendimento*, que é a misericórdia. Antes de ser praticada, a misericórdia também precisa do desprendimento, por ser ele o ponto de partida para se ter uma ação pura, correta. Sem o desprendimento a misericórdia leva o homem a sair de si mesmo, aproximando-o das tristezas dos outros, do mundo, como um todo, porém o homem desprendido se afasta de todas essas coisas. E, por esse motivo, Eckhart coloca o desprendimento acima da misericórdia:

Enalteço o desprendimento acima de toda misericórdia, uma vez que a misericórdia nada mais é do que o homem sair de si mesmo para dirigir-se às misérias de seus semelhantes, o que acaba entristecendo-o. O desprendimento está livre disso permanecendo em si mesmo e não se deixando entristecer; na medida em que há algo que possa entristecer o homem, há algo de errado com ele (...) (ECKHART, 2004, p. 9).

Desse modo, tem-se para Eckhart, o desprendimento como uma virtude que não é superior às outras, mas acima delas porque o homem desprendido abre caminho para que todas as outras virtudes se manifestem nele. E, assim, sendo o homem deve agir no decorrer de sua vida de maneira desprendida, (tanto das coisas exteriores – bem materiais, como das coisas interiores – sentimentos como o de paixão, por exemplo). Desse modo, tomando o desprendimento como indispensável, o homem terá o encontro com Deus, e esta é a relação que ele deve buscar com as outras virtudes. Porque a partir da virtude do desprendimento é

que se tem uma constante relação com Deus¹²⁵. É, por isso, que se deve relacionar o desprendimento com todas as virtudes que o homem deve possuir (nesse caso, as virtudes do amor, da humildade e da misericórdia), pois é só a partir de uma ação desprendida que as virtudes terão como surgir em um homem.

Nesse caso, ao qualificar o desprendimento como uma virtude, Eckhart, a nosso ver, não só o conceitua como o formula como uma categoria filosófica, pois quando se fala em uma virtude nos remetemos a um modo de agir, maneira de agir, que deve ser seguido por alguém dentro de um meio social. O mesmo foi estabelecido por Eckhart nos textos *O Homem Nobre* e nas *Conversações Espirituais*.

O ser desprendido, o que se encontra em total desprendimento, se encontra na eternidade e nada de transitório é capaz de seduzi-lo, ou atraí-lo, pois ele não sente nenhum tipo de gosto ou atração pelo mundo terreno. O ser que se encontra em um constante desprendimento acaba sendo levado até a igualdade com Deus¹²⁶, porque, para Eckhart, Deus

¹²⁵ “Em resumo: examinando todas as virtudes, não encontro nenhuma que seja tão sem mácula e que una tanto a Deus quanto o desprendimento” (ECKHART, 2004, p. 9).

¹²⁶ A igualdade na qual Eckhart compara o homem com Deus foi uma de suas ideias levadas a julgamento, por ser considerada herética. Sobre essas ideias, um dos escritos mais famosos foi o sermão 18, comentado por Luis Carlos Lisboa no seu livro sobre Mestre Eckhart: *“Nada importa muito se não se trata de descobrir em nós o Absoluto”*, que falava da imagem e semelhança do homem com Deus. Em um sentido que Deus gerou o homem como seu filho, mas como se fosse a si mesmo, gerando-o em sua própria natureza, como seu próprio ser (LISBOA, 1986, p. 22). Essa ideia se faz presente no texto *Divina Consolação* quando Eckhart diz que é preciso que o homem se desfaça de tudo que não seja de Deus para que possa unir-se a Ele: “E como já disse do estar vazio ou desnudo, que a alma, quanto mais pura e nua e pobre for, e quanto menos criaturas possuir, e quanto mais vazia se encontrar de tudo que não seja de Deus, tanto mais pura será sua posse de Deus e em Deus, e maior sua união com Deus e sua intuição em Deus, e a de Deus nela, face a face, como que sobre formada na imagem de Deus, (...). E como a igualdade flui do Uno e atraí e alicia pela força e na força do Uno, por isso não há descanso nem satisfação para o que atraí, nem para o que é atraído, até que se unam numa coisa só” (ECKHART, 1999, pp. 66-67). “Ademais, quando nosso senhor, o filho, diz:] este negue-se a si mesmo e tome a sua cruz e venha a mim]], o que ele quer dizer é isto: faça-se filho como eu sou filho, Deus engendrado e (torne-se) o mesmo uno que eu sou e que eu, inabitando e inestando, derivo do seio e do coração do pai. Pai, diz o filho, eu quero que aquele que me segue, que vem a mim, esteja ali onde eu estou (cf. Jo 12,16). Ninguém no sentido próprio da expressão, vem ao filho enquanto este é filho, salvo o que se torna por sua vez filho, e ninguém está ali onde está o filho que, no seio e no coração do Pai, é um no uno, senão aquele que é filho” (ECKHART, 1999, pp. 76). No sermão 52, Eckhart fala da igualdade do homem com Deus de uma forma que aproxima o homem ainda mais da igualdade com Deus, tanto que esse sermão foi um dos polêmicos escritos sobre esse tema: “Mas na irrupção, onde estou vazio de minha vontade própria, da vontade de Deus, de todas as suas obras e até mesmo de Deus, ali sou acima de todas as criaturas e não sou nem ‘Deus’ nem criatura, sou antes o que eu era e o que permaneceréi agora e para sempre. Recebo então um embalo que me deve elevar acima de todos os anjos. Nesse embalo recebo tão grande riqueza que Deus não me pode ser suficiente com tudo o que é como ‘Deus’ e como todas as suas obras divinas. É nessa irrupção Deus me é partilhado de modo que eu e Deus somos um” (ECKHART, 2006, pp. 291-292). Para salientar ainda mais a importância desse tema, lembramo-nos do sermão de número um, no qual Eckhart fala da necessidade de nos livrarmos de tudo, ao ponto de estarmos vazios, sem nada em nossa mente, ou coração. Eckhart remeteu à passagem do evangelho, na qual nosso senhor entrou no templo e expulsou os que ali compravam ou vendiam (Jo 2,16), para que ali não aja nada mais do que o próprio Deus e assim o homem também deve estar para que a divindade de Deus dele se aproxime. A igualdade do homem com Deus é, para Eckhart, em um sentido no qual Deus criou o homem, com sua alma, como única coisa que pode ser comparada com Ele: “E foi também que ele fez. Tão igual a si fez a alma do homem que, dentre todas as esplêndidas criaturas por Ele maravilhosamente criadas, não há, nem no reino do Céu nem sobre a terra, nenhuma que se iguale tanto a Ele, a não ser unicamente a alma humana. Por

só é Deus devido ao desprendimento que provém e tem sua origem na pureza, na simplicidade e na imutabilidade¹²⁷.

Segundo Eckhart, alguém poderia objetar ao dizer como pode haver um desprendimento inabalável em Cristo, por exemplo, se este exclamou que sua alma estava triste, ou um desprendimento em Maria, pois esta se lamentou diante da cruz. Eckhart responde salientando que no seu interior, o homem que está trabalhando para que sua parte divina seja redescoberta, o seu ser se encontra em desprendimento inabalável. É deste modo que Cristo e Maria estavam falando de coisas externas, do homem exterior, mas o homem interior continuava em seu desprendimento inabalável:

Ora, em Cristo havia também um homem exterior e um homem interior, da mesma maneira como em Nossa Senhora; o que quer que Cristo e Nossa Senhora tenham falado sobre coisas externas, falaram-no segundo o homem exterior; enquanto isso o homem interior continuava em seu desprendimento inabalável. Foi assim que Cristo disse: “Minha alma está triste até a morte”, e mesmo que Nossa Senhora se lamentasse e falasse outras coisas mais, em seu interior continuava sempre num desprendimento inabalável (ECKHART, 2004, p. 18).

Eckhart, ao dar essa resposta, retomou a ideia de que na natureza do homem há dois tipos de homem¹²⁸, o que se vale dos cinco sentidos, da sensibilidade, é o homem exterior, todavia, mesmo este age pela força da alma. O outro é o homem interior, o espiritual, que não tem mais necessidade de recorrer às forças da alma que movem os cinco sentidos¹²⁹ do homem exterior. Contudo o interior só se dirige ao exterior como um guia que coordena os sentidos, para que a ação não seja igual à de um animal. Porém, diferentemente, são as ações de algumas pessoas que vivem conforme sua voluptuosidade, como os animais, pois agem sem juízo. Por esse motivo, seria melhor caracterizar essas pessoas como se fossem iguais aos animais e não como homens.

Todas as forças que são da alma, além daquelas dedicadas aos cinco sentidos, são dedicadas ao homem interior e quando um homem volta-se para o que é nobre, a alma captura todas as forças que havia dado aos sentidos. Este homem passa a ser considerado sem nenhum

isso, Deus quer esse templo vazio, a ponto de ali não haver nada mais do que Ele só. Esta é razão porque esse templo lhe agrada tanto, já que lhe é justamente tão igual e Ele se sente tão bem aconchegado nesse templo, sempre que nele só Ele se encontra” (ECKHART, 2006, p. 39).

¹²⁷ “Esse desprendimento inabalável eleva o ser até a maior igualdade com Deus, porque Deus é Deus por causa de seu desprendimento inabalável, e o seu desprendimento é a origem de sua pureza, de sua simplicidade e de sua imutabilidade” (ECKHART, 2004, p. 11).

¹²⁸ “Saiba, então, que os mestres dizem que há em todo o homem dois homens: um se chama o homem exterior, da sensibilidade; esse se vale dos cinco sentidos, mas mesmo assim o homem exterior age pela força da alma. O outro se chama o homem interior, que é a interioridade do homem” (ECKHART, 2004, pp. 16).

¹²⁹ Eckhart já havia estabelecido, no texto *O Homem Nobre*, a diferença entre homem interior e exterior, mas agora deixa evidente a maior importância da interioridade, pois nos traz algumas ideias que reafirmam o homem interior como aquele que é o único que pode se encontrar com Deus.

sentido e imóvel, pois seu objeto passa a ser uma imagem racional ou alguma coisa que corresponda com a racionalidade sem nenhum tipo de imagem. Porque Deus espera que todo o homem se una a ele com sua alma completa em todas suas forças¹³⁰.

Notamos que, ao retomar suas ideias sobre as naturezas existentes no homem, Eckhart evidencia nesse momento, no texto sobre o desprendimento, a ideia da função que a razão tem como sendo, também, proveniente de Deus. E, por isso, o ser ao buscar Deus terá a condição de se orientar com um grande discernimento, por ter sua razão totalmente conectada com o bem, Deus. Assim, a razão escolherá sempre o que é correto para que se tenha uma boa ação¹³¹.

Desse modo, para Eckhart, a razão coordena o homem de duas maneiras: interiormente, na busca de Deus, e exteriormente, na organização das tarefas que são referentes aos sentidos para que essas tarefas, que são realizadas no mundo interior e no mundo exterior, sejam bem feitas e não desviem o homem de seu propósito. Percebemos aí uma das grandes influências de Eckhart: Agostinho. De fato, o bispo de Hipona, em **A Cidade de Deus**, fala de duas cidades, sendo que o homem é cidadão de ambas; em tal ponto, vemos uma interessante analogia entre os dois homens, interior e exterior, feita por Eckhart e as duas cidades de Agostinho, a de Deus e a dos homens (cf. AGOSTINHO, 1990, XVII, 49, pp. 368).

De Boni, em seu estudo sobre “A NOÇÃO DE PAZ DE AGOSTINHO NO DE CIVITATE DEI”, no qual é apresentada a diferença que o hiponense faz entre a cidade dos homens e a cidade de Deus, vem a nosso encontro na medida em que acentuam as duas naturezas existentes no homem. Mas, a nosso ver, a importância da interioridade se apresenta com uma maior importância por ser nela que o homem pode alcançar Deus; na exterioridade manifestam-se as coisas comuns, a cidade terrena que afasta o homem de Deus. Porém, é, na

¹³⁰ “E todas as forças que a alma tem além daquelas que dedica aos cinco sentidos, ela as dá ao homem interior, e, quando o homem se volta para um objeto elevado e nobre, a alma recolhe todas as forças que havia emprestado aos cinco sentidos, de modo que esse homem passa a ser considerado sem sentidos e estático, já que seu objeto é uma imagem racional ou alguma coisa racional sem imagem. Mas é bom saber que Deus espera de todo o homem espiritual que o ame com todas as forças de sua alma” (ECKHART, 2004, p. 17).

¹³¹ Para que se tenha a boa ação, é preciso que o homem aja a partir de sua razão, porém esta deve estar amparada na divindade para que não caia em erro, por isso é que Eckhart disse que o homem deve direcionar sua vontade para a vontade de Deus. De modo que o ser desprendido facilmente se livra da sua vontade e deixa Deus vir até ele, sendo que esse homem age de acordo com a vontade de Deus porque assim quis. E do mesmo jeito deve ocorrer com sua razão, o homem deve estar livre de si, porém conectado com Deus, pois Deus se conecta espontaneamente com o homem que está desprendido. Sendo que se agir de maneira racional, pois a razão está inclinada para as coisas que são de Deus, como no exemplo dado por Joaquin Cardozo Duarte, em seu texto “**A HIPERÉTICA ECKHARTIANA E A REDESCOBERTA DA VIDA DA CONSOLAÇÃO EM TEMPO DE DESFUNDAMENTAÇÃO DA MORAL**”, quando afirma a inclinação que a razão deve ter para Deus: “A razão deve inclinar-se para aquilo de que Deus é o fundamento (Grunt/Grund) e de que a alma guarda os vestígios ou as marcas” (DUARTE, 2004, p. 576).

exterioridade que o homem deve começar modificar-se, a partir de suas ações, que devem corresponder com o que é bom, ou seja, com Deus:

Acontece, porém, que na vida presente, nos encontramos todos vivendo corporalmente na cidade terrena, mas dentro dela “dois amores” nos levam por caminhos diferentes. Sem dúvida, vivemos todos na cidade terrena, mas uns pertencem a ela, outros à cidade de Deus. Contudo, a cidade de Deus, no peregrinar deste mundo, apenas se deixa esboçar, se deixa entrever, porque sua realização só acontecerá quando os justos fruírem para sempre de Deus (DE BONI, 2003, p. 191).

Eckhart salienta que um homem, a partir de sua razão, se direciona para fazer coisas de acordo com sua vontade, mas esta vontade deve estar sujeita à vontade divina como demonstrado no texto das *Conversações Espirituais*. A razão deve estar orientada para realizar o que é certo, justo e bondoso, ou seja, para o que é de Deus.

O homem que realiza ações contrárias a essa disposição age como um animal. Eckhart esclarece que a racionalidade é o ponto que diferencia os homens dos animais, e como alguns homens não agem de acordo com o que é racional por procurarem fora de si, e de Deus, o que eles consideram como bom estes homens acabam por se afastarem de sua parte divina e, por esse motivo, suas ações não correspondem a nenhum tipo de ação virtuosa.

Outra ideia apresentada por Eckhart, e de grande importância para o que pretendemos mostrar neste capítulo, está ideia é que o desprendimento tem uma função reguladora, tanto no homem interior, pois controla as paixões e sentimentos, quanto no homem exterior, porque é ele que faz com que o homem esteja constantemente atento para que as coisas do mundo exterior não o façam desviar ou se iludir de modo que suas ações não sejam conforme as virtudes. Porque Eckhart qualifica o desprendimento como uma virtude primordial que abre espaço para que as outras virtudes, amor, humildade e misericórdia sejam realizadas pelo homem.

Interessa-nos apontar que Eckhart, ao apresentar o desprendimento como uma virtude, quer mostrar que a partir dele e com ele o ser tem uma maior disponibilidade¹³² e receptividade para se encontrar com Deus, porque com o desprendimento se pode ter toda força do amor, da humildade e da misericórdia, ou seja, é o desprendimento que faz com que as virtudes sejam realizadas plenamente. E, desse modo, o homem teria ações que naturalmente estariam em conformidade com o que é bom e teria em si uma maior

¹³² “Chega-se à perfeita disponibilidade pelo desejo incessante e insaciável de Deus. Mas não se trata de um desejo de posse, pois isto constituiria um obstáculo porque colocaria o eu e não Deus no centro. Trata-se de uma busca de Deus que deixe Deus ser Deus (Deus essencial na terminologia de Eckhart). Ela deve ser adequada à natureza de Deus; por isso deve ser uma sede insaciável. Onde quer que vamos, o que pensarmos e fizermos, a sede nos acompanha” (BOFF. in: MESTRE ECKHART, 1999, p. 41).

disponibilidade e receptividade para unir-se com a divindade, pois Eckhart dizia que Deus age diferentemente em cada ser¹³³, devido a essas disposições:

Ora, não existe repouso mais perfeito do que no coração desprendido. Por isso Deus prefere estar nele, mais do que em outras virtudes ou em quaisquer coisa. Saiba também que o homem é tanto mais feliz quanto mais se esforça para tornar-se receptível à influência divina; por isso, quem consegue alcançar a maior disponibilidade está na maior felicidade. Mas ninguém consegue tornar-se receptível a influência divina a não ser pela conformidade com Deus, porque, na medida em que qualquer ser humano se conforma com Deus, torna-se receptível a influência divina (ECKHART, 2004, p. 23).

Neste viés, o homem que está no caminho correto, que é o encontro com Deus, chega a um momento de sua trajetória em que não sentirá mais falta de nada, nem de oração, pois o coração desprendido não quer nem deseja nada. Porém, essa maneira de agir deve começar com uma ação exterior para que se possa chegar ao interior. Contudo, nessa maneira de agir, exterior, se deve buscar a aquisição¹³⁴ e a prática das virtudes, mas, ainda, para que aconteça esse movimento, é imprescindível que se tenha o desprendimento na conquista, como na prática das virtudes.

Jarczyk e Labarrière vêm a nosso encontro no que diz respeito à ideia que para Eckhart o desprendimento surge como uma virtude que tem um status primordial, frente às virtudes do amor, da humildade e da misericórdia¹³⁵. Os autores mostram como, segundo Eckhart, a prática de uma dessas virtudes exige que o homem saia de si e o desprendimento faz com que o ser permaneça em si. Mas as virtudes são contrárias a esse movimento, de permanecer em si, de acordo com Eckhart. Essa ideia também é ressaltada por Jarczyk e Labarrière em seus comentários, por isso o desprendimento tem uma função essencial na ação humana, como queremos apresentar na teoria eckhartiana. Dessa forma, concordamos quando os autores se referem ao desprendimento como uma virtude que faz com que o ser permaneça em si. Para que as virtudes sejam completas não devem estar separadas do desprendimento, mas devem estar junto com ele, porque é ele que faz com que se tenha uma ação com amor, humildade e misericórdia, sem que haja um afastamento de si mesmo:

¹³³ “Deus não age de modo igual em todos os corações, ele age de acordo com a disponibilidade e a receptividade de que neles encontra” (ECKHART, 2004, p. 20).

¹³⁴ Conforme Eckhart nos esclareceu, no texto *as Conversações Espirituais*, a partir das virtudes da ação livre, da verdadeira obediência e da boa vontade, o mesmo deve acontecer no desprendimento.

¹³⁵ “[...] Mestre Eckhart afirma que o desprendimento vale mais que as tênues virtudes correntemente tidas como as mais essências e as mais integrantes: o amor, a humildade, a misericórdia” (JARCZYK e LABARRIÈRE. in: MESTRE ECKHART, 2004 p. XXII).

Em suma, o ser desprendido exerce de maneira eminente, numa espécie de conaturalidade que abarca tudo, o amor, a humildade e a misericórdia; ele os alcança efetivamente/eficazmente em seu fundo, no que faz a densidade deles; desprendido ele é capaz de amor, é humilde e misericordioso, na medida em que o desprendimento implica essas próprias virtudes como sua matriz e sua unidade (JARCZYK e LABARRIÈRE. in: MESTRE ECKHART, 2004, p. XXIV).

Assim, para Jarczyk e Labarrière, o desprendimento é o ponto máximo no qual se tem um pleno conhecimento, pois é com ele que o homem se dirige ao conhecimento de tudo. Esse conhecer tudo também deve ser deixado de lado; o ser deve se desprender deste, para negar-se a si mesmo para que, desse modo, o homem possa encontrar sua forma mais pura e originária, pois se encontrando com essas, se encontra com Deus, em um mesmo nível, porque Deus também se encontra em uma forma pura e originária.

Portanto, quando Eckhart qualifica o desprendimento como uma virtude, poder-se-ia dizer que não se tem nenhum tipo de categoria filosófica no desprendimento justamente por ser uma parte da mística e esta, por sua vez, não poderíamos vincular a uma ação moral ou teoria ética. Porém, a nosso ver, no decorrer deste capítulo, tratando do desprendimento tal como é visto pelo autor, percebemos que Eckhart o qualificou e o diferenciou das outras virtudes. De modo que se evidenciou a existência de uma categoria filosófica, que pode ser contestada, mas que não pode ser negada em relação a sua presença.

Por fim, ao chegarmos a esta importante constatação, que é nossa proposta neste capítulo, com esse trabalho, com o qual buscamos estabelecer se existem virtudes e quais são estas na obra de Eckhart. Contudo, mesmo que na teoria de Eckhart não se tenha um conceito que seja relevante sobre como a vida do homem deve ser, porém trás uma diferença, pois, o foco é outro em relação às virtudes. Porque Eckhart deixa em segundo plano todas as virtudes que, como um todo, eram exaltadas no período medieval, e lança uma nova virtude, o “Desprendimento”. Logo, é esta nova virtude que o homem deve ter em si, porque só com ela e a partir dela é que ele pode libertar-se (tanto do mundo interior, como do exterior) abrindo espaço para que as outras virtudes se manifestem, mas essa manifestação não descarta o desprendimento, pois ele deve estar sempre presente.

Eckhart, ao trazer à tona essa virtude, estabeleceu uma nova perspectiva para a vida do homem de seu tempo, do fim da idade média, de como a vida poderia ser de outro modo para que se pudesse chegar a Deus. Porque a partir da virtude do desprendimento¹³⁶ se tem a

¹³⁶ Bezerra, ao comentar o significado de desprendimento, o coloca como atitude a ser realizada, uma virtude necessária que deve ser adquirida pelo homem, que coloca alma em um processo de evolução que se dá a partir do despojamento completo, ou seja, se tem uma ação que precisa ser analisada e a partir dessa análise deve-se verificar como mudá-la, para que se tenha uma nova ação, atitude, que venha fazer com que o homem evolua como um agente que está inserido em um meio social. Logo, temos aqui uma categoria filosófica que é

possibilidade de Deus vir ao homem, diferentemente das outras virtudes, em que é a partir delas que o homem pode chegar a Deus.

Eckhart qualificou o desprendimento como uma virtude e, por isso, a nosso ver, a partir dessa ideia se está falando de uma teoria que é filosófica. Desse modo, mesmo que o desprendimento seja uma parte da mística de Eckhart, e em um primeiro momento não pareça ser possível falar de uma teoria, ou conceito, ou ideia filosófica, parecendo ser algo especificamente religioso, percebe-se, porém no decorrer deste quarto capítulo, que nossa intenção foi a de demonstrar que no conceito sobre desprendimento¹³⁷ se tem presente uma estrutura de ideias que são filosóficas e estas foram detalhadas ao apresentarmos as virtudes do amor, da humildade e da misericórdia, por elas necessitarem do desprendimento para serem praticadas, pois estas também, no seu conteúdo, podem ser consideradas religiosas.

Entre essas ideias, por exemplo, sobre as quais constantemente apontamos que se apresentaram nas virtudes aqui estudadas, está presente o que significava para Eckhart um homem bom¹³⁸, no que se refere a ele ser justo¹³⁹, nobre despegado¹⁴⁰. Esse homem deve adquirir qualidades para que possa se desenvolver, não somente no que diz respeito ao seu lado espiritual, religioso, mas também para que possa viver em uma comunidade: que a partir das próprias ações esse homem seja bom para todos os outros homens. Assim, estamos nos

apresentada por Eckhart como a virtude do desprendimento: “O que é uma alma livre e como se faz para possuí-la? Ele diz que tal processo – um processo que nesta vida nunca termina – necessita do despojamento completo. Ou seja, para que o homem se torne livre, necessário se faz que o homem se despoje de tudo. É essa a virtude mais perfeita, na qual o homem se vincula e se acerca o mais possível de Deus (...). Primeiro que tudo, nos diz ele, o desprendimento é uma atitude fundamental. Uma atitude de libertação de imagens e fixações, de superação, que implica numa renúncia decidida de si mesmo”(BEZERRA, 2004, pp. 592-593).

¹³⁷ Quando um homem se remete ao desprendimento como um ato virtuoso, deve estar disposto que este desprendimento seja completo. Podemos dizer que esse processo deve começar a partir da aquisição da pobreza que o homem deve ter como é destacado por Eckhart, como uma pobreza que deixa algo para trás, que não é necessário para o homem. Nesse caso, esta se divide em uma pobreza do querer, do saber e do ter, sendo a última o último nível desse processo. E, a partir dessa forma de aquisição da pobreza, encontramos um constante desprendimento em seus níveis destacando-se, desse modo, o que Eckhart chamava de perfeição humana, que é possível somente com auxílio do desprendimento (cf. BOFF, 1999, pp. 37-42, JARCZYK e LABARRIÈRE. in: MESTRE ECKHART, 2004, pp. XXXI-XLII).

¹³⁸ “Assim se verifica e se constata o que eu disse neste livrinho: que o homem bom, na medida em que é bom, entra totalmente no próprio ser da bondade que é Deus em si mesmo” (ECKHART, 1999, p. 61).

¹³⁹ “Digo pois: se o homem bom e justo que sofre um mal exterior se mantém inabalável na serenidade e na paz do coração, então o que eu dizia é verdade: o justo não se entristece, pouco importa o que lhe ocorra. Se, ao contrário, ele se entristece com o mal exterior, então Deus procedeu com justiça permitindo que esse mal lhe ocorresse, visto que pretendia e supunha ser justo, embora se deixasse abater por coisas de tão pequena monta”(ECKHART, 1999, pp. 55-56).

¹⁴⁰ O homem desprendido se une a Deus conhecendo o que ainda não tinha acesso, por esta se encontrar obscura e tapada em si mesmo, que é a parte divina que existe em todos os homens, que foi criada por Deus, e que através da busca da interioridade pode ser retomada: “Por isso digo: Quando o homem se desprende de si mesmo e de todas as coisas criadas – na medida em que isso fizeres, serás unido e bem-aventurado na centelha da alma, que jamais tocou nem tempo nem lugar. Essa centelha contradiz todas as criaturas e nada quer a não ser Deus, despidido, como ele é em si mesmo” (ECKHART, 2006, p. 270).

remetendo ao modo como deve ser uma comunidade, é que estamos falando de ideias que são de cunho moral e ético, as quais, para nós, Eckhart evidenciou em sua teoria.

Neste sentido, procuramos mostrar que Eckhart estava falando de uma moral que deveria ser acessada por todos os membros da sociedade, sejam estes religiosos ou não. Assim, a partir da teoria eckhartiana, no nosso ponto de vista, começou-se a questionar as ações do homem medieval, do fim da idade média. Além, disso, Eckhart apresentou um novo modo de como o homem deveria agir, mesmo que esse modo fosse uma mística, que pretendia mostrar para o ser a necessidade de voltar-se para si mesmo, que tinha em seu ponto central o encontro com Deus.

Deste modo, poderíamos nos indagar se este novo homem, do qual Eckhart estava falando, estava relacionado a uma teoria que o filósofo medieval desenvolveu apenas para religiosos e, por isso, a comunidade, como um todo, não teria acesso a essas ideias desenvolvidas por Eckhart. Entretanto queremos mostrar que Eckhart estava falando para todos os homens, do meio social em que vivia e, por isso lembramos do que disse Ryke, ao comentar o misticismo do século XIV:

La grande nouveauté de la mystique des derniers siècles du Moyen Age est qu'elle sort du cloître: elle se développe en dehors des institutions monastiques où primitivement elle était née. Cette mystique est le fait de laïcs ou de gens qui ne sont pas parfaitement intégrés dans les structures officielles de l'Église, cléricales ou monastiques. Certes, les grands Rhénans sont des dominicains, mais ils prêchent, dans le cadre de la direction spirituelle, à un public qui n'est pas entièrement compris dans les institutions ecclésiastiques. Il s'agit essentiellement de femmes - religieuses dominicaines ou laïques comme les béguines - qui poursuivent une quête personnelle de perfection spirituelle devant conduire à l'union avec Dieu (RYKE, 2000, p. 62)

Assim, a partir do que foi dito por Ryke, temos um forte motivo para crermos que Eckhart estava propondo, em suas ideias, uma reformulação moral que era possível para todos os homens, independentemente que esses sejam religiosos ou não. Além do mais, notamos que Eckhart, apesar de dar uma maior importância à busca pela interioridade, sempre salientou que devemos ter uma ação exterior que corresponde com o nosso interior. Conforme expresso por Carlos Ruta, em seu artigo “**Mundus intellectualis: el aporte de Avicena al estudio del concepto de verdad em Meiter Eckhart**”, o autor, ao dizer que na busca pela interioridade se tem um progressivo caminho ao encontro do real, da verdade.

Esse encontro não se realiza no exterior, caracterizando em Eckhart uma preferência que se direciona a favor da interioridade para que o ser possa buscar seu aperfeiçoamento, mas, além disso, para Ruta há na teoria de Eckhart, para que se possa falar em verdade, uma

união entre interior e exterior, ao se falar em uma complementação¹⁴¹ entre verdade e interioridade, se está dizendo que o homem, a partir de sua ação interior, deve começar a agir de acordo com a verdade, no exterior, a qual pode ser encontrada na sua interioridade. E este é mais um exemplo, para nós, que estamos complementando com este terceiro capítulo, ao nos referimos a ideias que são filosóficas, nos textos que nos propomos a apresentar nesta dissertação, sobre a teoria de Mestre Eckhart.

¹⁴¹ “las sugerencias referidas que nos aproximan al nexo referido de “verdad” e “interioridad” han de completarse, desde otro plano, por la incidência de um núcleo genuíno de ideas condensado singularmente (...)” (RUTA, 2004, p. 620).

CONCLUSÃO

Com esta dissertação, nossa intenção foi trazer à tona as ideias do filósofo do fim da idade média, Mestre Eckhart, que se destacou como um dos grandes expoentes do movimento místico que teve seu auge entre os séculos XII e XV, sendo que nossa prioridade foi destacar ideias que, a nosso ver, são caracterizadas como filosóficas na teoria do autor, no que diz respeito à moral, pois quando se falou, ou se fala, em mística medieval parece ser inviável falar de moral. Porque o conteúdo que compõe a mística parece não ser possível destacar categorias que sejam filosóficas.

Porém este é o desafio que, intencionalmente, procuramos enfrentar através deste trabalho, não porque quiséssemos que nossa ideia fosse considerada inovadora ou superior, mas propomos este desafio. Portanto, para nós, na teoria de Eckhart, existem pontos que não deixam de discutir a ação humana somente no que diz respeito a ideias que são religiosas, mas são de cunho moral por mostrar a ação do homem dentro da sua comunidade, que neste caso se realçam dentro das teorias conhecidas como místicas.

Por isso, inicialmente no primeiro capítulo, foi necessário remeter a algumas das principais influências de Eckhart, porque a partir dessas influências é que se desenvolveram algumas das ideias mais importantes do filósofo. Essas ideias repercutiram em vários textos do autor e, por isso, trouxemos para debate, especificamente, três textos de Eckhart, que para nós, apresentam temas que têm em si um teor filosófico. Assim sendo, nos capítulos seguintes, apresentamos os textos *O Homem Nobre*, *Conversações Espirituais* e *Sobre o Desprendimento*. Em tais textos, pretendemos apontar que entre os textos existe uma relação, pois mostram uma progressiva mudança de comportamento do ser humano. Pode-se, desse modo, constatar que, em cada um desses textos, se apresentam ideias que são filosóficas.

Queremos dizer, ao falarmos de ideias filosóficas nos textos de Eckhart, que no texto *O Homem Nobre*, ao se ter dito que o homem deveria tomar o rumo da interioridade, se definiu a existência de duas naturezas no homem, a exterior, ligada ao mundo sensível, e a interior, que corresponde ao mundo inteligível. Ao ter feito essa relação, Eckhart, de certo modo, retomou conceitos filosóficos que já existiam desde antiguidade, desde Platão, e se

estenderam ao mundo medieval, com Agostinho, e ultrapassaram sua época com Descartes e Kant.

Podemos discutir as diferenças, ou as semelhanças das ideias de Eckhart, sobre o homem interior e exterior com as ideias de outros filósofos, mas não podemos negar a existência de um teor filosófico do qual Eckhart se utiliza para tratar da interioridade e da exterioridade, pois quando ele definiu a existência dessas duas naturezas no homem, apontou quais as propriedades existentes em cada uma. Ao expor a necessidade que o homem tem de voltar para sua interioridade, o filósofo mostrou os meios necessários para que o homem elimine as propriedades externas. Sendo que é esta a maneira que o ser pode voltar para sua interioridade. Tendo-se, assim, uma mudança no exterior que leva a uma retomada da interioridade. Para Eckhart, no interior do homem há uma grande presença de Deus, que é bom justo e verdadeiro e, por consequência, esta retomada da interioridade se mostrará também no exterior, nas ações do homem. Por esse motivo, se destaca uma mudança no modo de agir deste homem.

Mas para chegar a este nível, Eckhart salientou que o homem precisava mudar o que tem em si, como homem interno e externo. É nessa diferença, tal como é mostrada na teoria eckhartiana, que se percebem categorias filosóficas como já salientamos, no texto *O Homem Nobre*, e que se apresentam também no texto das *Conversações Espirituais*, texto no qual o caráter filosófico de Eckhart se realça de modo conceitual, como é facilmente perceptível. Neste texto as virtudes (ação livre, verdadeira obediência e vontade livre) são apresentadas da maneira como devem ser adquiridas pelo homem, a partir de boas ações, para que ele possa voltar-se a sua interioridade.

E para que isso aconteça é preciso que se tenha uma ação exterior que corresponda à interioridade, na qual está a parte divina existente no homem, porém tal ação se dá em um contexto social que não é deixado de lado por Eckhart já que o autor especifica a necessidade de mostrarmos nossa mudança interior no exterior, como ficou esclarecido a partir das *Conversações Espirituais*, na sociedade em que vivemos. Para que esse processo seja completo, Eckhart mostrou a necessidade de se ter presente, na ação humana, um desprendimento total, primeiramente de si mesmo e, em seguida, do próprio Deus, de modo que o ser esteja por completo desprendido de tudo que está ligado ao mundo sensível e ao mundo inteligível.

Por esse motivo, o desprendimento, que é uma parte da mística de Eckhart, é conceituado pelo autor como uma virtude que é dada como a principal de todas as virtudes, por ser a partir dela que se abre a possibilidade de que, na ação, as outras virtudes sejam

realizadas, que são as virtudes do amor, da humildade e da caridade. Ao falar dessas virtudes estamos nos referindo ao quarto capítulo desta dissertação, no qual tratamos do texto *Sobre o Desprendimento*, em que Eckhart mostra o desprendimento como uma virtude, que é comparada com as outras virtudes. Por isso, também, neste caso, como no *O Homem Nobre* e nas *Conversações Espirituais*, estamos apontando categorias filosóficas que são apresentadas por Mestre Eckhart.

Porque ao falar que o desprendimento é uma virtude, Eckhart apresenta os modos, os passos, para que o homem venha a agir de modo desprendido. Deste modo, é necessário que o homem adquira esta virtude para que possa ter uma ação constantemente desprendida. E, conseqüentemente, esta virtude deve ser correntemente executada na ação externa e na ação interna.

Deste modo, temos uma nova virtude que foi lançada por Eckhart: o desprendimento, que está acima das outras virtudes por ser a partir dele que estas podem ser adquiridas e realizadas pelo homem, para que possa se reencontrar com Deus. Assim sendo, para nós se apresenta nessas ideias, da teoria eckhartiana, uma concepção filosófica que procuramos relatar e mostrar suas características no decorrer dos três capítulos deste trabalho, que tratam especificamente das obras de Eckhart, mesmo que, como propomos no quarto capítulo, o desprendimento é uma das partes daquilo que se conceituou por mística, que parece não ser, em um primeiro instante, uma ideia filosófica. Porém, buscamos caracterizar, a partir dos pontos que apresentamos de que o desprendimento é uma ideia filosófica, presente no pensamento de Eckhart. O ser desprendido faz com que Deus venha até o homem. Com as outras virtudes, é o ser que tem que buscar Deus, mas, para Eckhart, é melhor que Deus venha ao encontro do homem, porque além de ser menos doloroso, neste homem Deus viu uma nobreza, pois com o desprendimento, o homem deixa que as virtudes, do amor, da humildade e da misericórdia sejam realizadas perfeitamente.

Na ação é preciso que tenhamos sempre presente o desprendimento, para não ficarmos ligados, ou presos, às coisas que possam nos afastar de Deus. É preciso que o desprendimento, entendido como uma virtude, seja demonstrado como ele é encontrado no que diz respeito à função, sua relação, com os outros textos de Eckhart que apresentamos no segundo e terceiro capítulos desta dissertação.

Portanto, no segundo capítulo, quando abordamos o texto *O Homem Nobre*, procuramos apresentar, a partir das ideias de Eckhart, as duas naturezas do homem e a busca pela retomada da interioridade, em que o autor mostra uma nova maneira que o homem precisa deixar de lado as coisas exteriores e, de certo modo, também as interiores, para que

possa se reencontrar com sua parte divina que existe em si, que foi esquecida devido à maior atenção dada às coisas exteriores. Num primeiro momento, pode parecer que não estamos falando de um tema especificamente filosófico, porém, pelo contrário, procuramos caracterizar que Eckhart nos trouxe uma teoria eminentemente filosófica, mesmo que esta apareça, inevitavelmente, de um modo místico.

A nosso ver, Eckhart, ao diferenciar o homem interior do exterior, mostrou quais os requisitos que os diferenciam, pois há no homem duas naturezas, a sensível e a inteligível, sendo que nesta diferença percebemos a herança filosófica recebida pelo autor. Por isso, ao falarmos dessa diferença, tivemos o propósito de apontá-la como uma ideia filosófica na teoria eckhartiana, pois, a partir dela, se estabeleceu que o homem precisava retomar a sua parte divina. Desse modo, foi dada uma maior importância à interioridade, por ser através dela que se dá o reencontro com Deus. Contudo, esse reencontro não se mostra somente no interior do homem, pois ele também deve ser notado no exterior, na ação humana, na qual se deve refletir a mudança que se obteve, logo, também, se verifica uma perspectiva de mudança na moralidade humana, que é um aspecto filosófico na teoria de Eckhart o qual desenvolvemos no decorrer do terceiro capítulo.

Desde o segundo capítulo, indicamos, apesar de não ser este o aspecto estudado no segundo capítulo, a necessidade do desprendimento. No entanto, somente a partir do quarto capítulo o desprendimento começou a ser visto como uma virtude, porque é neste capítulo que Eckhart mostra que devemos nos desprender do exterior, dos bens materiais, dos prazeres proporcionados pela vida, para que possamos, deste modo, nos ligar ao nosso interior. Este processo começou a se evidenciar desde os seis degraus da evolução, presentes no texto *O Homem Nobre*. De modo que, desde o primeiro até o sexto degrau, o homem tem que deixar algo para trás, se desprender, para que possa de degrau em degrau alcançar, subir, evoluir, como ser e, no último degrau, chegar ao máximo de sua evolução, se encontrando com Deus. Porém, no fim desse processo, também é necessário que o desprendimento seja total, ou seja, que haja um desprendimento de si mesmo, do interior, para que o homem fique livre por completo das suas paixões e sentimentos, ficando disponível ao acesso de Deus.

Esse processo tem uma continuidade que não se restringe apenas ao texto *O Homem Nobre*, já que se faz presente no texto das *Conversações Espirituais*, que é abordado no terceiro capítulo do nosso trabalho, no qual apresentamos outro aspecto filosófico que tivemos a pretensão de apontar na teoria de Eckhart, que são as virtudes da ação livre, da verdadeira obediência e da boa vontade. Ao relatarmos a apresentação dessas virtudes como uma teoria filosófica de Eckhart, ressaltamos que este tema caracterizou-se ao longo dos períodos da

história da filosofia, pois estes se consolidaram como conceitos importantes, porque tratavam, e ainda tratam até hoje, de como devem ser guiadas as melhores ações que devem ser realizadas pelo homem, como já foi feito, por exemplo, por Aristóteles, na antiguidade, e por Tomás de Aquino, no período medieval. Essas virtudes devem ser adquiridas e executadas durante a ação, sendo este um aspecto ressaltado por Eckhart, pois o homem está inserido dentro de uma comunidade e nesta deve agir de acordo com sua mudança interior não importando o lugar em que está, seja sozinho ou em um meio social.

Além do mais, com as vinte e três questões que compõem o texto das *Conversações Espirituais*, Eckhart quis aprofundar o tema das virtudes, pois estas devem ser adquiridas e praticadas no momento em que ocorre a ação, porque a partir dessa ação se mostra a mudança interna que se deu através da aquisição e da prática das virtudes. Isso é verificado dentro do meio social em que se vive, no qual nossa ação deve corresponder ao que é justo, bom ou a qualquer outra característica que possa nos aproximar de Deus. Ainda que, nas *Conversações Espirituais*, Eckhart não ressalte o desprendimento como ponto principal do texto, como também ocorreu em *O Homem Nobre*, pois neste a importância da ação humana, dentro de um meio social, é destacada, mas Eckhart, neste texto, ainda não se remete a aquisição das virtudes, porém no texto das *Conversações Espirituais* ele diz que a ação humana precisa ser transformada com aquisição e prática das virtudes.

Ainda assim, para adquirir e praticar tais virtudes se começa a perceber a importância do desprendimento, porque em cada ação é preciso que o homem se desprenda de alguma coisa. Tem-se, desse modo, o desprendimento como uma necessidade para que nossa ação seja livre, obediente, e de acordo com a boa vontade, pois estas só ocorrem se estivermos livres para que Deus venha até nós. Dessa forma Eckhart, também neste texto das *Conversações Espirituais*, demonstra suas ideias filosóficas: a aquisição e a prática das virtudes. A prática se estabeleceu no texto *Sobre o Desprendimento*, pois fala do desprendimento como uma virtude, por ele ser necessário para que as outras virtudes se realizem, as virtudes do amor, da humildade e da misericórdia.

Nossa intenção, através da análise e demonstração dos três textos que fazem parte desta dissertação, é salientar que na teoria de Mestre Eckhart se apresentam ideias com teor filosófico, por estas tratarem da moral. O desprendimento é a base de todas essas ideias, pois vimos, desde o segundo capítulo, que Eckhart salienta sua importância, cujo ponto central está no quarto capítulo, no qual ele é propriamente nosso objeto de análise. Demonstra-se, desse modo, que no conjunto das obras de Eckhart há uma relação constante entre a ação exterior, do mundo sensível, com a do mundo interior, do mundo inteligível.

Portanto, como foi nosso propósito, apresentamos que na teoria Eckhartiana se tem ideias que são claramente filosóficas, porque vão ao encontro de teorias morais, como a ação e prática das virtudes, nas quais Eckhart apresenta uma reformulação moral que se evidencia no conjunto das obras, que nos propormos a estudar neste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBRAS DE ECKHART

ECKHART, Maestro. **Obras Alemanas. Tratados y Sermones.** Traducción, Introducción e Notas de Ilse M. de Bugger. Barcelona: Edhasa, 1983.

_____. **A mística de ser e de não ter.** Coordenação e Introdução: Leonardo Boff, O.F.M. Conversações Espirituais. Petrópolis/RJ: Vozes, 1983.

_____. **O homem nobre.** Tradução e comentários de Osmar Schaefer e Agemir Bavaresco. Pelotas: Educat, 2004.

_____. **O Livro da Divina Consolação e outros textos seletos.** 2. ed. Várias Traduções. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. *O Repouso de Deus.* Extraído de Prologi opus Tripartitum... Introdução e Editoração: Konrad Weiss, 1964. Tradução de Fr. Orlando Bernardi. Curitiba: Santilla, v. 7, n. 1, jan./jun. 2010, p. 139-156.

_____. *O Silêncio da Criação.* In: ECKHART, Mestre. **O Livro da Divina Consolação e outros textos seletos.** Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2005.

_____. **Sermões Alemães: sermões 1 a 60.** Tradução e Introdução: Enio Paulo Gianchini; Revisão de tradução: Márcia Sá Cavalcante Schuback; Apresentação: Emmanuel Carneiro Leão. Bragança Paulista: Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **Sermões Alemães: sermões 61 a 105.** Tradução Enio Paulo Gianchini; Revisão de tradução e glossário: Hemógenes Harada; Apresentação Emmanue Carneiro Leão. Bragança Paulista: Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Sobre o desprendimento e outros textos.** Introdução Gwendoline Jarezyk e Pierre-Jean Labarriére. (Breves encontros). Tradução: Médio-Alto Alemão Alfred J. Kellen. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Reden der Unterweisung: Meister Eckhart Traktate.** Die deutschen Werke V, W. Kohlhammer 1963, 505-538.

_____. **Von Abgeschiedenheit: Meister Eckhart Traktate.** Die deutschen Werke V, W. Kohlhammer 1963, 539-547.

_____. **Vom edlen Menschen: Meister Eckhart Traktate.** Die deutschen Werke V, W. Kohlhammer 1963, 498-504).

OBRAS COMPLEMENTARES

ANSELMO DE CANTUÁRIA. **Por que Deus se fez homem?** (Cur Deus Homo). Tradução Daniel Costa. São Paulo: Novo Século, 2003.

BEZERRA, Séphora. *O lugar de Deus em Mestre Eckhart: a mística do desprendimento como valor atemporal.* In: COSTA, M. R. N.; BONI, L. A. de (org.). **A ética medieval face aos desafios da contemporaneidade.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

DE LIBERA, Alain. **Filosofia Medieval.** São Paulo: Loyola, 1998.

DUARTE, Joaquim Cardozo. *A hiperética eckhartiana e a redescoberta da via da consolação em tempo de desfundamentação da moral.* In: COSTA, M. R. N.; BONI, L. A. de (org.). **A ética medieval face aos desafios da contemporaneidade.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

GARCIA, Gilberto Gonçalves. *A compreensão de vida e seu sentido derivado como vida ativa e contemplativa na visão mística dos sermões de Mestre Eckhart*. In: Curitiba: **Scintilla**, v. 7, n. 1, jan./jun. 2010, p. 25-52.

GUERIZOLI, Rodrigo. *Mestre Eckhart: o modelo de integração entre ética e teologia*. In: COSTA, M. R. N.; BONI, L. A. de (org.). **A ética medieval face aos desafios da contemporaneidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. *A CONDENAÇÃO DE MESTRE ECKHART: APRESENTAÇÃO E TRADUÇÃO DA BULA PAPAL IN AGRO DOMONICO*. **Sintese**, Belo Horizonte, v. 27, 89, 2000.

GUTIÉRREZ, R. *La concepción de la racionalidad em Eckhart: entre Aristóteles y el Idealismo Alemán*. In: COSTA, M. R. N.; BONI, L. A. de (org.). **A ética medieval face aos desafios da contemporaneidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

HARADA, Hermogenes. *Comentário do Sermão 52 de Mestre Eckhart*. Curitiba: **Scintilla**, v. I, n. 1, 2004.

PLATÃO. **Banquete. Plotino, do Amor**. Tradução: Alberto Pinheiro. São Paulo: Atena, 1948.

_____. **Diálogos / Platão**; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; tradução de José Calvalcante de Souza, Jorge Palekat e João Cruz Costa. – 5. Ed. – São Paulo: Nova Cultural, 1991. – (Os Pensadores)

REALI, Giovanna. **Filosofia antiga**. Tradução: Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo, 1994. (SÉRIE História da Filosofia)

RUTA, Carlos. *Mundus Intellectualis: El aporte de Avicena al estudio del concepto de verdad em Meister Eckhart*. In: **A recepção do pensamento greco-romano, árabe e judaico pelo Ocidente Medieval**. / Luis Alberto De Boni, Roberto Hofmeister Pich (organizadores). – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. 775 P. (Coleção Filosofia; 171)

ROSA, Homero. *Santo Agostinho: o problema do mal e a busca da verdade*. In: Vasconcellos, Manoel; Silva, Lucas. (org). **STUDIA MEDIAEVALIA**. Pelotas: Editora Cópias Santa Cruz Ltda, 2011, pp. 9-16.

RYKE, Benoît Beyer de. **Maître Eckhart. une mystique du détachement**. Bruxelles: Ousia, 2000.

SANGALLI, Idalgo. **O Fim Último do Homem – da eudaimonia aristotélica à beatitude agostiniana**. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

SANTO AGOSTINHO. **Solilóquios e a Vida Feliz**. Revisão H. Dol Bosco. São Paulo: Paulus, 1998 (Patrística; 11).

SILVA, Tiago do Rosário. *A experiência do silêncio na mística eckhartiana*. In: Imagem e Silêncio. FEDERICO, Oscar; BEZERRA, Cícero Cunha (org.). Natal: EDUFRN Editora da UFRN, 2009.

SILVA, Adelmo José Da. *Mestre Eckhart, sua vida, sua mística*. In: COSTA, M. R. N.; BONI, L. A. de (org.). **A ética medieval face aos desafios da contemporaneidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SOUZA, Adriana Andrade de. *Sobre o não-saber ou a experiência da liberdade em mestre Eckhart*. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. Orientador: Prof, Dr. Luis Henrique Dreher. JUIZ DE FORA, 2007.

VASCONCELLOS, Manoel. **Fides ratio auctaritas: o esforço dialético no ‘Monologium’ de Anselmo de Aosta**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. 264 p.- (coleção filosofia: 187).

VASCONCELLOS, Manoel. *A interioridade como via de acesso a Deus no pensamento de Santo Agostinho*. In: **Dissertatio**. Pelotas Instituto de Ciências Humanas: Departamento de Filosofia, número 10 (Verão de 1999/Pelotas UFPEL, 1999).

ZILLES, Urbano. *A imortalidade da alma no Orfismo em Platão e Plotino*. In: **Fides ET Ratio: Festschrift em homenagem a Cláudio Neutzling** / [organizado por] Avelino da Rosa Oliveira, Neiva Afonso Oliveira – Pelotas: EDUCAT, 2003.